UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FEUSP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

BEATRIS CLAIR ANDRADE

**MULHERES E HOMENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE E O PROCESSO DE
ESCOLARIZAÇÃO: SUAS PERCEPÇÕES**

São Paulo (SP)

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FEUSP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

BEATRIS CLAIR ANDRADE

**MULHERES E HOMENS EM PRIVAÇÃO DE LIBERDADE E O PROCESSO DE
ESCOLARIZAÇÃO: SUAS PERCEPÇÕES**

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como pré-requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Área de concentração: Estado, Sociedade e Educação

Orientador: Prof. Dr. Roberto da Silva

São Paulo (SP)

2019

Nome: Beatris Clair Andrade

Título: Mulheres e homens em privação de liberdade e o processo de escolarização: suas percepções

Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, como pré-requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Aprovado em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

MEMBROS TITULARES

Orientador: Prof. Dr. Roberto da Silva – FEUSP

Prof. Dra. Carolina Bessa Ferreira de Oliveira – UFSB

Prof. Dra. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin – UFSC

MEMBROS SUPLENTE

Prof. Dra. Sonia Maria Kruppa – FEUSP

Prof. Dra. Geysa Spitz Alcoforado de Abreu – UDESC

Prof. Dra. Joana Darc Teixeira – FIB

ANDRADE, Beatris Clair. **Mulheres e homens em privação de liberdade e o processo de escolarização: suas percepções.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

RESUMO

O projeto de pesquisa que resultou na elaboração do presente trabalho está interligado com a trajetória profissional de 21 anos de experiência da pesquisadora na área da Educação em espaços prisionais. Este trabalho é permeado por interpretações à luz de referenciais teóricos que reforçam a compreensão de princípios legais, conceitos e concepções, tais como: o direito de todos à educação, os desafios da oferta de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no contexto do cárcere, as descontinuidades no percurso escolar do público da EJA, sobretudo de mulheres e homens que ingressam no sistema prisional e buscam nesse espaço a oportunidade de voltar à escola para continuar e possivelmente concluir a sua escolaridade básica. O tema geral do projeto de pesquisa teve como foco analisar as percepções de mulheres e homens privados de liberdade, frente ao processo de escolarização no interior de duas unidades prisionais de Santa Catarina: o Presídio Feminino de Florianópolis e a Penitenciária de Florianópolis em dois momentos de pesquisa de campo – no ano de 2010 e no ano de 2018. A coleta de dados ocorreu por imersão da pesquisadora no interior das referidas unidades e por meio de entrevistas semiestruturadas, com alunos e alunas, ex-alunos e ex-alunas da Escola do Complexo Penitenciário de Florianópolis, vinculada ao Centro de Jovens e Adultos (CEJA) de Florianópolis. As entrevistas foram realizadas e gravadas em áudio, no espaço interno das unidades prisionais, sendo uma unidade exclusivamente masculina – a Penitenciária de Florianópolis – e a outra exclusivamente feminina – o Presídio Feminino de Florianópolis. A transcrição literal das falas constituiu o material empírico para foco de análise qualitativa com base na perspectiva teórico metodológica de abordagem da análise de conteúdo, cujo objetivo é compreender as percepções expressadas, por meio dos depoimentos pessoais de homens e mulheres na condição de privação de liberdade, sobre o(s) sentido(s) do estudo dentro da prisão. Os resultados apontaram, com algumas evidências encontradas nas falas dos sujeitos, que para as mulheres voltar a estudar é, sobretudo, um ato de reconciliação familiar, de demonstração do desejo de conquistar a credibilidade social e de influenciar positivamente na vida escolar de seus filhos e netos. Para os homens, essa aposta se vincula, principalmente, com a vida futura fora da prisão, com a perspectiva de profissionalização e com o mundo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Direito à Educação. Escola. Prisão. Percepções.

ANDRADE, Beatris Clair: **Incarcerated Women and Men and the schooling process: their perceptions.** 2019. Thesis (Master Degree in Education) – Faculty of Education of the University of São Paulo, São Paulo, 2019.

ABSTRACT

The research project that resulted in the elaboration of this study is interconnected with the researcher's 21 years of professional experience in Education in penitentiary spaces. It is permeated by interpretations grounded on theoretical references, which support the understanding of legal principles, concepts, and notions, such as: every person's right to education; the challenges of offering *Educação de Jovens e Adultos* [Young People and Adult's Education – EJA] in penitentiaries; the discontinuities in the schooling path of EJA's target audience, especially women and men who enter the prison system and search within it the opportunity to go back to school to continue, and possibly complete, their basic education. The research project's general theme focused on analyzing the perceptions of women and men deprived of freedom regarding the process of education within two prison units in Santa Catarina: the Female Prison of Florianópolis and the Penitentiary of Florianópolis in two moments of field research – 2010 and 2018. The data was collected by being immersed in the aforementioned units and through semi-structured interviews with current and former students of *Escola do Complexo Penitenciário de Florianópolis* [School of the Penitentiary Complex of Florianópolis], linked to *Centro de Jovens e Adultos* [Center for Young People and Adults – CEJA] of Florianópolis. The interviews were conducted and recorded on audio within the prison units. One unit – the Penitentiary of Florianópolis – has exclusively male population, while the other – the Female Prison of Florianópolis – is exclusively female. The literal transcription of the interviews constituted the empirical material to focus the qualitative analysis based on the theoretical methodological perspective for approaching the Content Analysis, which sought to understand the perceptions expressed, by means of the personal testimonies, about the sense of studying while in prison for men and women deprived of freedom. The results pointed out, with supportive evidence found in the subjects' discourses, that women going back to studying is, above all, an act of reconciliation with family, of demonstrating the desire of achieving social credibility and positively influence the school life of their children and grandchildren. For men, this gambit is linked mainly to their future life outside of prison, with the perspective of professionalization and world of work.

KEYWORDS: Right to education. School. Prison. Perceptions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Penitenciária Pedra Grande: Florianópolis.....	18
Figura 2 – Acesso ao Prédio da Administração.....	18
Figura 3 – Fachada Lateral	19
Figura 4 – Fundos, com vista para a pedreira que originou o nome.....	19
Figura 5 – Setor de Saúde – Gabinete Médico	20
Figura 6 – Setor de saúde – Gabinete Dentário	20
Figura 7 – Setor de Saúde – Gabinete Farmacêutico.....	21
Figura 8 – Oficina de Tipografia	21
Figura 9 – Oficina de Vassouraria	22
Figura 10 – Oficina de Calçados	22
Figura 11 – Galerias Internas – Regime Fechado.....	23
Figura 12 – Penitenciária de Florianópolis – foto atual.....	23
Figura 13 – Penitenciária de Florianópolis – Prédio da Administração – foto atual.....	24
Figura 14 – Mapa da Complexo Penitenciário de Florianópolis/SC	24
Figura 15 – Sala de aula do “Fechado”	29
Figura 16 – Biblioteca Conselheiro Nilton Leite da Costa, situada no prédio administrativo do Complexo Penitenciário de Florianópolis	30
Figura 17 – Sala de aula do “COT”	30
Figura 18 – Presídio Feminino – Portão de acesso principal – foto atual	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	7
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
2.1 A PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA.....	13
2.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS	15
2.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PRISIONAIS	17
2.3.1 A Penitenciária de Florianópolis.....	17
2.4 A ESCOLA SUPLETIVA DO COMPLEXO PENITENCIÁRIO	24
2.4.1 O Presídio Feminino de Florianópolis	32
2.5 OS SUJEITOS DA PESQUISA	33
3 A EDUCAÇÃO EM PRISÕES COMO ESPAÇOS SOCIAIS E COMO DIREITO	
LEGAL	36
3.1 O DIREITO À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ESPAÇOS DE PRIVAÇÃO E RESTRIÇÃO DE LIBERDADE NO CONTEXTO DOS DOCUMENTOS LEGAIS E DE ORIENTAÇÃO	36
3.1 CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988	36
3.2 A EDUCAÇÃO EM PRISÕES COMO PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS: ESPAÇOS DE DIREITOS	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
ANEXO A – ROTEIRO DE COLETA DE DADOS.....	49
ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	51
ANEXO D – LISTA DE ENTREVISTADOS.....	52
ANEXO E – ENTREVISTAS.....	53

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O percurso do pesquisador vai sendo construído *pelas e nas* múltiplas relações vivenciadas no universo pessoal, profissional e acadêmico. Porém, no decorrer do processo de elaboração do projeto de pesquisa nos moldes acadêmicos, estabelecemos atitudes intencionais que orientam a nossa postura de pesquisador, permitindo o caminhar em uma direção coerente e consciente, assegurada pelo rigor científico e que, ao mesmo tempo, assegura o respeito ao conhecimento partilhado por meio das interações com os colaboradores/sujeitos da pesquisa.

Nesse sentido, nas disciplinas do curso, foi aberto um espaço de leituras, estudos, elaborações, inserções em comunidades, grupo de estudos e de trocas de experiências entre pesquisadores iniciantes e pesquisadores experientes, que promoveu a compreensão de diferentes possibilidades de dialogar e aprender com a comunidade científica e com a realidade na qual estamos inseridos.

Esse processo orientou os caminhos da pesquisa, ou seja, a escolha da metodologia, a indicação dos autores de referência no sentido de desvendar os fios que irão tecer o emaranhado da trama para compor uma obra original, coerente e com a identidade de um trabalho de pesquisa na área da educação.

Com esse intuito, descrevo a seguir parte da minha trajetória pessoal e profissional, pois elas estão intrínseca e intimamente relacionadas à escolha de envolvimento com a área de estudo e o tema desta pesquisa.

Nesse sentido, o contato inicial com o tema “Educação em espaços de privação de liberdade” ocorreu com a experiência profissional que vivenciei, após atuar seis anos como professora de Ciências e Biologia e como coordenadora da Escola Supletiva da Penitenciária que atendia jovens e adultos, mulheres e homens em privação de liberdade, na cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina.

Essa experiência marcou definitivamente minha trajetória profissional, de modo a direcionar o foco dos meus estudos e pesquisas para compreender as complexidades que constituem o cotidiano da prisão e, sobretudo, os aspectos associados ao processo educacional inserido no contexto carcerário.

A partir e em detrimento dessa primeira experiência com educação nos diferentes espaços do Complexo Penitenciário de Florianópolis, fui convidada a fazer parte da equipe de Educação de Jovens e Adultos na Secretaria de Estado da Educação, com a finalidade de

organizar a implantação e institucionalização do processo educacional nas unidades prisionais¹ e unidades socioeducativas² de Santa Catarina.

Esse percurso constitui hoje, aproximadamente, 18 anos da minha vida profissional. Acompanhando esse movimento em nível local e em nível nacional, iniciado pelos Ministérios da Justiça e da Educação, compreendo que finalmente, embora com sérios atrasos, a educação no contexto das prisões brasileiras passa a configurar a realização de quase um “sonho impossível” para os “militantes da área” (assim me considero). Pensar a educação como direito de todos – e nesse “todos” incluir mulheres e homens que estão muito além da margem, por estarem inseridos em espaços de privação de liberdade e constituírem um cenário que “deve” ser escondido, camuflado e invisível aos olhos da sociedade –, é propor a interferência e estar disposto a romper com esse cenário revelador de uma realidade social que compromete a ética e os valores humanos de toda uma nação. Nelson Mandela (ano e página) expressa com muita propriedade essa visão ao declarar,

[...] costuma-se dizer que ninguém conhece verdadeiramente uma nação até que tenha estado dentro de suas prisões. Uma nação não deve ser julgada pelo modo como trata seus cidadãos mais elevados, mas sim pelo modo como trata seus cidadãos mais baixos.

Nessa perspectiva, os espaços da prisão passam a se configurar como um campo efetivo de pesquisas e estudos também na área da educação. Nesse sentido, comecei a levantar alguns questionamentos para serem discutidos, aprofundados e compreendidos, à luz de fundamentações teóricas e reflexões que possibilitariam o início do caminho de tornar-me também pesquisadora nessa área e acerca desse tema.

Nos cursos de formação continuada, tive oportunidade de “encontrar” Paulo Freire. Seus escritos ecoavam em meus pensamentos com uma significação jamais encontrada em outras leituras realizadas até então. A identificação entre os **oprimidos da prisão** (“os meus”) e os **oprimidos de Freire** representou a compreensão e a necessidade da busca por

¹ Por unidade prisional, entendem-se as unidades que recebem pessoas – homens e mulheres em situação de prisão provisória ou sentenciadas. Na estrutura da Secretaria de Justiça e Cidadania (SJC)– Departamento de Administração Prisional (DEAP) –, as unidades prisionais são organizadas de acordo com três denominações: Penitenciárias, Presídios e Unidades Prisionais Avançadas.

² Unidades socioeducativas são as unidades que abrigam adolescentes – meninos e meninas menores de 18 anos, autores de ato infracional, para cumprimento de medida provisória (até 45 dias) ou de internação (até 3 anos). Também na estrutura da SJC, no Departamento Socioeducativo (DEASE), as unidades socioeducativas são organizadas em Centros de Atendimento Socioeducativo (CASE) e em Centros de Atendimento Socioeducativo Provisório (CASEP).

possibilidades de libertação, ou seja, uma proposta ou forma de entender a educação no espaço prisional como educação libertadora e se libertadora, transformadora.

Outras leituras e encontros foram acontecendo nas diferentes áreas: educação, sociologia e filosofia, com Dermeval Saviani, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Erving Goffman e Hannah Arendt, entre outros. Também produções e elaborações específicas sobre os aspectos que envolvem a prisão, sobretudo nas áreas do Direito, da Psicologia e do Serviço Social, passaram por meu filtro de interesse em melhor conhecer o funcionamento do cárcere.

A publicação do livro *Estação Carandiru*, do médico Drauzio Varella, em 1999, narrando histórias de homens que cumpriam pena nos 10 anos em que ele (o autor) prestou atendimento como clínico geral, na maior unidade prisional da América Latina, a Casa de Detenção de São Paulo – o Carandiru – foi um marco importante para a visibilidade desses espaços, como espaços que abrigam pessoas com sentimentos, sensibilidades, histórias de vida, e que estão envolvidas em outras histórias de vida, sobretudo de seus familiares, filhos, esposas, mães, pais, namoradas, irmãos, amigos, enfim, pessoas para quem a perda de seu familiar encarcerado em massacres cruéis, deixavam marcas profundas de dor e saudade.

Ao ler a obra de Varella, senti uma inquietação que acompanhou e direcionou o meu olhar naquele momento. Nas várias histórias contadas no livro, e que descreviam o cotidiano do Carandiru, não havia menção ao trabalho educacional desenvolvido no interior da Instituição.

Naquele momento o estado de São Paulo juntamente com o Rio de Janeiro eram praticamente os únicos do país que apresentavam no interior de algumas unidades prisionais, escolas que ofertavam alfabetização, ensino fundamental e ensino médio. O trabalho desenvolvido pela FUNAP em São Paulo se constituía como fonte das primeiras pesquisas acadêmicas que serviam como referência para os demais estados brasileiros.

Essa foi a razão que casou o meu estranhamento: por que o processo educacional consolidado no Carandiru não teve espaço ou importância para ser citado como parte do dia-a-dia dos internos? Que significados eram atribuídos a esse processo no conjunto das demais práticas que constituíam o cotidiano da prisão?

A partir desses conflitos pensados e sentidos no decorrer da minha prática profissional, configura-se um primeiro ensaio de projeto de pesquisa. Como aluna de um curso de especialização *lato sensu*, juntamente com outra colega, entre os anos de 2006 e 2007. Pesquisamos a relação entre educação e trabalho no contexto prisional, resultando na elaboração de um texto monográfico com o título – *Um estudo da relação entre educação e trabalho na Penitenciária de Florianópolis: contradições e conflitos*.

Nesse período, novas leituras e autores foram “descobertos” e fui me aproximando cada vez mais da área, e também, com pesquisadores de outros espaços que percebiam as especificidades do ambiente prisional como campo legítimo de pesquisa na área da educação, bem como as interfaces com as outras áreas.

Por outro lado, a participação em eventos como congressos, seminários, fóruns, grupos de estudos e debates oportunizaram a vinculação com novos grupos e a construção de afinidades teórico-metodológicas que promoveram o fortalecimento individual e coletivo pela “causa”. Esse momento ficou historicamente marcado no Brasil, quando em final de 2005 iniciou o movimento de elaboração das Diretrizes Nacionais para Educação nas Prisões, no qual participei ativamente desde o processo inicial até a sua consolidação que ocorreu em junho de 2010 com a publicação da Resolução nº 2, de 09 de maio, pelo Conselho Nacional de Educação.

Foi nesse movimento de troca e construção coletiva das Diretrizes Nacionais, que fui incentivada a ingressar no universo da pesquisa acadêmica como mestranda.

No decorrer do curso, ainda no cumprimento das disciplinas, busquei estabelecer outros olhares para subsidiar a compreensão do foco da pesquisa por meio de inserção em disciplinas oferecidas por diferentes programas e instituições. No Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, cursei como aluna especial a disciplina *Sociologia da Violência*, tendo acesso a um referencial teórico que possibilitou a indicação de leituras e autores com diferentes interpretações da realidade e dos aspectos sociológicos que constituem a complexidade do sistema prisional, seja no cenário local, brasileiro, ou no cenário de outros países.

Direcionando-me para a especificidade da área de educação no sistema prisional, também cursei como aluna especial a disciplina *Direito à Educação*, oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Educação da FEUSP. A disciplina apresentava como objetivo, desenvolver uma reflexão histórica e crítica sobre a evolução e efetivação do Direito à Educação, sua inserção nos tratados e convenções internacionais e posterior assimilação pelo direito constitucional brasileiro. Subsidiariamente, pretendia-se apresentar, discutir e avaliar os meios e as estratégias através dos quais o Direito à Educação pode se consolidar como instrumento de promoção da justiça social, considerando-se especialmente a ampliação de suas fronteiras para contemplar os recortes de idade, gênero, raça e etnia. Ao identificar a compatibilidade do objetivo da disciplina com o tema do projeto de pesquisa – Educação de jovens e adultos no contexto carcerário, tive a oportunidade de aprofundar os estudos,

sobretudo no que diz respeito à garantia ou oferta do Direito à Educação nos espaços de privação de liberdade.

Inserir a feita na UFSC, comigo, seria interessante!!!

Nesse percurso o projeto de pesquisa inicial foi sendo reestruturado com novos olhares teóricos e metodológicos e as problematizações de pesquisa que orientam este trabalho assim se configuram: considerando as discontinuidades que marcam a trajetória escolar de mulheres e homens em privação de liberdade, de que forma eles percebem o processo educacional dentro e fora da prisão? Tendo em vista que o modo de cumprimento da pena, os comportamentos e as necessidades de mulheres e homens no espaço carcerário, diferem visivelmente, como se revelam essas diferenças, frente ao processo educacional e a partir da inserção na escola? Buscando atender às questões de pesquisa propostas, traço como *objetivo geral* deste estudo: compreender o processo de educação de jovens e adultos no contexto das prisões, analisando o significado da educação na perspectiva de mulheres e homens privados de liberdade e vinculados à Escola Supletiva no Presídio Feminino e na Penitenciária de Florianópolis.

Como o desdobramento do objetivo geral, assim estabeleço *os objetivos específicos*:

1. Identificar as percepções de alunas e alunos da Escola Supletiva em relação à escolha de estudar na prisão.
2. Compreender os diferentes sentidos e significações revelados por homens e mulheres em privação de liberdade, a partir da inserção da Escola Supletiva no Complexo Penitenciário.

Para iniciar a reflexão teórica do tema, estabeleço como primeiro passo, compreender a educação no espaço prisional **como direito**.

Para tanto, foi necessário identificar nas legislações e documentos oficiais vigentes, de que forma está regulamentada a garantia do direito à educação a mulheres e homens em privação de liberdade.

No decorrer da realização das disciplinas de *Práticas Sociais e Processos Educativos*, foram estudados alguns autores que irão compor no desenvolvimento da pesquisa, o referencial teórico inicial para fundamentar a compreensão da realidade que constitui o campo de pesquisa.

A contribuição de Enrique Dussel está vinculada ao cenário histórico de dominação a que os povos ou sociedades da América Latina, foram submetidos num esmagador processo de colonização e desenraizamento das matrizes culturais que nos forjaram originalmente.

A partir da compreensão desse processo histórico de dominação, é possível interpretar a realidade de opressão que se apresenta hoje, na análise das identidades que constituem a população carcerária dos países latino-americanos: negros, pobres, migrantes, com baixa escolaridade, à margem do mercado de trabalho.

O aporte teórico de Paulo Freire e Ernani Fiori aponta para conceitos e dimensões de análise do mundo real onde os oprimidos (históricos) do passado e do presente, constroem e reconstróem seus significados de sujeitos *do* e *no* mundo, sujeitos da sua história, e que com autonomia e liberdade, ressignificam a relação oprimido-opressor, libertando-se da condição de oprimido e libertando também o próprio opressor.

Para esses autores, a educação é entendida como educação libertadora e intrinsecamente ligada à ação política e de conscientização, tendo significado fundamental no processo de libertação humana.

Nesse sentido, reconheço que pensar o processo de educação no espaço prisional, e compreender os processos educativos que decorrem de práticas sociais presentes no dia-a-dia da prisão, requer necessariamente, o estudo desses autores, pois eles desvelam a construção de uma realidade de opressão, e também revelam possibilidades de rompimento do ciclo de marginalização a que estão submetidos homens e mulheres em privação de liberdade.

Seria fazer um levantamento das pesquisas que tratam dos significados da escolarização em espaços de privação de liberdade¹¹ (vamos pensar)

Estado da arte – autores que embasam o trabalho – EJA

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, será apresentada a metodologia utilizada neste trabalho, a fim de descrever o tipo de pesquisa realizada, além dos instrumentos e das fontes escolhidas para coleta de dados.

2.1 A PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA

No desenvolvimento desta pesquisa, olhar o espaço prisional Penitenciária de Florianópolis e Presídio Feminino - de onde são provenientes as alunas e os alunos da Escola Supletiva, colaboradores foi analisada dentro de um contexto histórico-cultural, buscando compreender de forma dialética e contraditória as complexidades oriundas desse processo, tentando descrever e compreender a realidade do problema, sendo fiel aos dados e às interpretações dos fenômenos, considerando-os significativos.

A abordagem da pesquisa é qualitativa, pois percebe a "[...] história como sendo múltipla, heterogênea e contraditória e não homogênea e linear [...]". Sendo assim, essa abordagem nos permite perceber "[...] o mundo, a história, a cultura, a realidade, a natureza como um processo, em permanente mudança, transformação e desenvolvimento [...]" (PIRES, 2003, p. 66)

A realidade do Sistema Prisional, tendo como foco a Penitenciária de Florianópolis e o Presídio Feminino apontam a segurança como fator primordial que, exerce tanto uma função repressora como uma função controladora de todas as rotinas cotidianas desenvolvidas nesse espaço. Sendo a educação, nesse contexto um processo "naturalmente" subordinado à segurança. Alguns conflitos decorrentes dessa situação emergem como obstáculos, trazendo dificuldades e provocando relações que vão contra a garantia de acesso ao Direito à Educação para o jovem e adulto privado de liberdade.

Pretendeu-se com o desenvolvimento do presente estudo cumprir com os seguintes objetivos da pesquisa.

Temos como objetivo geral compreender o processo de educação de jovens e adultos no contexto das prisões, analisando o significado da educação pela perspectiva de mulheres e homens privados de liberdade e vinculados à Escola Supletiva no Presídio Feminino e na Penitenciária de Florianópolis. Nesse contexto, temos os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar as percepções de alunas e alunos da Escola Supletiva em relação à escolha de estudar na prisão.

- b) Compreender os diferentes sentidos e significações revelados por mulheres e homens em privação de liberdade, a partir da inserção da Escola Supletiva no Complexo Penitenciário.

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa de vertente exploratória, a qual segundo Severino (2007 p. 123) “busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestações desse objeto”.

Como procedimentos metodológicos adotados foram: estudo bibliográfico, análise de documentos a realização de e entrevistas semiestruturadas

O trabalho bibliográfico objetivou fundamentar o estudo, o qual ao partir de produções anteriores busca-se suas contribuições ao objeto em análise.

Na análise de documentos foram situados aqueles referentes à Educação como direito e sobre a Educação de Jovens e Adultos em Espaços de Privação de Liberdade.

Inicialmente apresenta-se elementos do contexto da pesquisa: o espaço da Penitenciária de Florianópolis.

As entrevistas semiestruturadas com base em May (2004, p. 149) assumem um caráter aberto”, pois segundo Gil (1999, p. 120), “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema central, esforça-se para a sua retomada”.

Nesse sentido, a pesquisa conta com os seguintes colaboradores/ sujeitos que participaram da pesquisa de campo: 5 homens - que foram ou são alunos da Escola Supletiva e 5 mulheres - que foram ou são alunas da Escola Supletiva. (esse ainda é o termo utilizado na escola? Problematicar o termo)

A seleção desses colaboradores foi a partir de conversas principalmente com a coordenação da Escola Supletiva. Foram adotados como critério geral: ter sido aluno da Escola durante o ano de 2009, os quais foram consultados e concordaram em participar da pesquisa (passou no comitê de ética??? A USP, não exigiu? Se sim precisa situar aqui

Na coleta de dados foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada e, para obter informações dos dados desejados, foram elaboradas questões orientadoras. São elas:

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos.
- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto...
- Na sua vida, antes de vir para a prisão,
- Na sua vida dentro da prisão

- E na sua vida fora da prisão (quando sair)
- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão.

As entrevistas foram realizadas no período de março e abril de 2010 (é isso? 20010???) Se sim fazer uma frase que trancou que tinha levantado os dados à época e que retomou o mestrado e a pesquisa e que pela relevância nos dados obtidos optou por analisar esses dados pois ainda são pertinentes no contexto atual).

De acordo com a disponibilidade de horários dos entrevistados. Foram agendados encontros com a Direção e o Chefe de Segurança para autorização prévia e acertos em relação ao local, a metodologia das entrevistas e apresentação da relação com os nomes das pessoas a serem entrevistadas.

Para facilitar a coleta e posterior análise dos dados, as mesmas foram gravadas com consentimento prévio dos entrevistados e os nomes utilizados serão fictícios para respeitar a identidade dos sujeitos (ver se isso está respeitados nos dados)

A organização dos dados foi realizada da seguinte maneira: as informações e depoimentos colhidos no processo de entrevista foram gravados. Os dados pessoais dos entrevistados como: nome, idade, tempo de experiência na profissão ou tempo de pena cumprida na instituição, no caso dos jovens e adultos apenados, e escolaridade, foram colhidos no início, antes da gravação, a fim de dar livre curso à narrativa e como forma de preservar o anonimato dos entrevistados.

A transcrição das fitas foi realizada logo após sua gravação para garantir o registro exato da fala de cada participante, observando sua entonação de voz, hesitações ou repetições e pausas. Para tanto, ouviu-se várias vezes as gravações e as transcrições foram feitas literalmente.

2.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados toma-se como base os estudos de Aguiar e Ozella (2013) sobre a compreensão núcleos de significação como meio de se apreender os sentidos.

Para essas pesquisadoras pensar a apreensão dos sentidos

[...]estará pautada em uma visão que tem no empírico seu ponto de partida, mas com a clareza de que é necessário irmos para além das aparências, não nos contentarmos com a descrição dos fatos, mas buscarmos a explicação do processo de constituição do objeto estudado, ou seja, estudá-lo em seu processo histórico. No entanto, ao nos referirmos aos pontos essenciais a serem considerados sobre o método, não podemos deixar de mencionar a impossibilidade de se construir um método alheio a uma concepção de

homem. Assim, falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a história, o que o torna ao mesmo tempo único, singular e histórico. Este homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela – em todas as suas expressões – a historicidade social, a ideologia, as relações sociais e o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir, os significados sociais e os sentidos subjetivos. (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 301)

É nessa dimensão que foi fundamental conhecer os perfis e as histórias dos sujeitos da presente pesquisa, quem são e de onde falam e produzem sentidos sobre o objeto das suas falas e, também que geram o objeto da presente investigação. As pesquisadoras apontam que para a compreensão dos sentidos e significados é necessário compreendê-los no contexto das mediações e da historicidade que lhes dá sentidos, pois:

Apesar de optarmos por iniciar pela discussão da categoria significado, faz-se necessário explicitar que essas duas categorias, apesar de serem diferentes, de não perderem sua singularidade (fato que nos leva a discuti-las separadamente), não podem ser compreendidas descoladas uma da outra, pois uma não é sem a outra. Segundo Vigotski (2001), o significado, no campo semântico, corresponde às relações que a palavra pode encerrar; já no campo psicológico, é uma generalização, um conceito. Na verdade, o homem transforma a natureza e a si mesmo na atividade, e é fundamental que se entenda que este processo de produção cultural, social e pessoal tem como elemento constitutivo os significados. Dessa maneira, **a atividade humana é sempre significada: o homem, no agir humano, realiza uma atividade externa e uma interna, e ambas as situações (divisão esta somente para fins didáticos) operam com os significados.** Nessa perspectiva, Vigotski (2001) lembra que o que internalizamos não é o gesto como materialidade do movimento, mas a sua significação, a qual tem o poder de transformar o natural em cultural. Os significados são, portanto, produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências. Muito embora sejam mais estáveis, “dicionarizados”, eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantêm com o pensamento, entendido como um processo. (AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 304, grifos acrescentados)

Ora, se a atividade, o agir humano é sempre significado e operamos com os seus significados como se instituem tais significados? As pesquisadoras nos ajudam a pensar essas relações:

Os significados referem-se, assim, aos conteúdos instituídos, mais fixos, compartilhados, que são apropriados pelos sujeitos, configurados a partir de suas próprias subjetividades. Ao discutir significado e sentido, é preciso

compreendê-los como sendo constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional. Dessa forma, na perspectiva de melhor compreender o sujeito, os significados constituem o ponto de partida: sabe-se que eles contêm mais do que aparentam e que, por meio de um trabalho de análise e interpretação, pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluidas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido. Afirma-se, assim, que o sentido é muito mais amplo que o significado, pois o primeiro constitui a articulação dos eventos psicológicos que o sujeito produz ante uma realidade. Como diz Rey (2003), o sentido subverte o significado, pois ele não se submete a uma lógica racional externa. O sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. A categoria sentido destaca a singularidade historicamente construída. AGUIAR e OZELLA, 2013, p. 304/305, grifos acrescentados)

É perante essa abordagem que busco nas falas dos e das estudantes da educação de jovens e adultos em um espaço de privação e restrição de liberdade que busco analisar o significado da educação pela perspectiva de mulheres e homens privados de liberdade e vinculados à Escola Supletiva no Presídio Feminino e na Penitenciária de Florianópolis. Logo, captar os sentidos que se refiram às necessidade e mobilizações nesses espaços sociais de escolarização e que singularidades vão construindo em suas histórias.

Para melhor dessa compreensão situamos na sequencia o contexto em que as escolas estão inseridas e no item seguintes situamos o perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa.

2.3 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PRISIONAIS

A seguir é realizada uma explanação sobre o contexto dos espaços prisionais abordados nesta pesquisa.

2.3.1 A Penitenciária de Florianópolis

Para situar historicamente a instituição onde se realizou a pesquisa de campo, se faz necessário a apresentação de uma breve descrição. A Penitenciária de Florianópolis, inicialmente chamada de Penitenciária Pedra Grande, foi construída na década de 1920 e inaugurada em 1930, situada no bairro Agrônômica, à rua Delminda da Silveira, fazendo parte do perímetro urbano da cidade de Florianópolis.

Figura 1 – Penitenciária Pedra Grande: Florianópolis

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis/SC (2018).

Figura 2 – Acesso ao Prédio da Administração

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis SC (2018).

Figura 3 – Fachada Lateral

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis /SC (2018).

Figura 4 – Fundos, com vista para a pedreira que originou o nome

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis /SC (2018).

No mesmo ano da inauguração a instituição contou com a implantação do setor de saúde, composta pelo gabinete médico, dentário e farmacêutico. Um ano depois foram finalizadas as obras das oficinas de trabalho: alfaiataria, sapataria, lavanderia, vassouraria, tipografia, marcenaria, padaria e produção de móveis.

Figura 5 – Setor de Saúde – Gabinete Médico

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis /SC (2018).

Figura 6 – Setor de saúde – Gabinete Dentário

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis /SC (2018).

Figura 7 – Setor de Saúde – Gabinete Farmacêutico

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis /SC (2018).

Figura 8 – Oficina de Tipografia

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis /SC (2018).

Figura 9 – Oficina de Vassouraria

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis /SC (2018).

Figura 10 – Oficina de Calçados

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis /SC (2018).

Figura 11 – Galerias Internas – Regime Fechado

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis /SC (2018).

Trazer algo sobre o estado atual da penitenciária (ver Nakayma e outros) descerever como está organizado para contextualizar a imagem 12, 13 e 14

Figura 12 – Penitenciária de Florianópolis – foto atual

Fonte: Acervo da Penitenciária de Florianópolis /SC (2018).

Figura 13 – Penitenciária de Florianópolis – Prédio da Administração – foto atual

Fonte: Acervo da Penitenciaria de Florianópolis /SC (2018).

Figura 14 – Mapa da Complexo Penitenciário de Florianópolis/SC

Fonte: Diário Catarinense (2010).

2.4 A ESCOLA SUPLETIVA DO COMPLEXO PENITENCIÁRIO

A Escola Supletiva da Penitenciária foi criada em 1975 num contexto de elevado índice de pessoas não alfabetizadas e com curso primário incompleto. Nesse período a Escola

prestava atendimento somente a homens que cumpriam pena na Penitenciária de Florianópolis. Por solicitação da Direção da Penitenciária, o Setor Regional de Educação, viabilizou a contratação de professores designados para atender às necessidades na área do ensino, tendo sido criados quatro cursos: Alfabetização, Educação Integrada (1ª a 4ª série), 1º e 2º Graus.

Em 1987 o Conselho Estadual de Educação/SC emitiu parecer de autorização de funcionamento da Escola Supletiva da Penitenciária como Unidade Escolar que além da oferta de Alfabetização e Curso Integrado, passou a oferecer também Curso Preparatório para os Exames Supletivos cuja certificação era emitida diretamente pela Secretaria de Estado da Educação. A partir desse período a Escola passou a contemplar todas as disciplinas que constituíam a grade curricular do 1º e 2º Graus, contratando professores para as áreas específicas.

As informações e dados que contam o desenvolvimento histórico da Escola Supletiva da Penitenciária foram obtidos a partir da leitura de relatórios e documentos não oficiais arquivados na Escola.

Ver dissertação de Nakayama

Porém, numa pesquisa que estava sendo realizada no ano de 2009 por uma funcionária da área de biblioteconomia que trabalha no setor administrativo da Penitenciária de Florianópolis, outros dados foram encontrados nos arquivos de Relatórios da Penitenciária “Pedra Grande” na década de 1930. Vejamos alguns extratos que apresentam esses processos de constituição da escola:

No Relatório da Penitenciária da “Pedra Grande” – 1933 1933 – 38-5 Cx 116 – p. 1 constatamos os seguintes dados:

Relatório apresentado ao Exmo.sr. Secretario D’Estado dos Negócios de Interior e Justiça Dr. José da Costa Moelmann, respondendo pela secretaria. Ano 1933.

[...] “Funciona a Escola Penitenciária em um amplo salão, a cargo de um professor nomeado pelo Governo do Estado. Seu programa de ensino é o mesmo que as demais escolas isoladas mantidas pelo Estado. A frequência escolar é boa, pois, por ser obrigatória, nenhum sentenciado pode se furtar de frequentar a mesma [...] foram alfabetizados durante o ano de 1931, 23 sentenciados, em 48 que era a população carcerária naquele período” [...]. E em 1932, 30 reclusos dos que habitavam o estabelecimento em número de 63.” [...] Com relação a educação moral e religiosa, [...] esta diretoria providenciou para que fossem os mesmos assistidos por ministros dos cultos católicos e protestantes. [...] a educação moral é ministrada por meio de conferencia e palestras das quais se encarregam os membros do Conselho Penitenciário do Estado, o Diretor do estabelecimento e outras pessoas que, espontaneamente, se prestam a tão altruístico mister. [...] A Penitenciária

possui uma pequena Biblioteca, com livros escolhidos, os quais são fornecidos aos sentenciados de boa conduta e aos que freqüentam a escola.

[...] Escola Escola Penitenciária da “Pedra Grande”: começou o ano letivo com 60 detentos e encerrando com 48, 9 terminaram o Curso Primário. Professor Responsável: Aristeu Scheffler. [...]

Relatório da Penitenciária – 1935 1935 – 38-5 Cx 116: Durante 1935 o conselho realizou 35 sessões ordinárias na sala do antigo Conselho Municipal da Capital e 9 solenes na sala da Escola da Penitenciária Pedra Grande. “Secundado pelas altas autoridades do Estado pela primeira vez se comemorou o Dia do Encarcerado em Santa Catarina. Tendo sido realizados festejos na Penitenciária Pedra Grande e distribuídos inúmeros aos presidiários que melhores notas apresentaram na escola, em oficinas e em comportamento.

Relatório da Penitenciária – 1936 -38-5 Cx 116: “Relatório da Penitenciária da Santa Catarina. ‘Penitenciária Pedra Grande’” [...] A Escola conta com 60 detentos. É regida pelo Professor Aristeu Ruy xxxx Schieffler. “Necessitará de mais um professor a bem de sua completa eficiência”. [...]

Localizamos os seguintes dados no Relatório da Penitenciária – 1938/Relatório do Exercício 1938 apresentado ao Sr. Dr. Ivo D’Aquino, Secretário do Interior e Justiça pelo Dr. Edelvito Campelo D’Araujo, Diretor da Penitenciária do Estado. 1935, datado e 28 de abril de 1939 – 38-5 Cx 116:

Relatório da Penitenciária de Santa Catarina. ‘Penitenciária da Pedra Grande’. [...] Fala da “urgência da criação da secção educacional, subordinada à direção do estabelecimento, sob pena do regime penitenciário apresentar-se manco” pelo fato de “a subordinação direta dessa escola ao Departamento de Educação trouxe como consequência o não ser ela fiscalizada por nenhum inspetor”. [...]

Esses fragmentos evidenciam que as atividades educacionais na Penitenciária de Florianópolis tenham iniciado praticamente junto com a sua inauguração. Essa evidencia também aponta a ocorrência de uma lacuna nos registros e arquivos da própria escola, indicando possíveis interrupções no processo educacional, onde encontra-se dados referentes a vida escolar de alunos, somente a partir da década de 70.

Durante um período de aproximadamente 15 anos, a Escola da Penitenciária funcionou por meio de convênio firmado entre Secretaria da Justiça e Secretaria da Educação, sendo responsabilidade da primeira a cessão do espaço físico e da segunda, a cessão de professores habilitados, alguns efetivos, outros contratados em caráter temporário, para atuarem nas seguintes áreas:

- Alfabetização (noções básicas de Português e Matemáticas);
- Nivelamento ou Anos Iniciais (noções básicas de Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais);
- Ensino Fundamental (Português, Matemática, Ciências, História, Geografia e Língua Estrangeira);
- Ensino Médio (Língua Portuguesa e Literatura, Matemática, Física, Química, Biologia, História, Geografia, Língua Estrangeira).

Semestralmente, os alunos matriculados no Ensino Fundamental e Médio da Escola Supletiva, prestavam exames supletivos, que era aplicado pela Secretaria de Educação como única forma de certificação. Estas provas eram oferecidas para todo o Estado de Santa Catarina e no mesmo formato (dias e horários) aplicava-se também nas dependências da Penitenciária de Florianópolis. Nesse período a metodologia de ensino utilizada pela Escola era a de curso preparatório para os exames supletivos com aulas de segunda a sexta feira no período diurno para alunos do Regime Fechado e noturno para alunos do Regime Semi-aberto. Atualmente a Escola da Penitenciária está vinculada ao Centro de Educação de Jovens e Adultos de Florianópolis – CEJA e funciona como uma Unidade Descentralizada. O CEJA é uma das Unidades Escolares de Educação de Jovens e Adultos da Rede Estadual de Ensino tendo como mantenedora a Secretaria de Estado da Educação. Cabe ressaltar que o curso preparatório para os Exames Supletivos foi extinto como metodologia de ensino da Escola Supletiva e como possibilidade de certificação, entretanto a Secretaria de Educação continua oferecendo as provas de certificação por meio da adesão ao ENCCEJA e ao ENEM.

Com acompanhamento do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Florianópolis – CEJA foi implantado o Sistema Modularizado por Oficinas. Essa metodologia baseia-se na utilização de módulos (apostilas) que aborda os conteúdos das disciplinas separadamente, ou seja, o Ensino Fundamental compreende: português, matemática, ciências, história, geografia, Língua Estrangeira, artes e educação física e o Ensino Médio: língua portuguesa e literatura, matemática, física, química, biologia, história, geografia, língua estrangeira, artes, filosofia, sociologia e educação física.

O conjunto de módulos que compreende cada disciplina é dividido por blocos que correspondem às séries do Ensino Fundamental e Médio. Os alunos do ensino modularizado são orientados em grupo por professores das áreas específicas de estudo e em seu ritmo próprio, eliminam as disciplinas que compõe a matriz curricular dos respectivos níveis de ensino, podendo receber certificação parcial por meio de cada disciplina concluída e

certificação total no momento que conclui o conjunto de todas as disciplinas do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio.

No início do ano letivo de 2010 a Escola da Penitenciária contava com o seguinte quadro de profissionais:

- Coordenação pedagógica e Administrativa – 1 profissional com 20 horas que acumula a função de professora de alfabetização por mais 20 horas;
- Bibliotecária – 1 profissional com 20 horas que acumula a função de professora de alfabetização por mais 20 horas;
- Auxiliar de coordenação/secretaria – 1 profissional com 20 horas que acumula a função de professor de sociologia e filosofia por mais 20 horas;
- Professores: Alfabetização e Nivelamento (1º Segmento do EF) – 5 professoras (2 com carga horária de 20 horas e 2 com 40 horas)
- Professores por área:
 - Geografia – 20 horas
 - História, Sociologia e Filosofia – 20 horas
 - Ciências e Biologia – 20 horas
 - Língua Portuguesa e Literatura – 30 horas
 - Matemática, Química e Física – 40 horas
 - Artes – 20 horas

A Escola Supletiva no período atual atende ao Complexo Penitenciário de Florianópolis que corresponde a 4 Unidades Prisionais independentes que se localizam no mesmo espaço físico: Penitenciária de Florianópolis, Presídio Masculino, Presídio Feminino e Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico - HCTP.

As salas de aulas estão organizadas da seguinte forma:

- Penitenciária de Florianópolis - 5 salas no Regime Fechado, 3 salas no Regime Semi Aberto, 1 sala na Colônia Penal e 1 sala no COT
- Presídio Masculino – 2 salas no Regime Fechado
- Presídio Feminino – 1 sala no Regime Fechado
- HCTP – 1 sala no Regime Fechado

Os alunos são matriculados no início do ano letivo, por meio de entrevista individual onde os professores se deslocam até as galerias, celas e alojamentos e preenchem uma ficha padrão com os dados dos interessados em estudar. As turmas são formadas atendendo o nível de ensino (Ensino Fundamental 1º segmento – alfabetização e 1ª a 4ª série, Ensino

Fundamental 2º segmento – 5ª a 8ª série e Ensino Médio. Os critérios adotados para organização das turmas estabelecem como prioridade garantir a continuidade de escolarização aos alunos que estudavam na Escola Supletiva no ano anterior, as novas vagas são ocupadas por aqueles que no momento da matrícula demonstram grande interesse e estão aguardando há meses ou até anos por uma vaga na Escola. Os demais permanecem numa lista de espera e vão sendo chamados conforme liberação de vaga. A lista completa com todos os nomes de alunos matriculados nas diferentes turmas, passa pela aprovação e autorização do Chefe de Segurança.

A Escola Supletiva do Complexo Penitenciário de Florianópolis inicia o ano letivo com aproximadamente 200 aluno, entretanto, no decorrer do ano circulam pelas salas de aulas em média 700 alunos. Esse fluxo contínuo de entrada e saída de alunos na Escola ocorre devido a uma característica inerente do sistema prisional, a rotatividade provocada principalmente por transferências, aplicação de medida de segurança (castigos), progressão de regimes e fugas.

Figura 15 – Sala de aula do “Fechado”

Fonte: Dissertação de Andréa Rettig Nakayama, UFSC, 2011.

Figura 16 – Biblioteca Conselheiro Nilton Leite da Costa, situada no prédio administrativo do Complexo Penitenciário de Florianópolis

Fonte: Dissertação de Andréa Rettig Nakayama, UFSC, 2011.

Figura 17 – Sala de aula do “COT”

Fonte: Dissertação de Andréa Rettig Nakayama, UFSC, 2011.

As últimas imagens remetem ao campo educacional. Esse setor iniciou suas primeiras atividades no interior da Penitenciária de Florianópolis no ano de 1975, segundo registros encontrados na Escola, mas somente em 1987 o Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina autoriza o funcionamento da Escola Supletiva da Penitenciária como unidade escolar da Rede Estadual de Ensino, ou seja, aproximadamente 56 anos depois da sua inauguração.

Qual o significado dados ao setor educacional dentro de uma instituição penal quando ele é legitimado oficialmente 56 anos após o início de seu funcionamento?

Atualmente a Penitenciária de Florianópolis, localizada no mesmo endereço, mantém aproximadamente 1200 homens internos cumprindo pena nos regimes fechado e semiaberto e conta com diferentes tipos de serviços, distribuídos em cinco gerências e um setor responsável especificamente pela segurança da instituição, são elas: Gerência de Apoio Operacional, Gerência de Revisões Criminais, Gerência de Execuções Penais, Gerência Agroindustrial e Gerência de Saúde e Promoção Social.

Gerência de Apoio Operacional: inclui o setor de pessoal, responsabilizando-se pelas compras, serviços gerais, manutenção predial, controle de entrada das notas fiscais e empenho, distribuição de alimentos, material de limpeza e controle do almoxarifado da Penitenciária.

Gerência de Revisões Criminais: relaciona-se com o planejamento, organização e controle das atividades ligadas ao serviço jurídico da Penitenciária. Realiza o levantamento da situação dos apenados no que se refere aos processos criminais e progressão das penas e regalias.

Gerência de Execuções Penais: é responsável por acompanhar o cumprimento das normas disciplinares dos apenados. Organiza os prontuários dos sentenciados, mantendo atualizados os regimes e execução das penas. Orienta os sentenciados quanto aos seus direitos, deveres e benefícios.

Gerência Agroindustrial: é responsável por coordenar o funcionamento de oficinas de trabalho no que diz respeito a sua instalação, equipamentos, material e pessoal.

Gerência de Saúde e Promoção Social: abrange as questões ligadas ao bem estar físico, psicológico e envolve o processo de escolarização dos apenados. Encontram-se vinculados a essa gerência os serviços prestados pelo setor de ensino, os atendimentos realizados pelo setor de psicologia, a assistência prestada pelo serviço social e os serviços odontológicos e médicos realizados pelo setor de saúde.

Destaca-se aqui que, dentro das unidades prisionais, a segurança é colocada como fator fundamental e mais importante no desenvolvimento de todas as atividades.

Na Penitenciária de Florianópolis o funcionamento da Gerência Agroindustrial, no que se refere ao trabalho das oficinas, e o funcionamento da Gerência de Saúde e Promoção Social estão totalmente subordinados ao Setor de Segurança.

O chefe de segurança é o responsável pela seleção e lotação das pessoas para ocupar postos de trabalho nas oficinas e autorizar a inclusão de novos alunos nas turmas da Escola da Penitenciária.

Especificamente, no que concerne ao trabalho pedagógico, todas as atividades planejadas pela escola, bem como o uso de materiais didáticos diversificados, necessitam de autorização prévia do setor de segurança, o que, muitas vezes, limitam as possibilidades educacionais para uma proposta que contemple, efetivamente, as necessidades dos alunos. Portanto, a questão da “segurança” é prioridade dentro do sistema prisional.

2.4.1 O Presídio Feminino de Florianópolis

O Presídio Feminino abriga no mesmo espaço mulheres que se encontram aguardando suas sentenças e as que já foram sentenciadas. Considerando que a capacidade máxima de internas é de 80 vagas, atualmente há 132 mulheres ocupando esse espaço que é dividido entre as que aguardam julgamento e as que já foram julgadas.

Figura 18 – Presídio Feminino – Portão de acesso principal – foto atual

Fonte: Diário Catarinense/SC (2008).

Vale destacar que no Presídio Feminino até 2005, não era viabilizada a implementação de regimes como o semiaberto e o aberto. Todas as mulheres cumpriam suas penas em regime fechado.

A estrutura do presídio para mulheres é composta por duas galerias com seis celas com, pelo menos, duas camas do tipo beliche; uma cozinha, onde elas preparam as suas refeições e as dos funcionários, um berçário para as mulheres que têm seus filhos ainda em idade de aleitamento. O espaço destinado a receber a visita dos familiares é também utilizado durante a semana para a realização dos cultos ou rituais religiosos (nesse mesmo espaço ocorreram as entrevistas dessa pesquisa no horário noturno).

O pátio externo, para banho de sol, separa as galerias de duas salas destinadas a atividades laborais, tais como a montagem de peças telefônicas para a empresa Intelbrás, a montagem de grampos de roupa, de sacolas de papelão para lojas e a confecção de *biscuit*, artefatos vendidos para as fábricas ou negociados por elas, nos dias que recebem visita, no caso dos artesanatos (*biscuit*, tricô e outros). O dinheiro serve para comprar materiais de higiene pessoal e alimentos; destina-se no mais, aos filhos ou alguma outra pessoa da família como a mãe ou companheiro/companheira. Em alguns casos, esse dinheiro serve também para pagar dívidas dentro ou fora do presídio.

O Presídio feminino conta com uma equipe de agentes prisionais e as normas disciplinares são estabelecidas pela direção em conjunto com a gerência de execuções penais do DEAP/SJC.

As atividades educacionais no que diz respeito à oferta de educação básica estão sob responsabilidade da Escola Supletiva. No presídio Feminino há uma sala de aula que funciona de 2ª a 6ª feira em diferentes horários com turmas de alfabetização, ensino fundamental e ensino médio.

Todas as atividades de manutenção do espaço são realizadas pelas mulheres que lá se encontram - da alimentação à faxina – essas atividades não são remuneradas.

2.5 OS SUJEITOS DA PESQUISA

Na presente pesquisa, contou-se com 10 estudantes que participaram como alunos do em espaços prisionais nas escolas da Penitenciária de Florianópolis: 5 homens e 5 mulheres. Apresentam-se a seguir dados sobre as principais características gerais dos sujeitos dessa pesquisa, pois conhecer quem são nos ajudam a compreender melhor suas falas.

Quadro 1 – Dados pessoais dos sujeitos da pesquisa

Nome fictício	Sexo/gênero	Idade	Média de Idade	Estado civil	Filhos	Raça/cor	Atividade de trabalho remunerado no EPRL	Qual atividade	Carga horária e turno
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									

Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa (2009).

Descrever os dados do quadro acima

Quadro 2 – Dados escolares dos sujeitos da pesquisa

Nº.	Nome fictício	Escolaridade	Frequenteu a escola antes do EPRL	Que turma frequentava no contexto da pesquisa	Há quanto tempo estava matriculado/a.	Em que horário estudava
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						

Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa (2009).

Descrever os dados do quadro acima

Quadro 3 – Inserir legenda

Nº.	Nome fictício	Ano/série de interrupção dos estudos fora da prisão)	Ano/série de interrupção dos estudos (dentro da prisão)	Motivos da interrupção escolar (fora da prisão)	Motivos da interrupção escolar (dentro da prisão)
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					

9					
10					

Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa (2009).

Descrever os dados do quadro acima

Quadro 4 – Dados de escolaridade da família

Nº	Nome fictício	Filhos	Escolaridade	Marido/companheiro	Escolaridade	Pais	Escolaridade
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
8							
9							
10							

Fonte: Elaborado com base nos dados da pesquisa (2009).

Descrever os dados do quadro acima

Na sequência apresenta-se um debate sobre a educação em espaços de privação em liberdade como lugares sociais de direito à educação.

3 A EDUCAÇÃO EM PRISÕES COMO ESPAÇOS SOCIAIS E COMO DIREITO LEGAL

Inserir texto.

3.1 O DIREITO À EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ESPAÇOS DE PRIVAÇÃO E RESTRIÇÃO DE LIBERDADE NO CONTEXTO DOS DOCUMENTOS LEGAIS E DE ORIENTAÇÃO (complete esse item, pode tomar como base a dissertação de Nakayama)

Para refletir sobre o processo educacional presente no sistema prisional (atual) é necessário conceber o princípio fundamental **do direito de todos à educação**, e nessa perspectiva o “todo” representa mulheres e homens, jovens e adultos(as) que, independentemente dos arranjos sociais aos quais pertençam, e das circunstâncias de cumprimento de pena às quais se encontrem, preservam esse direito humano básico inalienável.

No contexto prisional de forma generalizada, o direito à educação, ainda é entendido como privilégio pelos administradores ou gestores. Essa característica se evidencia pelo poder de decisão de diretores e chefes de segurança sobre quem pode ou não estudar e essa situação pode ser observada quase que na totalidade das prisões brasileiras, onde segundo os dados do DEPEN – MJ, em média apenas 18% do total das pessoas que cumprem pena, tem acesso a escola dentro da prisão.

É nesse sentido, que a garantia do direito a educação no contexto carcerário permanece sendo concedido como benefício à mulheres e homens em privação de liberdade, em troca de “bom comportamento”.

Atualmente, contamos no Brasil com marcos legal e documentos oficiais, elaborados coletivamente, em reuniões e encontros nacionais e internacionais, que subsidiam as discussões e reflexões na área, e se colocam como referenciais na efetivação e regulamentação do processo educacional nos espaços prisionais.

Iniciando pela Constituição Federal, apresento um levantamento desse aparato oficial de legislações e orientações que direcionam as ações educativas no interior das prisões brasileiras.

3.1 CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

Precisa descrever analisar esses docs... colocar em forma de texto

Art. 205. **A educação, direito de todos e dever do Estado** e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

CÓDIGO PENAL – DECRETO-LEI nº. 2.848/1940

Art. 38. O preso conserva **todos os direitos** não atingidos pela perda da liberdade, impondo-se a todas as autoridades o respeito a sua integridade física e moral.

LEI DE EXECUÇÃO PENAL nº. 7.210/1984

Seção V

Da Assistência Educacional

Art. 17 - A assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado.

Art. 18 - **O ensino de primeiro grau é obrigatório**, integrando-se no sistema escolar da unidade federativa.

Art. 19 - O ensino profissional será ministrado em nível de iniciação ou de aperfeiçoamento técnico.

Parágrafo único - A mulher condenada terá ensino profissional adequado à sua condição.

Art. 20 - As atividades educacionais podem ser objeto de convênio com entidades públicas ou particulares, que instalem escola ou ofereçam cursos especializados.

Art. 21 – Em atendimento às condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos.

Art. 83. O estabelecimento penal, conforme a sua natureza, deverá contar em suas dependências com **áreas e serviços destinados a** dar assistência, **educação**, trabalho, recreação e prática desportiva.

LEI COMPLEMENTAR nº. 79/1994 – (Lei do Fundo Penitenciário Nacional)

Art. 3º. Os recursos do FUNPEN serão aplicados em:

VI - **formação educacional e cultural** do preso e do internado.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL nº. 9.394 /1996

Do Direito à educação e do Dever de Educar

Art. 4º. O dever de Estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

VII - Oferta de **educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades**, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;

Art. 5º. O acesso ao ensino fundamental é **direito público subjetivo**, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério Público, acionar o Poder Público para exigi-lo.

Da Educação de Jovens Adultos

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º **Os sistemas de ensino assegurarão gratuidade aos jovens e adultos**, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, **oportunidades educacionais** apropriadas, **consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho**, mediante cursos e exames.

PARECER CNE/ CEB nº. 11/2000 – (Câmara Nacional de Educação/Conselho de Educação Básica – Conselheiro Jamil Cury)

Esta função reparadora da EJA se articula com o pleito postulado por inúmeras pessoas que não tiveram uma adequada idade/ano escolar em seu itinerário educacional e nem a possibilidade de prosseguimento de estudos. Neste momento a igualdade perante a lei, ponto de chegada da função reparadora, se torna um novo ponto de partida para a igualdade de oportunidades. A função equalizadora da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e **encarcerados**. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação. Para tanto são

necessárias mais vagas para estes “novos” e “novas” alunas, demandantes de uma nova oportunidade de equalização.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/ 2001

Capítulo III – Modalidade de Ensino – Educação de Jovens e Adultos: estabelece a necessidade de implantar em todas as **unidades prisionais** e nos estabelecimentos que atendam adolescentes e jovens infratores, **programas de educação de jovens e adultos de nível fundamental e médio, assim com de formação profissional.**

DECLARAÇÃO DE HAMBURGO, 1997

Tema VIII – A educação para todos os adultos: os direitos e aspirações dos diferentes grupos.

43. O direito à educação é um direito universal, que pertence a cada pessoa. Embora haja concordância em que a educação de adultos deve ser aberta a todos, na realidade muitos grupos minoritários estão dela excluídos: como pessoas idosas, migrantes, refugiados os **reclusos**, por exemplo. Esses grupos deveriam ter acesso a programas educativos que pudessem, por uma pedagogia centrada na pessoa, responder às suas necessidades e facilitar a sua plena integração participativa na sociedade.

47. Reconhecer o **direito do detento** à aprendizagem:

- a) informando os presos sobre as oportunidades de ensino e de formação existentes em diversos níveis, e permitindo-lhes o acesso a elas;
- b) elaborando e pondo em marcha, nas prisões, amplos programas de ensino, com a participação dos detentos, a fim de responder às suas aspirações em matéria de educação;

LEI COMPLEMENTAR nº. 170/1998 - CEE/SC – (Conselho Estadual de Educação - Santa Catarina)

Capítulo X – Da Educação do Meio Rural, Pesqueiro, Indígena e **Penitenciário**:

Art. 66. O poder Público dispensará especial atenção à oferta de educação básica para a população rural, pesqueira, indígena e **carcerária**, que será adaptada às suas peculiaridades mediante regulamentação específica e levará em conta:

- I - estabelecimento de parcerias;
- II - elaboração de currículos;
- III - adoção de metodologias
- IV - organização escolar própria;

V - formação pedagógica dos docentes;

VI - melhoramento das condições didático-pedagógicas;

VIII - organização de cursos ou escolas experimentais.

O levantamento de legislações e orientações que direcionam as ações educativas no interior das prisões brasileiras demonstra que a educação é um direito garantido a mulheres e homens encarcerados e, ao mesmo tempo, evidencia a importância de buscarmos compreender o significado do processo educacional nesses espaços, uma vez que, nossa aposta é a de que a educação não pode estar a serviço da dominação, mesmo em instituições fechadas ou totais.

3.2 A EDUCAÇÃO EM PRISÕES COMO PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS: ESPAÇOS DE DIREITOS

O cotidiano da Escola Supletiva no interior da prisão compreende diferentes relações construídas por interações entre todos os sujeitos e segmentos envolvidos. Nesse sentido a escola passa a ser considerada como prática social pois:

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, como o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e o controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas. (WALDENEZ, 2009, p. 9).

As relações estabelecidas no espaço da prisão promovem aprendizagens diversas, muitas delas ligadas a sobrevivência e a adaptação a um local que apresenta condições limitadas e precárias de vida.

Na prisão de uma forma geral as aprendizagens das pessoas que cumprem pena não são baseadas em programas, módulos estruturados ou currículos pensados por especialistas. Essas aprendizagens têm como base as necessidades imediatas de manutenção da própria existência, conforme ressalta Marc De Mayer:

[...] presos desenvolvem uma estratégia de aprendizagem, eles buscam os meios para conseguir a curto prazo, sobreviver na prisão e, a prazo médio, adotam atitudes que devem ser tomadas para que se consiga sair da prisão mais rapidamente. Aprendem uma série de coisas [...]. Esses aprendizados são funcionais, perfeitamente adaptados e correspondem muito bem ao que denominamos educação ao longo da vida. (UNESCO, 2006, p. 44).

Contudo, no espaço escolar no contexto da prisão, as aprendizagens são intencionalmente planejadas, as vezes de forma coletiva entre todos os envolvidos e as vezes de forma individualizada por professores. Porém não há garantias de que esse processo educativo promovido pela escola na prisão se converta em aprendizagens positivas e reais para os que a ela tem acesso e, novamente Mayer coloca que

Precisamos encontrar pista para que os presos possam experimentar na prisão momentos de aprendizagens, de experiências bem-sucedidas, de encontros que não seja relações de força, momentos de reconstrução da própria história, espaços para expressar emoção e realizar projetos. Chamemos a isso: educação na prisão. (UNESCO, 2006, p. 47).

Nesse sentido, é preciso conhecer as necessidades, interesses, expectativas, respeitando a dignidade e a individualidade de cada sujeito, suas visões de mundo, aceitando suas diferenças e valorizando a histórias de vida de cada homem e mulher privado de liberdade.

Ao ressaltar que o “homem está no mundo e com o mundo” (FREIRE, 1987, p. 29) admite-se a idéia de que o ser humano pode compreender sua realidade e fazer dela objeto de seu conhecimento.

Sendo assim os processos educativos decorrentes da prática social de estudar na prisão poderão criar possibilidades para as pessoas em privação de liberdade “reconhecer-se como homens na sua vocação ontológica de *ser mais*” (FREIRE, 1987, p. 52). E nesse processo a (re)significação de suas histórias e atitudes podem abrir novos caminhos para (re)construção da realidade onde homens e mulheres encarcerados se coloquem como sujeitos reais de suas escolhas.

Nessa perspectiva ressalta-se a compreensão da educação segundo FIORI, (1991) como um “[...] esforço permanente do homem por constituir-se e reconstituir-se, buscando a forma histórica na qual possa reencontrar-se consigo mesmo, [...] (p. 83).

A educação centrada na autonomia e na liberdade promove o movimento de libertação e de rompimento com a dominação que oprime, adentra e subjuga ao processo de adaptação e aos condicionantes sociais, econômicos e culturais legitimados pelo sistema opressor.

E como afirma Dussel (2002, p. 382), “para que haja justiça, solidariedade, vontade diante das vítimas, é necessário ‘criticar’ a ordem estabelecida para que a impossibilidade de viver destas vítimas se converta em possibilidade de viver e viver melhor”.

Por isso Freire ao falar do direito que as classes populares têm de receber da escola “[...] aprendizagens democráticas na busca da necessária superação do “saber de experiência feito”, um saber mais crítico, mais exato[...] (1992, p. 11), reafirma: “Esse é um direito das classes populares que progressistas coerentes tem que reconhecer e por ele se bater (**leia-se lutar**) – o direito de saber melhor o que já sabem , ao lado de outro direito, o de participar de algum modo, da produção do saber ainda não existente. (FREIRE, 1992, p. 111)

No contexto da educação em espaços de privação de liberdade um dos grandes desafios presentes é estabelecer a compreensão de aliar o direito legal à educação, ao processo educacional formativo centrado na “[...] amorosidade, acolhimento, indignação, esperança, simplicidade, colaboração, desejo de tornar-se mais humano, de humanizar-se no sentido de vida plena, numa sociedade em que todos existam enquanto cidadãos e cidadãs.” (WALDENEZ, 2009, p. 8).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cotidiano da Escola Supletiva no interior da prisão compreende diferentes relações construídas por interações entre todos os sujeitos e segmentos envolvidos. Nesse sentido a escola passa a ser considerada como prática social pois:

“Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, como o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e o controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas.” (WALDENEZ, 2009, p.9)

As relações estabelecidas no espaço da prisão promovem aprendizagens diversas, muitas delas ligadas a sobrevivência e a adaptação a um local que apresenta condições limitadas e precárias de vida.

Na prisão de uma forma geral as aprendizagens das pessoas que cumprem pena não são baseadas em programas, módulos estruturados ou currículos pensados por especialistas. Essas aprendizagens têm como base as necessidades imediatas de manutenção da própria existência, conforme ressalta Marc De Mayer:

“[...] presos desenvolvem uma estratégia de aprendizagem, eles buscam os meios para conseguir a curto prazo, sobreviver na prisão e, a prazo médio, adotam atitudes que devem ser tomadas para que se consiga sair da prisão mais rapidamente. Aprendem uma série de coisas [...]. Esses aprendizados são funcionais, perfeitamente adaptados e correspondem muito bem ao que denominamos educação ao longo da vida. (UNESCO, 2006, p.44)

Contudo, no espaço escolar no contexto da prisão, as aprendizagens são intencionalmente planejadas, as vezes de forma coletiva entre todos os envolvidos e as vezes de forma individualizada por professores. Porém não há garantias de que esse processo educativo promovido pela escola na prisão se converta em aprendizagens positivas e reais para os que a ela tem acesso e, novamente Mayer coloca que

“Precisamos encontrar pista para que os presos possam experimentar na prisão momentos de aprendizagens, de experiências bem-sucedidas, de encontros que não seja relações de força, momentos de reconstrução da própria história, espaços para expressar emoção e realizar projetos. Chamemos a isso: educação na prisão.” (UNESCO, 2006, p. 47)

Nesse sentido, é preciso conhecer as necessidades, interesses, expectativas, respeitando a dignidade e a individualidade de cada sujeito, suas visões de mundo, aceitando suas diferenças e valorizando as histórias de vida de cada homem e mulher privado de liberdade.

Ao ressaltar que o “homem está no mundo e com o mundo” (FREIRE, 1987, p.29) admite-se a idéia de que o ser humano pode compreender sua realidade e fazer dela objeto de seu conhecimento.

Sendo assim os processos educativos decorrentes da prática social de estudar na prisão poderão criar possibilidades para as pessoas em privação de liberdade “reconhecer-se como homens na sua vocação ontológica de *ser mais*” (FREIRE, 1987, p. 52). E nesse processo a (re)significação de suas histórias e atitudes podem abrir novos caminhos para (re)construção da realidade onde homens e mulheres encarcerados se coloquem como sujeitos reais de suas escolhas.

Nessa perspectiva ressalta-se a compreensão da educação segundo FIORI, (1991) como um “[...] esforço permanente do homem por constituir-se e reconstituir-se, buscando a forma histórica na qual possa re-encontrar-se consigo mesmo, [...] (p.83).

A educação centrada na autonomia e na liberdade promove o movimento de libertação e de rompimento com a dominação que oprime, adentra e subjuga ao processo de adaptação e aos condicionantes sociais, econômicos e culturais legitimados pelo sistema opressor.

E como afirma Dussel (2002, p.382), “para que haja justiça, solidariedade, vontade diante das vítimas, é necessário ‘criticar’ a ordem estabelecida para que a impossibilidade de viver destas vítimas se converta em possibilidade de viver e viver melhor”.

Por isso Freire ao falar do direito que as classes populares têm de receber da escola “[...] aprendizagens democráticas na busca da necessária superação do “saber de experiência feito”, um saber mais crítico, mais exato[...] (1992, p.11), reafirma: “Esse é um direito das classes populares que progressistas coerentes tem que reconhecer e por ele se bater (**leia-se lutar**) – o direito de saber melhor o que já sabem , ao lado de outro direito, o de participar de algum modo, da produção do saber ainda não existente. (FREIRE, 1992, p.111)

No contexto da educação em espaços de privação de liberdade um dos grandes desafios presentes é estabelecer a compreensão de aliar o direito legal à educação, ao processo educacional formativo centrado na “[...] amorosidade, acolhimento, indignação, esperança, simplicidade, colaboração, desejo de tornar-se mais humano, de humanizar-se no sentido de vida plena, numa sociedade em que todos existam enquanto cidadãos e cidadãs.” (WALDENEZ, 2009, p. 8)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, abr. 2013.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812013000100015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 jun. 2019.

DUSSEL, Enrique. “A crítica ética do sistema vigente: a partir da negatividade das vítimas”. _____. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.313-414.

_____. “A validade anti-hegemônica da comunidade das vítimas”. _____. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.415-500.

_____. **Transmodernidad e interculturalidad** (Interpretación desde la filosofía de la Liberación). México: UAM-Iz, 2005. p. 1-28.

FIORI, Ernani Maria. Conscientização e educação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS. 11(1). JAN. JUN. 1986. p.3-10.

_____. Ernani Maria. Educação libertadora. In: _____. *Textos escolhidos: v. II.: Educação e Política*. Porto Alegre: L&PM, 1991.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**, 4ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 7ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

MAYER, Marc De. Aprender e desaprender. In: UNESCO. **Educando para a liberdade: trajetórias, debates, e proposições de um projeto para a educação nas prisões brasileiras**. Brasília, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, 2006.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

NAKAYAMA, Andréa Rettig. **O trabalho de professores/as em “um espaço de privação de liberdade”**: necessidades de formação continuada. Dissertação em Educação. Orient. Profª. Dra. Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SILVA Petronilha B.G.; MONTRONE, Aida Victoria G.; JOLY, Ilza Z.L.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; OLIVEIRA, Maria Waldenez de; MELLO, Roseli R. **Práticas sociais e processos educativos: costurando retalhos de uma colcha**. Texto para fins didáticos da disciplina “Pesquisa em Metodologia de Ensino 4: Práticas Sociais e Processos Educativos” do PPGE/UFSCar, 2008. (versão preliminar).

5.2 Referências de legislação

BRASIL. Código Penal. Decreto-Lei nº. 2.848, de 07 de dezembro de 1940.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Subsecretaria de Edições Técnicas. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Brasília, 2006.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei de Execução Penal. Lei nº. 7.210, julho de 1984.

BRASIL. Lei do Fundo Penitenciário Nacional. Lei Complementar nº. 79, de 07 de janeiro de 1994.

BRASIL. Parecer CEB nº. 11. Conselho de Educação Básica. Câmara Nacional de Educação, 2000.

BRASIL. Plano Nacional de Educação. Centro de Documentação e Informação. Coordenação de Publicações. Brasília, 2000.

CONFERENCIA INTERNACIONAL SOBRE A EDUCAÇÃO DE ADULTOS. V, 1997, Hamburgo, Alemanha. Declaração de Hamburgo. Agenda para o futuro, Brasília, SESI/UNESCO, 1999.

FÓRUM INTERNACIONAL DE AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS NAS PRISÕES. I, 2003, Florianópolis. CEFET/Santa Catarina.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Programa de integração da educação técnica de nível médio ao ensino médio na modalidade de educação de jovens e adultos – PROEJA. Documento Base. Brasília, 2005.

SANTA CATARINA. Lei Complementar nº. 170. Conselho Estadual de Educação., 1998.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina:** estudo temático. Florianópolis: IOESC, 2005.192p. CDU 37 (816.4)

ANEXO A – Roteiro de coleta de dados

Levantamento de dados objetivos

1. Dados pessoais

- Idade:
- Estado civil:
- Estrutura familiar: nº de filhos
- Origem étnica: (auto-declaração)

2. Dados Institucionais

- Recebe visitas: de quem?
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário?

3. Dados escolares

- Escolaridade dos pais, irmãos, esposa/esposo e filhos
- Idade de ingresso na escola (fora da prisão)
- Série de interrupção dos estudos (dentro e fora da prisão)
- Motivos da interrupção escolar (dentro e fora da prisão)
- Estudou em outra unidade prisional

Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: carga horária diária e horário das aulas.

Levantamento de dados subjetivos - entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos?
- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto?

- Na sua vida, antes de vir para a prisão;
- Na sua vida dentro da prisão;
- E na sua vida fora da prisão (quando sair);
- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão.

ANEXO C - Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Eu, _____, fui informada(o) de que será realizada uma pesquisa com mulheres e homens em privação de liberdade, vinculados na condição de alunas(os) ou ex- alunas(os) da Escola do Complexo Penitenciário de Florianópolis, a fim de investigar “os significados de estudar dentro da prisão”, tendo como pesquisadora responsável a Sr^a Beatris Clair Andrade. Fui convidada(o) a participar desta pesquisa, por meio de conversas coletivas e entrevistas individuais, para fins de elaboração de um quadro de análise para discutir os conhecimentos, experiências e significados em relação à oferta de escolarização no espaço prisional. Também fui informada(o) que durante as atividades será utilizado um gravador que gravará todas as sessões. Não haverá riscos ou desconfortos, assim como gastos de qualquer natureza. As conversas serão realizadas em ambiente privado, a ser acordado com a pesquisadora e as informações serão mantidas em sigilo. Como parte deste estudo, meu nome ou qualquer forma de identificação pessoal não aparecerá em nenhum lugar (a não ser nesta folha). Fui informada(o) de que minha participação é voluntária, ou seja, eu só participarei se quiser, e que tenho o direito de não responder qualquer pergunta que eu não queira, além de poder me retirar do estudo quando quiser. Terei direito a esclarecer todas as dúvidas que possam surgir durante o andamento da pesquisa. Declaro estar de acordo com a divulgação dos resultados da pesquisa, por meio da dissertação de mestrado e artigos em revistas e periódicos. Li ou leri para mim as informações acima e tive a oportunidade de esclarecer dúvidas e fazer perguntas sobre esta pesquisa, que me foram respondidas satisfatoriamente.

Florianópolis, _____ de _____ de 2010.

Assinatura da participante

Eu certifico que todas as informações acima foram dadas à(ao) participante.

Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXO D – LISTA DE ENTREVISTADOS

Penitenciária de Florianópolis

1. Marcelo Jefferson Barbosa – 10546 - Penitenciária – fechado - Vestibular
2. Paulo Sérgio Batista – 9879 – semi aberto – fez o ensino Fundamental em 2009
3. Rudnei Teresa de Jesus – 10685 - fechado
4. Clodoaldo José Alves de Moura – 10792 - fechado
5. Fernando Henrique Makufka – 12537 - fechado - Casa Velha – era do HCTP
6. Rafael André Marssona – 9444 – fechado - Ensino fundamental

Presídio Feminino

7. Roseli Alves Barrilari Alba – Presídio Feminino – ingressou na Escola no Ensino Fundamental
8. Lucinéia Vieira – Ensino Médio - está no Presídio Feminino
9. Viviani Martins – Ensino Fundamental – ex-aluna - está no Presídio Feminino
10. Sueli Aparecida Alves – Ensino Fundamental – ex-aluna- está no Presídio Feminino
11. Rosangela Miranda – aluna no ano de 2009-2010 – Presídio Feminino
12. Izilene Kuger – aluna no ano de 2009-2010 – Presídio Feminino

Penitenciária São Pedro de Alcântara

13. Sidnei Luís Raymundi – Penitenciária – Pedro de Alcântara – fez Ensino Fundamental e Médio na Penitenciária de Chapecó – passou no vestibular UFSC - Filosofia

Egressas

14. Clarissa Gabriela Aranha Pedra – Presídio Feminino – egressa mora no Itacorubi
15. Scheila Simoni Zeferino – fez o Ensino Médio na Escola
16. Vanessa Brandão – fez o Ensino Médio na Escola – fez inscrição para o vestibular
17. Carmen – egressa – está fazendo faculdade

Egressos

18. Adnei Boaventura – Presídio Masculino – egresso mora em Angelina
19. Pedro Volmir Ferreira – egresso mora em Florianópolis – ingressou na Escola no Ensino Fundamental
20. Murilo Pires de Moraes – egresso – fez alguns módulos do Ensino Médio

ANEXO E – Entrevistas

Entrevista – Adilson – Fechado - 10

1. Dados pessoais

- Idade: 27 anos nasceu no dia 11/05
- Estado civil: solteiro
- Estrutura familiar: nº de filhos – não
- Origem étnica: (autodeclaração) - branco

2. Dados Institucionais

- Total da pena em anos: quanto tempo já cumpriu ou falta cumprir?
- Recebe visitas: de quem? – “tenho mais é uma ou duas vezes por ano – da mãe e das irmãs que moram no Paraná – Palmas”
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário? – “trabalho na oficina de rede esportiva, de trave, de vôlei e rede para o cultivo de ostras. Horário é das 13 as 17:30 hs, de 2ª a 6ª.

3. Dados escolares

- Escolaridade dos pais – “minha mãe até a 1ª série do EF e o pai até a 4ª série. Oh... se vê que você me perguntou uma pergunta que nem conversa, eu conversei. Minha mãe só sabe fazer o nome dela coitada. Nós conversava assim mais...”

“Olha por parte de mãe e pai tem eu e mais duas irmãs minha e por parte de mão tenho... mas que nós convivemos tem eu e essas duas irmãs que vem aqui me visitar, elas estão em casa. Uma irmã está fazendo faculdade (28 anos) ela trabalha na delegacia lá onde eu moro e a outra(24 anos) terminou o 2º grau”

- Idade de ingresso na escola (fora da prisão) – 7 anos
- Série de interrupção dos estudos (dentro e fora da prisão) – parou com 16 anos na 1ª série do Ensino Médio
- Motivos da interrupção escolar (dentro e fora da prisão) – “na verdade eu comecei a trabalhar, aí comecei a trabalhar e ganhar um dinheirinho né. Daí parei de estudar e comecei a comprar as coisas, roupas, calçado, essas coisas pra mim mesmo, entendeu. Daí parei de estudar. Aí só fiquei trabalhando. Aí depois até voltei a estudar mas daí

voltei no período da noite, daí desisti, voltei um tempo, daí em 2001 servi o exercito, 2002 que eu voltei. Daí eu parei de volta. Daí 2005 eu voltei denovo a estudar de noite, daí eu parei. Daí eu fui preso. Daí agora eu continuei ano passado(2009) aqui, ano passado inteiro.”

- Estudou em outra unidade prisional – “na verdade em 2005 quando eu caí preso, lá em Rio do Sul, eu estudei lá. Daí a professora trazia os módulos e eu estudei, só que eu não terminei. É bem isso a professora Bernadete, a galeguinha, né. Você conhece bem lá né. Aí ela ia segunda feira lá né, levar as apostilas e pegar né o material que a gente fazia os exercícios. Aí ela corrigia os exercícios e na outra semana ela trazia a prova. Só que daí eu fiz um monte de prova, só que daí eu saí, eu não me interessei nem pegar mais. Até eu nem me lembrei disso aí, agora que você me falou, eu nem me lembrei mais disso aí. Eu vou te dizer, eu acho que eu consegui mesmo terminar alguma matéria, eu acho que consegui. Daí eu me lembro que eu estudava mais lá, pra mim ter a remição também lá, né era a única coisa que a gente fazia. Pra estudar e ter a remição lá.”
- Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: carga horária diária e horário das aulas – “hoje eu não estou frequentado a aula, por esse ano eles não colocaram Ensino Médio, pra nós aqui, na ala norte. Esse ano eu queria terminar, o Clodoaldo que foi de 7 dias também. Nós estava terminando o Ensino Médio, nós estudava ano passado. Arrumar as salas de aula, nós mesmos podemos fazer. Por que as vezes, o pessoal fica de varde a tarde toda. Esse ano nós ficamos sentido pra caramba, até no primeiro dia que o pessoal começo aqui, da aula, do Fundamental, nós viemos, eu e o Clodoaldo do Ensino Médio. Por que nós achamos que era nós também, né. Aí a professora deu essa notícia que nós não era, era só o Fundamental. Daí a professora Rosana, aquele dia da entrevista, ela falou que agora da metade do ano em diante parece que vai voltar o Ensino Médio. Vai ser aqui ela falou (*meu- na sala onde aconteceu a entrevista*). O ano passado nós estudamos, o ano inteiro, eu. O Clodoaldo também. Eu comecei a estudar na escola ano passado (2009), no começo do ano. Aí faltou poucas matérias pra eu acabar. Daí nós deixamos pra fazer agora esse semestre, no primeiro semestre desse ano, né. Mas daí agora deu esse imprevisto. Aí pra nós é bom, por que eu principalmente, não perder, não ficar perdendo tempo. Por causa que na rua quando você está trabalhando, aí você chega do serviço cansado. Se vai começar 7 horas(19) a aula até 10 e meia, 11 horas... Você não vai agüentar, eu as vezes que eu voltei a estudar, foi maior por causa desse fator aí, as vezes eu chegava do serviço que eu começava 7 hora da manhã e ia até 7 horas da noite, trabalhando. Aí chegava só em casa tomava um banho, as

vezes nem jantava, daí ia pra aula. Chegava, aí começava a estudar, dava sono, dava... no caso a pessoa cansada, já né. Dava sono, as vezes tinha que fazer algum trabalho durante a semana, diversas matérias pra você conseguir colocar na mente. Aí desisti né. Daí agora que nós estamos tendo essa oportunidade aqui ó. É que nem eles falam, as vezes a gente... eles querem, dizem que o preso... dizem que tem que dar uma oportunidade para o reeducando, mas, aí eu não senti a oportunidade, até desanimei, como eu falei com o Clodoaldo lá, né. Falei pô, até essa professora vim eu fiquei desanimado. Ano passado nós estudamos o ano inteiro, nós ia lá e estudava legal. Nunca assim por falta minha assim, eu nunca faltei na aula, assim. Só por que as vezes o agente não tirava ou as vezes o professor faltava, né. Aí eu até fiquei bravo, eu falei assim – ah não se eles vim me falar de aula agora esse ano, aí eu nem vou mais estudar. Mas só que daí é ruim, por que se você estando estudando, você vai lá, lê uma coisa, você já está se antenando, se antenando no convívio social, que o mundo está andando. Nesse período agora né, nos ficamos aqui muito isolado, é isso mesmo. E nós temos que aproveitar esse tempo aqui, por que a hora que nós sair, nós não queremos mais nem saber de aula. Eu não sei né, que agora que eu acabar o 2º grau aqui. Vamos fazer... procurar um serviço pra eu trabalhar, honesto né. Aí eles vão pedir, a gente precisa, por causa que também precisa né. Por que a gente vai ficar o ano inteiro parado assim, sem estudar! Não é tão facilzinho né. Tão facilzinho, pois é só (Meu - arrumar a divisória das 3 salas).”

B - Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos.... “Olha só! Eu me arrependo de não ter estudado mais. De não ter quando era criança. Daí agora eu me arrependo pra caramba. Minha mãe, podia até estar ensinando a minha mãe. Até a ler, a escrever, fazer conta, a ler um livro. Por que nós não temos a característica de ler livro na nossa família. Entendeu. Tipo, eu principalmente quando, eu penso assim quando eu tiver um filho meu, eu quero estar junto com ele, ao par dele, na cama dele lendo um livro pra ele dormir. Lendo um livro, ver o que ele gosta, ver o que ele quer fazer da... o que ele gosta. Não assim tipo, que nem eu, eu ia pra aula mas ia... eu estudava lá mas eu gostava mais de jogar bola. Eu saia da aula pra jogar bola. Daí bem no fim eu me sinto prejudicado por isso. Me sinto mal comigo mesmo. Depois que eu voltei a estudar, o ano passado aqui. Aí que eu comecei a abrir o olho, comecei, comecei...”

progredir um pouco mais. Eu, me ajudou, e uma criança eu acho que o estudo é tudo pra, pra vida de uma pessoa, ela depois como caráter, aprender a, aprender a ser uma pessoa honesta, ser uma pessoa verdadeira né. Eu acho que o estudo é isso. E eu...Uma criança sem estudo é ... é... é complicado. Aí ela vai num caminho, vai aprender coisas que... a gente sabe, já fez, coisas erradas. E ela pode evitar esse, esse, esse caminho. É isso aí que eu penso, o estudo pra uma criança. É muito importante. Eu tenho o meu sobrinho lá em casa e eu sempre falo pra ele, quando as minhas irmãs vem me visitar, que – oh! Até essa minha irmã que está fazendo faculdade, eu falo – oh! Mana, você pega termina, faz tua faculdade. Até começo do ano passado eles passaram uma dificuldade pra ajudar a pagar a faculdade dela. Daí passaram aperto tudo, por causa que daí ela tinha comprado um carro, ela e meu cunhado, né. Aí eles tinham uma casa, né. Aí eles estavam passando necessidade pra pagar a prestação ali. Daí até a minha mãe e essa outra minha irmã ajudaram eles a equilibrar as contas. Daí eu falei assim, não lógico é isso que vocês tem que fazer. Fazer isso. Daí elas vieram aqui né, daí tinha uma casa do lado da minha da onde a minha mãe mora. Daí a minha irmã ela já tinha uma casa que é dela, quitada e tudo, e o carro. Tinha 2 carros. Daí eu falei assim – oh! Mana melhor coisa é você investir num imóvel que tem, numa casa, num terreno do que você ficar com um carro só gastando. Ali pelo menos você vai pagar e é um negócio que é teu. Você pega e dá entrada, dá entrada na casa lá. E está do ladinho da casa das duas e aí fica as duas casas do lado da minha mãe. Daí eu falei, tu pega e vê se consegue dá entrada, dá o carro de entrada e aí muda da outra casa vocês. Por que daí era longe, elas gastavam muito com gasolina, por que o meu sobrinho também é pequenininho e a minha irmã, colocaram ele na escola particular também. Daí eles tinham que descer lá da onde eles moram pra deixar o meu sobrinho lá em casa né, daí de lá eles levavam pro colégio, lá pro colégio de criança, dele né. Daí gastava muita gasolina né. E agora não, agora ele já, já conseguiram, já passaram esse, esse obstáculo aí. Aí ela conseguiu, foi lá financiou a casa, deu o outro carro de entrada, ficaram com um carro só e daí eu falei pra ela, talvez alugar a outra casa né, pra ajudar a pagar a prestação da casa nova, né. Daí elas estão ali. Daí ela estava fazendo a faculdade, estava com a prestação da faculdade atrasada. Daí a minha irmã ajudou, a minha irmã a outra é solteira né. Minha irmã ajudou, a minha mãe também ajudou. Daí isso que eu me senti... puxa eu podia estar lá né, ajudando. Eles não precisavam estar passando essa dificuldade, né. Aí eu me senti mal, comigo.”

Eu – é mas pensa que o que tu pode fazer por ti, já que tu não pode estar lá ajudando nesse momento, mas tu te ajudando aqui já é uma ajuda pra eles, né. Por que a

hora que tiver oportunidade, poder de continuar os teus estudos. Sabe Adilson, depois que tu sai daqui, eles tem possibilidade de te ajudar a também entrar numa faculdade.”

“Lógico, por causa que eu, eu sou novo, vou fazer 28 anos, por mais que eu fique mais uns 2 ou 3 anos aqui, vou sair com 30 anos. Tem pessoas que tá com 35, 40 anos começando a faculdade. Eu acho que isso não é difícil. Daí eu sempre falei pra minha irmã – oh! Minha irmã, capricha, termina a faculdade, ela já está trabalhando, ela conseguiu um emprego lá na delegacia, ela trabalha lá, né. Daí ela é conhecida e tudo lá né. Daí, eu estou ajudando ela também né. E eu vejo diferente também e esse meu sobrinho, que ela... desde pequenininho já colocou no presinho, no pré 1, no colégio particular. E o ensino no colégio particular também é bem mais diferente do que a escola publica.”

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto... “ Não e eu... e daí tá. Daí esse ano, esse ano agora que..., no final do ano agora, que elas vieram me visitar, daí nós falamos sobre esse assunto. Mas eu nem... daí eu tava... O ano passado eu comecei a estudar, né. Aí eu comecemos sempre a discutir esses assuntos, da... de...de, de administração, administrar o dinheiro das pessoas como é que é. Aí comecei a abrir mais a minha mente sobre aplicações tudo, por que na verdade isso ali é uma aplicação que ela está fazendo, né. E daí eu comecei a melhorar, sobre esses quesitos assim, sobre um monte de fatores. Que o estudo me ajudou, ano passado, me ajudou eu a abrir mais a minha mente, entendeu.”
- na sua vida, antes de vir para a prisão – Eu – “Adilson e por exemplo assim oh! Antes de tu vir para a prisão, tu já tinhas estudado. O que tu pensavas sobre educação, como é que tu, o valor disso na tua vida, antes de vir pra cá. Como é que era isso.”

Ele – Você me acredita que eu nem pensava nisso. Só pensava em trabalhar. Ganhava o meu dinheiro, o meu salário lá. Eu não estava nem aí. Ganhava meu salário, trabalhava, gastava, comprava minha roupa lá que eu queria. Comprava meu... eu tinha um carro, eu tinha uma moto. “

- na sua vida dentro da prisão – Eu - “E me diz uma coisa: aqui dentro, agora assim, hoje. No dia a dia aqui das coisas da prisão, ou lá em Rio do Sul também, quando estavas. A escola, a educação, ela influencia alguma coisa no dia a dia da prisão. Nas coisas que tu tem que fazer aqui..., na tua relação com as pessoas aqui... O fato de tu estudar, de tu estar vinculado a educação... ajuda? No que tu achas que ajuda?”

Ele – Ah! Ajuda. Olha eu não assistia o jornal também antes, quando ficava em casa. Agora aqui eu assinto mais jornal, eu comecei a ficar perto das notícias, do que

acontece. Por causa da escola, a escola é que me incentivou, me, me deu a... tipo como é que se diz... me deu a... **orientação, foi direcionando (eu ajudei com essas palavras)**. Isso mesmo, isso mesmo. Me direcionou mais a prestar a atenção nesses assuntos. Nesses assuntos aí. E aqui a gente sempre aprende, de vários... de ter que se controlar, a gente tem que se controlar. As vezes uma pessoa fala alguma coisa pra você. Você tem que aprende a se controlar, vê o que você vai falar. Isso aí é a educação. Por que as vezes uma palavra as vezes meio mal colocada, uma outra pessoa interpreta de outro jeito e aí fica mal pra você, também, pra gente. Um agente também um cara que, uma pessoa que vai estar aí trabalhando, também... Dependo o jeito de falar, a gente vai pedir uma coisa, tipo lá pro sistema ali pro jurídico, penal ali. Pro chefe de segurança. Um memorando que você vai mandar, escrever vai... uma palavra que você vai... Você vai escrever um memorando, você tem que saber se... se expor né. Aí pra eles entenderem que você quer, o que realmente você quer. E aí isso aí me melhorou também, até a minha escrita, texto tudo, o texto. Elaborar um textozinho também. No ano passado a professora de português também. Até a professora Graça, é uma professora que dá muita atenção sobre isso. É muito boa, eu achei ela muito legal também. Os professores ali mais dedicados também com a gente.”

- e na sua vida fora da prisão (quando sair) – Eu “E o que tu pensa assim, do que que a educação, a escola, o estudo, vai poder... Que valor que vai ter quando tu saíres daqui, o que tu pensas sobre isso?”

Ele – “Oh! Eu queria realmente ter terminado, terminar o meu 2º grau que até quando eu sair daqui eu vou ter que fazer todos os meus documentos, identidade, CPF, eu perdi né, Está perdido. Até quero fazer até acho a minha carteira de trabalho também, está lá. Eu vou ter que fazer outra, não sei ou ver, e arrumar um emprego que seja de... que seja um emprego digno, digno. Que eu não quero mais sofrer né. Que a gente sofre. Que eu não quero mais trazer mais, não quero deixar mais a minha família sofrer. Por que eu senti muito esse fator que eu te falei ali né. Senti muito... (não poder estar lá pra ajudar...). Por que sabe, realmente se a pessoa ir... Eu tenho rádio ali, até tem um programa ali que fala direto aqui sobre a região, sobre emprego, as pessoas que estão precisando de emprego, que está procurando emprego, quem está oferecendo emprego. Eu escuto direto esse programa e fico analisando. É por que aqui... lá na verdade aonde eu moro é uma cidade pequena. E aqui não, aqui já é a capital né, a capital... A capital é muito movimentada, a área de emprego é bem dinâmica, não é dinâmica, é bem ampla, né. Lá onde eu moro tinha empresa de... tipo, mas era empresa de compensado. De compensado,

maderito que se chama. E eu trabalhava nessa área lá, né. Eu trabalhava com uma empilhadeira. E aqui não, aqui tem porto, tem ares de construção, área de turismo, né. Trabalhar... Até antes de eu cair preso. Eu estava em Balneário, eu fui preso ali em Balneário. Até eu tinha começado a trabalhar, fazia 15 dias. Eu estava trabalhando mas era de, eu comecei de repositor de supermercado, lá do BIG lá em Balneário. Daí eu tinha começado a trabalhar ali. Só que era contratado né, era experiência né. Terceirizado, na Unilever, eu representava a Unilever ali. Eles tinham me contratado na temporada. Em 2007.”

- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... Eu – “Adilson, eu queria te perguntar um pouquinho assim oh! Tu estudou lá fora né, um pouco antes de vir pra cá, já estudavas lá fora. E estudasse aqui dentro, em Rio do Sul e aqui. O que que tu podes me falar assim: como é a escola pra ti. Fora da prisão e a escola dentro da prisão?”

Ele – “ É bem diferente (com um risinho de óbvio pra ele). Aqui a gente tem tempo, tem... a gente tem principalmente o tempo. Tempo aqui a gente tem. Tipo, mas não é aquele tempo... Por causa que aqui nós saia as 8 horas e voltava as 10 da manhã. Todo dia de manhã. O tempo... a professora tinha um tempo, mas a gente tinha mais tempo aqui dentro pra ver ou ler uma apostila dentro do barraco né, e analisar bem, só que daí tirar as dúvidas com a professora né. Sobre alguma coisa que a gente não, conseguiu.. ou então até com o próprio colega, (aqui tocou um sino, não deu pra entender a gravação) estudar né. E lá fora, lá fora o tempo é... não sei como é que eu posso te dizer. A gente... tipo que nem a gente não se dedica só a estudar né. Mas lá lá é diversas... é... o tempo é mais ocupado. Eu na minha opinião é verdade, é mais favorável aqui pra gente estudar aqui, do que lá fora. E até pra aprender eu acho. Por que ali se... as vezes tem pessoas aqui que não... nem todos, é bem poucos que trabalham. Aí tipo vai de manhã pra aula né, aí de tarde fica no barraco a tarde toda, da uma as seis até as nove horas da noite. Só o tempo que tem pra gente ficar de varde sem fazer nada, sem... entendeu. E esse é um tempo que a gente podia aproveitar com a aula, né. Tentando ler um livro ou uma coisa... sempre estudando né. E lá fora não, pra você estudar, primeiro você tem que trabalhar pra se sustentar. Sustentar tua família. Tem os problemas da tua família, as vezes precisa ir num banco, as vezes precisa... sempre... é um... Sempre tem alguma coisa né. E daí você vai estudar das 7 da noite até onze horas, dá 5 cinco horas né, 4 horas. Isso é daí as vezes o professor está lá te explicando 45 minutos cada aula. Aí muda, vem outro professor, aí você já pega uma outra matéria está estudando português,

aí vem geografia, matemática... e aí na outra matéria você tem que estar... (acabou a fita e eu não vi, mas foi bem o finalzinho)

Observações Finais do Adilson – “O que eu tenho que falar, é por causa que, não sei, o governo colocou uma lei ali, não sei como é que eu posso te dizer. Que as pessoas que tinha síndrome de daw, não sei se você lembra. Aí que eles não aceitavam essas pessoas tipo pra trabalhar no mercado de trabalho. Aí eles fizeram uma lei que... de inclusão. Já que isso feito pra eles, por que que a gente que é preso, a hora que a gente sai da, de uma penitenciária, da cadeia, eles não fazem um projeto de lei assim, tipo assim, para as empresas abrir oportunidade. É uma coisa tão simples né. Eu acho que a faculdade já tinha aquele negócio sobre as pessoas negras né. As cotas de pessoas negras, eles podiam fazer isso com a gente, por causa que tem vários aí que atualmente... né sei lá, eu não sei se vai resolver eu estar falando isso aí né. Eu assisto TV e aí eu fico doido com esses programas assim sobre política. Até na aula nós sempre debatíamos sobre esses negócios... esses assuntos. Sobre também esses assuntos da aula, por causa que é tão simples a aula aqui, vim aqui só tirar nós e ir pra aula né. Tanta complicação não dá pra entender.

Nessa entrevista no final dela eu demonstrei pela gravação que estava com um pouco de pressa por causa dos meninos que passaram a tarde um esperando pelo outro.

Entrevista – Albertina – Presídio Feminino

4. Dados pessoais

- Idade: 56 anos, “assim de cabeça eu não sei eu nasci no dia 18/03/54”
- Estado civil: viúva
- Estrutura familiar: nº de filhos – tenho 11 filhos e 11 netos
- Origem étnica: (auto-declaração) - branca

5. Dados Institucionais

- Total da pena em anos: quanto tempo já cumpriu ou falta cumprir?
- Recebe visitas: de quem? Sim do meu filho, só dele – Mora em Palhoça
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário? – trabalha na regalia da limpeza - na limpeza do pátio, da sala de visita – não tem horário fixo, depende quando não tem movimento nos espaços, nos intervalos fica fazendo crochê e lava roupa pra fora pras meninas que trabalham nas oficinas. Terça feira como não tem visita eu venho aqui limpo tudo e depois fico livre para as outras atividades. O crochê eu aprendi a fazer aqui. Faz 5 meses que eu aprendi a fazer aqui, já fiz jogo de banheiro, fiz um monte de coisas, já vendi pras agentes. Eu não sabia nem pegar na agulha, no começo eu quebrei duas agulhas.

6. Dados escolares

- Escolaridade dos pais, irmãos, esposa/esposo e filhos – meu pai estudava, por que ele era marinheiro né, ele era ex-combatente. A minha mãe era analfabeta e a filha também (um riso). Eu vim aprender e estudar aqui por que eu só sabia fazer o meu nome na rua. Eu assinava os documentos tudo com o dedão, daí os meus filhos me ensinaram a fazer o meu nome, daí aqui que eu vim estudar. Entrei no primeiro ano, daí fiz o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto. Daí no ano de 2009 eu me formei e fui pra quinta série. Daí como eu não tenho sacola, não tenho compra, eu ia fazer a sexta e a sétima e a oitava esse ano, só que como eu lavo a roupa pra manter aqui dentro daí eu dei o nome mas desisti, por que tem é aula e é vários professores, não tem, e aí as vezes eu estou lavando uma roupa, as vezes eu to limpando uma coisa e não dá naquele intervalo que eles estão chegando, mas eu me comprometi pra mim mesma que lá fora eu vou continuar. Eu quero continuar.

Os filhos estudaram até a 8ª só, não tenho nenhum que passou da 8ª. Hoje eu tenho um neto que eu crio por que a minha filha morreu e ele estuda, tem 14 anos. A minha filha mais nova é uma menina tem 18 anos, fez agora. Tem estudando o Natan, por que eu tenho a guarda dele, por que a minha filha morreu. E ele está na 5ª agora, ele ficou 2 anos sem estudar por que eu estou presa né, ele disse que só vai voltar quando eu sair da cadeia. Agora ele está parado. Até eu mais que me esforcei pra estudar pra ensinar ele né.

- Idade de ingresso na escola (fora da prisão) – na rua eu nunca fui na escola. Eu nasci em Laguna e por que eu trabalhava com o meu pai desde pequeninha, naquela época, no pescado, na pesca. Tinha que pescar depois vim e saí vender os peixes. Na roça e na pesca né. Além de pescar tinha que vender e gente pescava sempre uma hora da madrugada pra voltar meio dia, daí remendar rede, isso eu aprendi com o meu pai, a fazer tarrafa. Tarrafa, rede. Eu comecei a estudar aqui dentro. Que a minha filha me ensinou a fazer o nome por que ela disse que era muito feio tá assinando com o dedão. Gastei quase uns seis cadernos eu acho, daí ela me ensinava a fazer tudo quanto era tipo o meu nome, daí eu aprendi dois jeitos de fazer, o meu nome. Daí quando eu cheguei aqui eu não sabia nada, daí fiquei dois anos, daí eu me formei na quinta no ano passado pra esse ano eu fazer a sexta, a sétima e a oitava, até comecei no começo né, mas eu achava que era só um professor ou dois, daí as vezes eu tinha que deixar a roupa das meninas no tanque né, não pode deixar por que tem gente que quer lavar. É bastante gente, a senhora entende né, daí então eu sou obrigada a deixar o tanque vazio. Daí o professor Teixeira disse – mas nós queremos a senhora lá – a professora Graça, todo mundo. Mas não dá. Daí se eu for estudar eu tenho que largar tudo, daí eu vou sobreviver do que?! Né. Não é fácil, meu filho é excepcional, é doente lá na rua. Só com um salário mínimo pra viver, pagar aluguel, paga luz, paga água e ele não tem como mandar uma sacola pra cá. Meus filhos se revoltaram comigo né, por que eu caí por causa desse de menor, ela era de menor essa que tem 18 anos. E nem ela agora que tem 18 agora vem me ver, então meus filhos se revoltaram com isso. Por que agora era pra ela estar aqui me ajudando né. Aí então só quem vem é esse filho, o doente é que vem. Por que ele não paga passagem nada, daí ele vem. Quando ele não vem eu já fico apavorada, com medo né, por que ele cai muito, daí a gente tem medo pra ele atravessar a rua.

Aqui na escola eu comecei em 2008 e 2009. Eu fiquei dois anos pra pegar bem, por que eu tinha muito erro de português, daí pra recuperar bem, por que eu não sabia fazer bem a carta, era tudo errado, daí a professora Roza me ensinou. Daí eu disse

olha eu não vou, por que em 2009 já era pra mim estar fazendo a sexta e a sétima né. Não se for eu não vou, então eu não vou nem pra aqui e nem pra nenhum (risos). Ela disse tá bom, tá bom. Eu quero me reforçar mais eu disse pra ela, aí eu fiquei mais um ano com ela, daí. Eu pretendo continuar, por que lá onde eu mora tem a noite, lá é 3 vezes por semana, eu mora na Barra do Aririú. Até assim esse meu menino doente se formou na 8ª série pelo EJA. Ele entrou na aula com quase 17 anos, 18 anos, daí por causa do problema que deu nele né. Daí ele se formou na 8ª pelo EJA em Santo Amaro quando eu morava lá. Daí eu morava pertinho do colégio e era 3 vezes por semana que tinha.

Eu vou sair em 2012 só. É por que ele já disse (o Natan) que eu não vou sozinha estudar, daí eu vou com ele. Ele vai de companhia comigo.

“Eu perguntei – Ele vem aqui?” – só vem de vez em quando por que ele paga passagem né. Ele disse que não via a hora de fazer 18 pra vir me ver, eu disse o meu filho até lá a mão já está em casa muito tempo. Ele não gosta que eu diga que seu avó dele, ele fica brabo. Ele me chama de mãe. Ele diz que ele tem duas mães uma que olha por ele lá no céu e a outra que olha por ele aqui. Eu estou com uma esperança, mulher, que até sexta feira eu vou sair de 7 pra passar o dia das mães. Deus é minha guia, a minha solução pra tudo aqui dentro. Ah eu quero ficar direto com ele (o Natan).

- Série de interrupção dos estudos (dentro e fora da prisão)
- Motivos da interrupção escolar (dentro e fora da prisão)
- Estudou em outra unidade prisional
- Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: carga horária diária e horário das aulas

B - Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos.... “eu acho muito importante né, pra mais tarde eles ter um futuro melhor né. Não ficar trabalhando como servente, que apesar de tudo isso é um serviço né. Mas quem gosta, quem quer ter um serviço melhor tem que ter um estudo, tem que ter capacidade pro serviço né. É como essa minha filha de menor, ela queria ser uma veterinária, eu disse pra tu ser uma veterinária, tu vai ter que estudar muito né. Não saiu, na 8ª série não quis mais saber de estudar né. Eu disse mas nunca é tarde, a mãe está velha e voltou a

aprender uma coisa que eu não sabia, né, tu ainda pode ser uma veterinária. Tu tem só 18, tu pode ser uma advogada. Daí ela disse vou ser uma advogada pra defender alguém da minha família que for preso. Eu disse então tenha capacidade, bota isso na tua cabeça e estudo pra isso. Por que quem quer consegue. Eu digo que eu to velha, tou com 57 anos mais se eu quiser estudar pra ser uma advogada não é tarde, eu digo pra ela, né. Apesar que eu não vou querer, eu tendo o estudo suficiente pra mim, por que agora a lei mudou bastante, por que os idosos tendo saúde também pode trabalhar. Eu posso pegar um serviço bom também, né. Não vou pegar só no pesado, né. Eu acho que o estudo é pra isso, quem tem estudo é pra trabalhar numa coisa mais, né. Num serviço mais leve, pra quem gosta. Pegar num computador, trabalhar numa empresa, né. Tem tudo pra isso, né. O estudo é pra tudo, não é pra nada. É pra tudo mesmo na vida da gente. Tem muita capacidade né.

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto... “tanto pra uma criança quanto para um adulto é importante, nunca é tarde né.
- na sua vida, antes de vir para a prisão – “eu nunca pensava em estudar. Por que eu não tinha tempo pra isso. Trabalhava muito né. Sei lá, as vezes a cadeia é um sofrimento, mas pra mim foi um aprendiz né, um aprendizado isso aqui. Por que onde é que eu vim aprender tanta coisa? Foi aqui dentro né, por que lá na rua eu não tinha tempo, por que eu trabalhava de faxineira..., eu trabalhava de diarista..., eu trabalhava na pipoca, eu tinha um carro de pipoca e trabalhava há três anos e u não tinha folga um domingo pra sair com os meus filhos, com os meus netos pra brincar com eles na praça. Eles iam comigo mais eu tava trabalhando e eles tavam brincando. Não tinha tempo e não sabia pra ensinar um filho a ler ou a escrever ou a fazer uma conta. Nada disso eu sabia. As vezes eles pediam – o mãe me ajuda – como que eu vou ajudar se nem eu sei pra mim. Então isso me levou aqui dentro, já que tinha. Eu tive essa oportunidade então foi onde eu cheguei até o que eu cheguei agora.”
- na sua vida dentro da prisão – “teve significado sim. Por que eu não via a hora de chegar a hora de eu ir pra escola. Por que eu queria ir pra aula, né. Por que no inverno a gente tem só meio período, né. Por que quem estuda e trabalha tem o período inteiro igual os outros só vai ser trancado as 7 horas da noite, né. Então pra mim eu não via a hora de chegar a hora da aula. E quando não tinha eu ficava triste, eu dizia pra professora - o podia ter aula sábado e domingo né – aí ela dizia aí tu quer que eu morra também né (risos), tenho a minha família também né (risos). Mas na aula sei lá a gente se sentia bem dentro da sala de aula né.

- Eu – ter aprendido a ler e a escrever, ajudou na vida aqui dentro – “ ajudou... bastante. Por que agora eu posso escrever uma carta, manda um memorando pra falar com alguém de importante aqui de dentro. Não tenho vergonha de escrever, apesar de uns errinhos lá né, mas pelo menos mando um memorando pra conversar com a dona Ana, que é nossa enfermeira chefe daqui. Pra falar com a assistente social, é tudo coisa feita pela minha mão e antes eu tinha que pedir para os outros né. Ficava chato, - o fulana me faz uma carta, o fulana me faz isso, o fulana faz aquilo. Agora hoje não, quando eu vejo que eu tou errada, a professora Roza me deu um dicionário, eu vou lá e procuro no dicionário pra não fazer errado. Daí eu procuro. Eu não sabia o que era o significado de uma bíblia. Hoje eu leio a bíblia, né. Tudo isso pra mim foi vantagem. Se escreve um hino eu canto escrito tudo direitinho, antes eu não fazia nada disso, né. Pra mim foi um aprendiz que nossa, uma amiga ajuda a outra, dentro do quarto, a fazer as tarefas, as atividades, que a gente... Por que sempre tem uma que sabe mais que a gente. Então a gente procura sempre ficar mais do lado daquela que sabe né. Por que daí sempre se a gente tem uma dúvida vai lá pergunta – não é assim. – Ó seu leva zero a culpa é tua né. – Não pode, se tu fizer como tu estas fazendo tu vai levar zero, faz como eu disse. Daí chega lá a gente só recebe nota boa daí né. Então a gente sempre tem que ter amizade , não pode ter inimizade aqui dentro, né. Aqui é como se fosse todo mundo uma família uma da outra, né. A nossa família tá aqui. É o dia a dia, se tu levanta de manhã tu já vê elas, de tarde tu já vê ela, se tu vai dormir tu já vê elas, então que tu vai fazer. É desejar o bem pra todas, por que todas vão pra rua, que todas cheguem a sua família, que vão até eles né. E que **cuide** (essa fala com ênfase) dos filhos lá fora. Por que nas minhas orações eu boto todos eles juntos né, não tem quem preto quem é branco né. Não é todos iguais, somos todas sofredoras aqui dentro, não tem uma melhor que a outra. Ou por uma coisa ou por outra eu sei que nós estamos pagando por o erro de alguém né.

- e na sua vida fora da prisão (quando sair)
- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... – “ é diferente. Bem diferente. Eu não sei, por que a gente quando vai na reunião dos filhos né, na escola. A gente vai lá e só se vê reclamação, dos filhos da gente, né. E os professores, são muitos alunos pra uma classe só. Aqui são poucos, então a professora tem mais atenção, eu acho assim, aqui é melhor do que lá fora. Por que é pouca gente, então a professora tem como dar atenção pra cada um. Um chama ela atende, outro chama ela atende. E dentro de uma sala de aula não dá, por que são vários, né. É muito aluno pra uma professora, né. Tem sala de aula

que tem 30, 40 alunos e até 20 pra mim eu já acho que é demais. Uma professora sozinha, nós somos em 12 ali, uma chama de lá, outra chama de cá, ela precisa se dividi um pouquinho pra cada uma pra não deixar ninguém na mão, imagina uma sala de aula com 20, 30 crianças rebeldes, né. Nós já somos adultos. Eu limpo a escola, eu vou pra escola e limpo para as meninas. Pô vocês são crianças, vocês estão no jardim de infância eu digo pra elas. Por que é mesa riscada, é parede riscada, é boneco desenhado. Não é vocês que limpam, quem limpa sou eu. Eu digo mesmo, pra elas. Ah, vamos caprichar aqui tem tudo adulto, não tem criança pequena. Isso aí é coisa do primeiro ano, até o segundo, terceiro ano. Pra criança de 6 anos até 10 faz isso na cadeira, mas nós aqui somos tudo velha, gente! Com barba na cara, vamos criar vergonha na cara, vamos, né. Elas dizem ui! Ui! Daí eu digo, não, eu fico de olho. Ó a lixeira está lá, ó vai aponta lá, não aponta aqui, né. É pior elas se acham criança. Por que de certo não tiveram essa oportunidade de estudar lá fora!? Então elas tão querendo **repetir (falou com ênfase)**, o que a criança repete. Mas nós somos adulto, nós não somos criança. E tem uma assim ó, a senhora dá aula pra nós aqui. Vamos supor aqui dentro tem 30, de tarde a senhor já está dando aula pra outra série maior, só que já tá com a cabeça desse jeito assim, né. É um fuzuê. Aqui dentro já é pouquinho, as meninas mais novas já fazem, né. Imagina numa sala de aula. Eu nunca frequentei uma sala de aula, mas de certo se fosse frequentar também era um capetinha que nem elas (muitos risos). Eu nunca faltei reunião nada. Ah pra quê ir pra lá escutar lorota. Eu digo não. Eu tenho que compartilhar, por que eu tenho que tratar eles como eles estão tratando lá. Lá eles tratam de um jeito, aqui eu trato de outro. Como é que a professora vai dar conta. Não pode. Tem que seguir o mesmo ritmo pra um não puxar para um lado e outro não puxar pra outro! Não é verdade! A gente tem que estudar junto, eu e a professora, pra ver qual é o meio que nó vamos levar uma criança que está querendo cair lá num abismo, no fundo do poço. Pra ver se consegue tirar, né. Não é a professora lá tratar bem, chega em casa eu xingo. Ou eu trato bem aqui chega lá a professora xinga. Não é assim, nós temos que ter união de pais, alunos e professores. Eu acho.

Eu fiquei viúva com 4 pequenos, é. Logo em seguida que ele faleceu a minha filha ganhou neném, ela estava grávida, né. E ela ganhou neném e logo em seguida ela deu a leucemia. Aí eu já sofri com ela também, né. Eu tinha o Wilson que é esse deficiente, o Ilton que está preso aqui né, que é o caçula de homem e a Tainã né, que é o bebê dela depois né, que meu marido morreu. E ela com a doença toda né, a gente cuidando, pra cima e pra baixo no CEPON. Então não foi fácil.

Comentários: Ela era uma senhora muito falante, se comunicava bem, com muita clareza e falava rápido. No final ela pediu um rolo de linha/barbante pra faz crochê.

Entrevista – Fernando Makufka – Fechado -11

1. Dados pessoais
 - Idade: 25 anos
 - Estado civil: solteiro
 - Estrutura familiar: nº de filhos – não tem filhos
 - Origem étnica: (autodeclaração) - branco
2. Dados Institucionais
 - Recebe visitas: de quem? Sim, da mãe, uma vez por mês
 - Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário? No momento não por que chegou há pouco tempo na Penitenciária, mas quer trabalhar.
3. Dados escolares
 - Escolaridade: Mãe – até a 6ª série, “meu pai eu não sei por que eu me criei com a minha mãe”, tem 2 irmãos: um de 28 anos estudou até a 6ª (hoje não estuda mais) e a irmã tem 22 anos e concluiu o EM
 - Idade de ingresso na escola (fora da prisão) – 7 anos
 - Série de interrupção dos estudos (dentro e fora da prisão) – parou na 3ª série com 11 anos
 - Motivos da interrupção escolar (dentro e fora da prisão) – pra jogar vídeo game, fazer bagunça “é que em si assim eu me desviei, me desviei”
 - Estudou em outra unidade prisional – no HCTP começou em 2007 no nivelamento e passou para o EF
 - Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: carga horária diária e horário das aulas – no HCTP a aula era de 3ª a 6ª

B - Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos.... – “o valor de uma criança estudar é tudo né, sem estudo, sem nada ela não vai ter um futuro, um amanhã né. Um futuro com drogas, tráfico.
- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto...
- na sua vida, antes de vir para a prisão,
- na sua vida dentro da prisão
- e na sua vida fora da prisão (quando sair)
- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão...

Entrevista - Izilene

1. Dados pessoais

- Idade: 28 anos
- Estado civil: casada
- Estrutura familiar: nº de filhos – 3 filhos – todos estão estudando (1 menina de 11 anos, 1 menino de 10 anos e 1 menina de 3 anos)
- Origem étnica: (autodeclaração) - branca

2. Dados Institucionais

- Total da pena em anos: quanto tempo já cumpriu ou falta cumprir? -
- Recebe visitas: dos pai, da mãe, das irmãs e das filhas
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário – Trabalha na Oficina Pet Shop – oficina do berçário, no horário das 8:30 – 11:30 e das 13:30 – 17:30, de segunda a sexta feira.

3. Dados escolares

- Escolaridade dos pais – até a 4ª série - EF

Escolaridade do esposo – 7ª série – EF

Escolaridades dos filhos – todos estão estudando na idade série correspondente

Escolaridade dos irmãos - são 7 irmãos: 2 homens - 1 fez faculdade e o outro parou na 4ª serie EF e 5 mulheres – 4 estudaram até a 4ª série e 1 está fazendo EJA, é provável que já tenha concluído o Ensino Fundamental e atualmente esteja cursando o ensino Médio.

- Idade de ingresso na escola (fora da prisão): 7 anos
- Série de interrupção dos estudos (fora da prisão): frequentou a escola até a 5ª série e depois começou a desistir (voltava a estudar e desistia isso aconteceu várias vezes)
- Motivos da interrupção escolar (fora da prisão): o marido não deixava estudar – o pai do menino, não é o atual marido
- Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: começou em 2009 (junho ou julho)

- Carga horária diária e horário das aulas: as aulas funcionam de segunda a sexta feira, tem disciplinas que ocorrem no período da manhã e outras no período da tarde – é possível conciliar o trabalho na oficina com a participação nas aulas.

B - Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos.... eu acho que é tudo né . Por que estudando eles conseguem aprender as coisas, a ser mais inteligente, eles sabem discernir o certo e o errado, eles aprendem dentro da escola, eles aprendem a respeitar mais as pessoas, eu acho que é isso. Talvez se eu tivesse estudado não taria fazendo tanta coisa errada. Então o que eu puder fazer pelos meus filhos pra eles sempre estudar eu sempre vou fazer pra eles estudar. Eu sei do valor que tem o estudo, por que no começo assim que eu vim pra cá eu não gostava muito de estudar, daí depois eu fui vendo o valor, daí eu saí lá fora a minha irmã falou pra mim estudar que ela ia me ajudar a dar uma bolsa enfermagem, pra fazer um curso técnico de enfermagem pra mim, então eu tou fazendo de tudo, não só por remição (aqui ela falou alguma coisa que eu não entendi), **eu estudo mesmo por que eu gosto** (nesse comentário ela foi enfática) então eu passei isso pra minha filha agora, por que eu tenho contato com a minha filha por que com o meu filho eu não tenho. Então com a minha filha agora na páscoa eu saí e no natal também eu passei contato pra ela né, do estudo, que ela tem que estudar, pra ela não esperar chegar a idade que eu tou pra ela valorizar o estudo. Mas ainda bem que ela é bem inteligente, ela é bem esforçada.

Então tu estás indo de 7 dias e tu chegou aqui no presídio quando, em que ano – em 2008 – em 2009 tu começou a estudar – isso, eu comecei em 2008 também mas eu desisti. Desisti por que assim, no começo a gente não tem aquela mente pra fixar ali no estudo né, a gente não tem aquela, tipo assim eu vou pensar em estudar, essas coisas, a gente quer ir embora, embora, então daí eu não tava com a cabeça pra estudar, mas daí agora né, eu comecei a estudar, eu comecei a gostar, as aulas também mudaram né, tipo assim as explicações dos professores mudaram, quando começou eu chegava ali e eles davam provas e gente não tinha muita noção do que era uma matéria. Hoje em dia não eles explicam bem mais a gente tem mais... né, eu tenho, tipo assim eu tenho dificuldade de aprender, tenho muita dificuldade as vezes, mas hoje em dia não, hoje em dia eu tou vendo né que as explicações dos professores fazem a gente entender mais. Eles não

explicam o módulo, ele pega o módulo ó, é assim, assim e assim, vocês estudam o módulo que vocês vão querer fazer a prova. É bem mais difícil a gente tem que decorar uma coisa pra gente estudar, pra gente fazer uma prova, decorá, vive estudando decorando. Acho que né assim é melhor mesmo a gente lê, não precisa decorar, mas a gente tem que ler e receber explicação. Uma explicação vale bem mais do que tu decorar uma, ah eu vou decorar isso daqui por isso daqui vai cair numa prova, daí tu só aprende aquilo ali, por que tá na prova. Mas o resto das coisas principal as vezes não aprende. Então eu me interessei fui na aula agora em 2009, eu me interessei agora em 2010 tá melhor ainda a aula e eu quero continuar na escola.

Izileni, tu até já falou sobre isso, que tu considera o estudo importante na vida de uma criança, e na vida de um adulto, o que tu achas sobre o significado da educação na vida de um adulto...

Eu acho que assim ó, quando a gente é criança a gente começa a estudar de pequeno, mas quando a gente é adulto que a gente vai pra um colégio né, as pessoas vejam diferença na gente. Muda o falar, muda o comportamento, muda tudo, muda tudo, as pessoas assim a gente falando com as pessoas a gente não fala mais igual a gente fala em gírias, essas coisas, né que a gente sabe que gíria é errado, que é totalmente errado, não assim que é errado aos olhos da humanidade, mas é errado falar né. Então gírias já vem das coisas erradas, então a gente aprende muita coisa, eu nesse estudo aí eu aprendi muito. Tem muita diferença na vida da gente, estudando. As pessoas passam a te olhar diferente, passam a ver o tamanho do esforço da gente. Eu sei por que eu estudei, enquanto eu estudava, imagina, a minha família tava ali me apoiando né. Tu já fazias EJA lá fora antes vir para o presídio... é eu fiz 1 mês só, daí antes eu estudava no particular, por já era o meu objetivo de querer alcançar a enfermagem, mas eu não cheguei a alcançar. Com que idade tu começou lá nesse colégio – Ferreira Neto- eu comecei lá com 18 anos pra terminar o EF e começar a fazer o curso técnico de enfermagem, mas continuar estudando, fazer o segundo o terceiro...daí eu me arrependi **muito** de ter desistido, **muito mesmo**, mas fazer o que né, não adianta olhar pro passado né, tem que olhar pra agora. Então se é uma coisa que eu quero eu vou lutar, eu aprendi aqui dentro, a gente lutar pelas coisas que a gente quer né, que nunca é tarde demais. Imagina meu Deus...

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto...
- na sua vida, antes de vir para a prisão – assim tinha dia que eu pensava que estudar era uma coisa, era uma coisa assim só de, tipo assim nos meus 18 anos quando eu estava estudando a minha mente era de alcançar um objetivo, mas aí depois já não era, depois já pensava assim ó, ah estudar é uma coisa que estuda, estuda, estuda, chega lá em cima tu não vê nada, só que depois a gente vê as pessoas, tipo assim, não é uma inveja, mas tu vê as pessoas né, poxa ela é igual eu e hoje em dia né, tão estudando, é através dos estudos que conseguiu o objetivo delas, tipo minha sobrinha, meus sobrinhos, meu irmão né que é mais novo do que eu conseguiu o objetivo dele, conseguiu fazer faculdade né, meu Deus...essa faculdade ajudou pra vida dele né, pra tudo pra inteligência dele pro lado financeiro dele. Ele é uma pessoa que nunca está sem serviço, nunca te sem serviço, por que, ele até está trabalhando aqui no Angeloni, então ele nunca tem problema nenhum de conseguir um serviço, né. Eu acho assim ó que antes eu não pensava nisso mas hoje em dia eu penso assim ó, que o estudo é um meio de eu chegar aonde eu quero né. Se eu estudar pra isso eu vou conseguir aquilo, mas eu vou ter que me esforçar né, eu vi o quanto ele se esforçou, quanto ele se esforçou, por ele não tinha apoio da família. Eu já tinha apoio, talvez tenha sido isso que eu não dei valor, por que ele não, ele trabalhava com 14, 15 anos, ele trabalhava pra poder pagar o estudo dele e chegou onde ele conseguiu, então eu quero chegar lá e eu vou chegar.
- na sua vida dentro da prisão – *e aqui dentro por exemplo hoje Izileni, aqui dentro do presídio tu achas que participar da escola, estudar, estar envolvida assim com a escola e com o estudo, que significado tem isso pra ti aqui dentro, no dia-a-dia, hoje no presente...* – olha pra mim, não sei, as vezes não tem nem explicação, por que é que nem eu falei pra ti assim, eu não tinha interesse em estudar de um tempo pra cá e agora não já é diferente, já é diferente eu sei por que eu saí lá fora eu vi assim as coisas muito difíceis... *e tu te sentes melhor estudando* – melhor estudando, bem melhor, aqui dentro nesse momento, é que nem eu falei assim, acho que foi com o professor Cristiano, não foi para o Daniel de Ciências, eu falei pra ele, eu não estou aqui pra ganhar remição, por que remição eu trabalho, por que no começo eu me esforcei um monte, por que no dia da matrícula eu não estava, então daí tu tem que ter matrícula se não eles não te chamam, daí eu me esforcei um monte, daí toda aula que vinha, ô bota o meu nome lá, bota o meu nome lá...daí até um Agente falou pra mim , pô eu vou deixar tu ir por que toda vida eu vejo tu pedindo para o s professores bota o meu nome lá pra me chamar na próxima

aula...então eu estou me esforçando, eu estou vendo que estou me esforçando sim, e que eu estou gostando.

- e na sua vida fora da prisão (quando sair) – *e assim tu também já falou um pouco disso né, e quando tu sair, tu acha que também...* – é difícil né, assim, vai ser difícil pra mim né, mais eu vou por que nada é impossível, mas assim vai ter uma contramão né, pra mim voltar a estudar, por que eu vou ter que sair, resolver muitas coisas, tipo casa né, essas coisas, por que eu tenho uma filha pequena, mas eu não vou deixar de estudar não, eu sei que lá fora vai ser né, lá fora vai ser puxado por eu trabalho, e agora mais do nunca que eu preciso estudar. *Principalmente onde Izilene, que tu acha que o estudo vai contribuir* - vai ser um meio de eu passar pra minhas filhas que, do que eu passei aqui dentro, vai ser um meio de eu mostrar pra elas que, tipo assim, eu não quero que elas fiquem na mente delas, que eu vim presa e eu parei, que eu vim presa e parei aqui. Então eu quero que elas vejam que por mais que eu errei, aonde eu errei, que eu vim pagar, eu também tive esforço pra mudar, né, então assim o mais importante é pra, claro assim, é pra elas né. O mais importante pra mim é que eu possa estudar e dividir isso com as minhas filhas né, por que uma tem 3 anos ainda, e depois vem o serviço né, vem o serviço.
- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... – eu acho as aulas daqui melhor, que as, assim esse me que eu estava estudando lá fora né, era no EJA também, mas eu acho as explicações das aulas daqui melhor do que lá de fora, né. Por que aqui a gente respeita o momento da né, que o professor está ali falando, está explicando a matéria, então tu fica, tu tens mais facilidade de aprende, eles explicam melhor do que lá fora. Por que lá passa muito rápido o exercício e copia assim né. Mas diz que mudou também, por causa desse módulo aí, mudou, a minha irmã que faz disse que mudou também, que ela também está tendo facilidade de aprender, bem mais ela falou. Ela e o marido fazem o EJA também ali no Saco dos Limões, por que ela também quer um cargo melhor né e consegui graças à Deus que ela está conseguindo. Ele é monitor da firma e ela não. Ela fazia faxina, essas coisas e hoje em dia não, hoje em dia ela está trabalhando na impressora né. É uma coisa que ela também lutou, por que não caiu né, hoje em dia eu tenho tempo pra pensar né, que a gente não precisa das coisas tudo na mão, a gente não pode ganhar as coisas tudo na mão, por que nem tudo que é bom vem fácil, a gente tem que lutar por aquilo que a gente quer e não desistir, não pensar assim, ah eu não vou conseguir chegar lá e não ir mais, igual eu pensava né. Poxa até eu conseguir estudar pra conseguir algo vai demorar tanto, tanto, tanto, nem vou mais. Antes eu pensava assim,

hoje em dia eu já sei que não. Até que se eu tivesse estudado desde o 1º dia que eu entrei aqui, eu ainda falo com as meninas que querem desistir, eu falo pra ela né, se eu tivesse estudado desde o 1º dia quando eu entrei aqui, eu já estava no terceiro ano. Eu entrei aqui em 2008 em maio de 2008, poderia ter feito, pelo menos até dezembro eu teria feito o Fundamental. Em 2009 eu teria feito o 2º e estaria fazendo o Médio. Nunca é tarde, uma coisa assim que eu tenho na minha mente é que eu não vou desistir de chegar aonde eu quero. Não, claro, eu não preciso provar nada pra ninguém, mas o que eu quero é que minhas filhas vejam a mudança em mim. É muito importante isso pra elas, aí depois vem serviço né.

Observações minhas: na primeira conversa que tivemos ela perguntou sobre a escola no Presídio de Biguaçu, onde seu companheiro está cumprindo pena.

No momento da entrevista ela comentou que ele também quer estudar mas no presídio de Biguaçu não tem aulas.

Entrevista - Izilene

1. Dados pessoais

- Idade: 28 anos
- Estado civil: casada
- Estrutura familiar: nº de filhos – 3 filhos – todos estão estudando (1 menina de 11 anos, 1 menino de 10 anos e 1 menina de 3 anos)
- Origem étnica: (autodeclaração) - branca

2. Dados Institucionais

- Total da pena em anos: quanto tempo já cumpriu ou falta cumprir? -
- Recebe visitas: dos pai, da mãe, das irmãs e das filhas
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário – Trabalha na Oficina Pet Shop – oficina do berçário, no horário das 8:30 – 11:30 e das 13:30 – 17:30, de segunda a sexta feira.

3. Dados escolares

- Escolaridade dos pais – até a 4ª série - EF

Escolaridade do esposo – 7ª série – EF

Escolaridades dos filhos – todos estão estudando na idade série correspondente

Escolaridade dos irmãos - são 7 irmãos: 2 homens - 1 fez faculdade e o outro parou na 4ª serie EF e 5 mulheres – 4 estudaram até a 4ª série e 1 está fazendo EJA, é provável que já tenha concluído o Ensino Fundamental e atualmente esteja cursando o ensino Médio.

- Idade de ingresso na escola (fora da prisão): 7 anos
- Série de interrupção dos estudos (fora da prisão): frequentou a escola até a 5ª série e depois começou a desistir (voltava a estudar e desistia isso aconteceu várias vezes)
- Motivos da interrupção escolar (fora da prisão): o marido não deixava estudar – o pai do menino, não é o atual marido
- Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: começou em 2009 (junho ou julho)

- Carga horária diária e horário das aulas: as aulas funcionam de segunda a sexta feira, tem disciplinas que ocorrem no período da manhã e outras no período da tarde – é possível conciliar o trabalho na oficina com a participação nas aulas.

B - Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos.... eu acho que é tudo né . Por que estudando eles conseguem aprender as coisas, a ser mais inteligente, eles sabem discernir o certo e o errado, eles aprendem dentro da escola, eles aprendem a respeitar mais as pessoas, eu acho que é isso. Talvez se eu tivesse estudado não taria fazendo tanta coisa errada. Então o que eu puder fazer pelos meus filhos pra eles sempre estudar eu sempre vou fazer pra eles estudar. Eu sei do valor que tem o estudo, por que no começo assim que eu vim pra cá eu não gostava muito de estudar, daí depois eu fui vendo o valor, daí eu saí lá fora a minha irmã falou pra mim estudar que ela ia me ajudar a dar uma bolsa enfermagem, pra fazer um curso técnico de enfermagem pra mim, então eu tou fazendo de tudo, não só por remição (aqui ela falou alguma coisa que eu não entendi), **eu estudo mesmo por que eu gosto** (nsse comentário ela foi enfática) então eu passei isso pra minha filha agora, por que eu tenho contato com a minha filha por que com o meu filho eu não tenho. Então com a minha filha agora na páscoa eu saí e no natal também eu passei contato pra ela né, do estudo, que ela tem que estudar, pra ela não esperar chegar a idade que eu tou pra ela valorizar o estudo. Mas ainda bem que ela é bem inteligente, ela é bem esforçada.

Então tu estás indo de 7 dias e tu chegou aqui no presídio quando, em que ano – em 2008 – em 2009 tu começou a estudar – isso, eu comecei em 2008 também mas eu desisti. Desisti por que assim, no começo a gente não tem aquela mente pra fixar ali no estudo né, a gente não tem aquela, tipo assim eu vou pensar em estudar, essas coisas, a gente quer ir embora, embora, então daí eu não tava com a cabeça pra estudar, mas daí agora né, eu comecei a estudar, eu comecei a gostar, as aulas também mudaram né, tipo assim as explicação dos professores mudaram, quando começou eu chegava ali e eles davam provas e gente não tinha muita noção do que era uma matéria. Hoje em dia não eles explicam bem mais a gente tem mais... né, eu tenho, tipo assim eu tenho dificuldade de aprender, tenho muita dificuldade as vezes, mas hoje em dia não, hoje em dia eu tou vendo né que as explicações dos professores fazem a gente entender mais. Eles não

explicam o módulo, ele pega o módulo ó, é assim, assim e assim, vocês estudam o módulo que vocês vão querer fazer a prova. É bem mais difícil a gente tem que decorar uma coisa pra gente estudar, pra gente fazer uma prova, decorá, vive estudando decorando. Acho que né assim é melhor mesmo a gente lê, não precisa decorar, mas a gente tem que ler e receber explicação. Uma explicação vale bem mais do que tu decorar uma, ah eu vou decorar isso daqui por isso daqui vai cair numa prova, daí tu só aprende aquilo ali, por que tá na prova. Mas o resto das coisas principal as vezes não aprende. Então eu me interessei fui na aula agora em 2009, eu me interessei agora em 2010 tá melhor ainda a aula e eu quero continuar na escola.

Izileni, tu até já falou sobre isso, que tu considera o estudo importante na vida de uma criança, e na vida de um adulto, o que tu achas sobre o significado da educação na vida de um adulto...

Eu acho que assim ó, quando a gente é criança a gente começa a estudar de pequeno, mas quando a gente é adulto que a gente vai pra um colégio né, as pessoas vejam diferença na gente. Muda o falar, muda o comportamento, muda tudo, muda tudo, as pessoas assim a gente falando com as pessoas a gente não fala mais igual a gente fala em gírias, essas coisas, né que a gente sabe que gíria é errado, que é totalmente errado, não assim que é errado aos olhos da humanidade, mas é errado falar né. Então gírias já vem das coisas erradas, então a gente aprende muita coisa, eu nesse estudo aí eu aprendi muito. Tem muita diferença na vida da gente, estudando. As pessoas passam a te olhar diferente, passam a ver o tamanho do esforço da gente. Eu sei por que eu estudei, enquanto eu estudava, imagina, a minha família tava ali me apoiando né. Tu já fazias EJA lá fora antes vir para o presídio... é eu fiz 1 mês só, daí antes eu estudava no particular, por já era o meu objetivo de querer alcançar a enfermagem, mas eu não cheguei a alcançar. Com que idade tu começou lá nesse colégio – Ferreira Neto- eu comecei lá com 18 anos pra terminar o EF e começar a fazer o curso técnico de enfermagem, mas continuar estudando, fazer o segundo o terceiro...daí eu me arrependi **muito** de ter desistido, **muito mesmo**, mas fazer o que né, não adianta olhar pro passado né, tem que olhar pra agora. Então se é uma coisa que eu quero eu vou lutar, eu aprendi aqui dentro, a gente lutar pelas coisas que a gente quer né, que nunca é tarde demais. Imagina meu Deus...

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto...
- na sua vida, antes de vir para a prisão – assim tinha dia que eu pensava que estudar era uma coisa, era uma coisa assim só de, tipo assim nos meus 18 anos quando eu estava estudando a minha mente era de alcançar um objetivo, mas aí depois já não era, depois já pensava assim ó, ah estudar é uma coisa que estuda, estuda, estuda, chega lá em cima tu não vê nada, só que depois a gente vê as pessoas, tipo assim, não é uma inveja, mas tu vê as pessoas né, poxa ela é igual eu e hoje em dia né, tão estudando, é através dos estudos que conseguiu o objetivo delas, tipo minha sobrinha, meus sobrinhos, meu irmão né que é mais novo do que eu conseguiu o objetivo dele, conseguiu fazer faculdade né, meu Deus...essa faculdade ajudou pra vida dele né, pra tudo pra inteligência dele pro lado financeiro dele. Ele é uma pessoa que nunca está sem serviço, nunca te sem serviço, por que, ele até está trabalhando aqui no Angeloni, então ele nunca tem problema nenhum de conseguir um serviço, né. Eu acho assim ó que antes eu não pensava nisso mas hoje em dia eu penso assim ó, que o estudo é um meio de eu chegar aonde eu quero né. Se eu estudar pra isso eu vou conseguir aquilo, mas eu vou ter que me esforçar né, eu vi o quanto ele se esforçou, quanto ele se esforçou, por ele não tinha apoio da família. Eu já tinha apoio, talvez tenha sido isso que eu não dei valor, por que ele não, ele trabalhava com 14, 15 anos, ele trabalhava pra poder pagar o estudo dele e chegou onde ele conseguiu, então eu quero chegar lá e eu vou chegar.
- na sua vida dentro da prisão – *e aqui dentro por exemplo hoje Izileni, aqui dentro do presídio tu achas que participar da escola, estudar, estar envolvida assim com a escola e com o estudo, que significado tem isso pra ti aqui dentro, no dia-a-dia, hoje no presente...* – olha pra mim, não sei, as vezes não tem nem explicação, por que é que nem eu falei pra ti assim, eu não tinha interesse em estudar de um tempo pra cá e agora não já é diferente, já é diferente eu sei por que eu saí lá fora eu vi assim as coisas muito difíceis... *e tu te sentes melhor estudando* – melhor estudando, bem melhor, aqui dentro nesse momento, é que nem eu falei assim, acho que foi com o professor Cristiano, não foi para o Daniel de Ciências, eu falei pra ele, eu não estou aqui pra ganhar remição, por que remição eu trabalho, por que no começo eu me esforcei um monte, por que no dia da matrícula eu não estava, então daí tu tem que ter matrícula se não eles não te chamam, daí eu me esforcei um monte, daí toda aula que vinha, ô bota o meu nome lá, bota o meu nome lá...daí até um Agente falou pra mim , pô eu vou deixar tu ir por que toda vida eu vejo tu pedindo para os professores bota o meu nome lá pra me chamar na próxima

aula...então eu estou me esforçando, eu estou vendo que estou me esforçando sim, e que eu estou gostando.

- e na sua vida fora da prisão (quando sair) – *e assim tu também já falou um pouco disso né, e quando tu sair, tu acha que também...* – é difícil né, assim, vai ser difícil pra mim né, mais eu vou por que nada é impossível, mas assim vai ter uma contramão né, pra mim voltar a estudar, por que eu vou ter que sair, resolver muitas coisas, tipo casa né, essas coisas, por que eu tenho uma filha pequena, mas eu não vou deixar de estudar não, eu sei que lá fora vai ser né, lá fora vai ser puxado por eu trabalho, e agora mais do nunca que eu preciso estudar. *Principalmente onde Izilene, que tu acha que o estudo vai contribuir* - vai ser um meio de eu passar pra minhas filhas que, do que eu passei aqui dentro, vai ser um meio de eu mostrar pra elas que, tipo assim, eu não quero que elas fiquem na mente delas, que eu vim presa e eu parei, que eu vim presa e parei aqui. Então eu quero que elas vejam que por mais que eu errei, aonde eu errei, que eu vim pagar, eu também tive esforço pra mudar, né, então assim o mais importante é pra, claro assim, é pra elas né. O mais importante pra mim é que eu possa estudar e dividir isso com as minhas filhas né, por que uma tem 3 anos ainda, e depois vem o serviço né, vem o serviço.
- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... – eu acho as aulas daqui melhor, que as, assim esse me que eu estava estudando lá fora né, era no EJA também, mas eu acho as explicações das aulas daqui melhor do que lá de fora, né. Por que aqui a gente respeita o momento da né, que o professor está ali falando, está explicando a matéria, então tu fica, tu tens mais facilidade de aprende, eles explicam melhor do que lá fora. Por que lá passa muito rápido o exercício e copia assim né. Mas diz que mudou também, por causa desse módulo aí, mudou, a minha irmã que faz disse que mudou também, que ela também está tendo facilidade de aprender, bem mais ela falou. Ela e o marido fazem o EJA também ali no Saco dos Limões, por que ela também quer um cargo melhor né e consegui graças à Deus que ela está conseguindo. Ele é monitor da firma e ela não. Ela fazia faxina, essas coisas e hoje em dia não, hoje em dia ela está trabalhando na impressora né. É uma coisa que ela também lutou, por que não caiu né, hoje em dia eu tenho tempo pra pensar né, que a gente não precisa das coisas tudo na mão, a gente não pode ganhar as coisas tudo na mão, por que nem tudo que é bom vem fácil, a gente tem que lutar por aquilo que a gente quer e não desistir, não pensar assim, ah eu não vou conseguir chegar lá e não ir mais, igual eu pensava né. Poxa até eu conseguir estudar pra conseguir algo vai demorar tanto, tanto, tanto, nem vou mais. Antes eu pensava assim,

hoje em dia eu já sei que não. Até que se eu tivesse estudado desde o 1º dia que eu entrei aqui, eu ainda falo com as meninas que querem desistir, eu falo pra ela né, se eu tivesse estudado desde o 1º dia quando eu entrei aqui, eu já estava no terceiro ano. Eu entrei aqui em 2008 em maio de 2008, poderia ter feito, pelo menos até dezembro eu teria feito o Fundamental. Em 2009 eu teria feito o 2º e estaria fazendo o Médio. Nunca é tarde, uma coisa assim que eu tenho na minha mente é que eu não vou desistir de chegar aonde eu quero. Não, claro, eu não preciso provar nada pra ninguém, mas o que eu quero é que minhas filhas vejam a mudança em mim. É muito importante isso pra elas, aí depois vem serviço né.

Observações minhas: na primeira conversa que tivemos ela perguntou sobre a escola no Presído de Biguaçu, onde seu companheiro está cumprindo pena.

No momento da entrevista ela comentou que ele também quer estudar mas no presídio de Biguaçu não tem aulas.

Entrevista _ Jackson – Regime Fechado – Penitenciária (apelido Branco)

1. Dados pessoais

Obs. Enquanto eu perguntava os dados pessoais ele fazia comentário a cerca de vários assuntos, como segue a transcrição abaixo:

O teu nome no trabalho não aparece, conforme está escrito aí no termo – *“mas não tem problema, pode aparecer não tem problema”*

- Idade: 34 – *“dá uma falhada no cérebro aqui dentro, que na verdade é o seguinte aqui a gente perde um pouco de contato na vida e a gente se sente que nem um animal, está entendendo, então o simples fato da ignorância que eles tem com nós, por que parece que a gente fez uma coisa errada com eles, não é a toa que ele quis me deixar algemado aqui dentro”*
- Estado civil: solteiro
- Estrutura familiar: nº de filhos – 3 filhas – uma com 13 anos que estuda na 8ª série e duas meninas com 8 anos, elas são filhas de mulheres diferentes e as duas estudam *“mas a série eu não sei é que essa de 13 anos vem aqui daí a gente conversa”*
- Origem étnica: (autodeclaração) – escravo, índio e português, bem natural brasileiro – *“que é descendente de escravo com português a minha família, aonde que dá a origem da prisão né, por que a família já vem desestruturada desde o começo, já vem duas ou três gerações né.”* É na realidade, assim eu fico pensando que talvez não seja isso, por que todos nós brasileiros somos dessa origem – *“é que o pessoal não para pra pensar, mas tipo assim quem é descendente de escravo de índio e de português geralmente está preso, está entendendo, a família não teve uma estrutura, por que minhas avós não tiveram emprego, o pai deles já não tiveram emprego então já vem de 3 gerações sem emprego, sem estrutura, então eu fui um dos únicos que teve escolaridade na família, então é muito torturante.”* – com essa origem, acho que com isso que tu quer dizer, a falha social com esses grupos, assim com negros, índios, os portugueses que vieram colonizar... *“claro que já vem o problema, já de coisa, tipo assim, quem que ocupa os morros? foi os primeiros pretos que chegaram em Florianópolis, a minha família é tudo de morro, é o que acontece quem morava em morro não tinha emprego, está entendendo. Não tem emprego tu sente fome, tu vai fazer o que. Tu vai roubar ou traficar. E a cadeia antes era cheia de que? De preto. É só preto e pobre que tem dentro*

da cadeia. – Aqui em SC parece que a presença de negros na prisão não é tão grande como em outros estados – *“É por que aqui em SC, não sei se tu sabes, só chegou 750 escravos né, foi muito pouco, foi um dos últimos escravos que chegaram no Brasil, chegaram aqui em SC. E querendo ou não até hoje ainda existe muito racismo não é a toa que está na mídia hoje uma procuradora batendo na filha, dizendo “preta”.. “pá”, eu como quando saí com os meus amigos aí na rua, de estar assim, uma criança olhar e dizer, olha lá mãe, lá vai um negão. Isso é muito ruim. Eu fui buscar um serviço numa empresa de advogado, foi eu e um colega meu que é preto, primeiro ele foi, eu fui fazer um lanche, ele assim ó: - o Branco eles não estão preenchendo mais ficha, mas eu acho que a mulher é racista. E eu fui lá e preenchi a ficha, mas chorei, está entendendo. Por que a própria sociedade ela não quer dar serviço pra preto. Por que eles pedem a foto no currículo? É pra saber se a pessoa é preta ou não, já é discriminação. Pô a globo, a globo nunca teve preto na globo, pô. Só teve depois do Tim Maia reclamar. Por que que as paquitas da Xuxa não tinha uma morena? O BB eles só botam um negão de vez em quando, pra dar uma disfarçada. Por que hoje a mídia está em cima está cobrando isso. Então quer dizer isso que é o seguinte: e os cem anos que se passaram? Passou assim que nem uma borracha? Existe assim que a sociedade cobra muito disso, cobra que a pessoa seja magra, cobra que a pessoa trabalhe.” - A sociedade da aparência né, um padrão estético aceitável, se tu estás fora da altura, do peso, da cor...-*

“Te digo outra coisa, o cara caiu aí com uma tonelada e 800 de maconha, o cara foi embora, eu caí sem nada, deve ter 300 presos aqui que se juntar todos os 300 não caíram com uma tonelada de maconha . Por que tem 300 presos que não tem isso aí? Eu estou preso por 20 gramas de maconha, outro está preso com 10 gramas de maconha. Por que? Por que alguém está ganhando dinheiro com nós estarmos presos. São 8 pessoas que se emprega por cada pessoa que está presa. Pra sociedade que aparece na mídia, aparece que eles prenderam 3 na favela. Mas por que eles não prenderam o chefe da história. Eles sabem quem são os chefões do tráfico em SC. Eles sabem de tudo, mas eles não mexem”.

Jackson, tu já fez o vestibular né, quando tu entrou aqui tu já tinhas o Ensino Médio? - *“sim, tinha”*

“tu sabia que o único estado do Brasil que não tem defensoria pública é SC, pô. Torturaram um monte de preso dentro de São Pedro e não deu nada pros caras. Tortura é crime, pô. Se eles me torturam aqui dentro, se eles torturam 50 presos, esses presos vão sair eles vão fazer 150 vítimas, essas 150 vítimas vão ter filhos, esses filhos

vão ficar revoltados, cada 2 que ficar revoltados são 450. Querem controlar o Rio de Janeiro, essas coisas aí, eles nunca vão controlar, por que eles sempre estão esmagando os pobres. Os pobres vão pra rua pra atacar, se tu for no Rio de Janeiro, na Bahia e em qualquer outro estado, tu vai ver um monte de gente roubando. Por que eles estão roubando? Por que cadê os pais deles? No mínimo mais de 50 % vai estar preso, está entendendo. Ah, eu são três filhas que vão ficar revoltadas, elas estão revoltadas com a minha prisão.” – Eu vou pegar um texto que fala sobre as prisões e a nova administração da miséria, que fala sobre o que uma pessoa que está cumprindo pena representa em termos de repercussão para o estado, em termos de empregabilidade, usar mão de obra -

“ O que acontece é o seguinte, quando se mata uma pessoa rica na cidade, o que a polícia faz? De imediato ela vai apresentar 2 ou 3 que não tem nada haver com o crime, que nem essa criança agora que foi estuprada em Criciúma, apresentaram um cara que não tem nada haver, pra mídia sair de cima. Todo mundo sabe que não tem, mas pra muita gente, ah não já pegaram o cara. Eles jogam muito cara. A política está aí de volta eles vão prometer um monte, vão prometer secretaria de segurança, vão prometer um monte de coisas. Muita gente não sabe mais tem vez que em época de eleição não sai sobre crimes de homicídio na mídia. Tipo assim. Eu morei na Chico Mendes 5 anos, deu 19 homicídios na Chico Mendes e não saiu na mídia. Por que não saiu. Por que tem época certa pra sair. Que nem agora deu 24 homicídios lá em SP, puta, fica preocupado, mas sempre vai dar mais. Eles estão procurando as pessoas dentro da cadeia.”

“Quer outra coisa boa, quanto que o governo paga pra rede globo pra passar aquele programa de educação gratuito na globo. Já viu? É um monte de dinheiro. Viu que horário que passa? Por que que passa naquele horário? Pro população não assistir, não é do interesse. O que que é de interesse pra população. Que eles saibam ler, por que? Pra poder receber recursos de fora do país.

2. Dados Institucionais

- Total da pena em anos: quanto tempo já cumpriu ou falta cumprir?
- Recebe visitas: de quem? “sim, da filha de 13 anos e das irmãs, meus pais já faleceram cedo, faz 11 anos que eu perdi minha mãe, meu pai eu conheci numa semana na outra ele sumiu, então eu só conheci ele adulto. Eu fui criado pela minha mãe. Na verdade mesmo eu fui criado pela rua, daí depois que eu cresci é que eu fiquei do lado da mãe e depois perdi minha mãe”.

- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário? *“já trabalhei na malharia, no horário da tarde (das 13h as 18h)*

3. Dados escolares

- Escolaridade dos pais – *“minha mãe tinha a 4ª série, geralmente naquela época não se estudava né, eu acho que meu pai tinha também mais ou menos a 4ª série.*

- irmãos: *“mais ou menos até a 4ª série - eu tenho 12 irmãos, um foi morto pelo primeiro padrasto, um a minha mãe deu né, na verdade são 10 vivos.”* – desses todos quantos tu tens mais contato: *“uma de 30 anos, uma de 29 anos, de 25 e de 23, todos eles tem até a 6ª série, por que o seguinte né, eles são obrigados a tralhar pra, já moram na favela né. Atualmente nenhum estuda. Pelo simples fato de morar na favela, eles já não estudam pra, pra trabalhar, daí quando eles consegue um serviço geralmente é no horário que o, tipo assim, minhas duas irmãs são cozinheiras agora, um não faz nada agora e o outro trabalha de pintor.”*

“Isso é na verdade é o seguinte, é a segunda geração que só chega até a 4ª série, o problema que já está vindo lá atrás”. – Tu já veio pra prisão com o Ensino Médio completo. – “Eu vim pra cá com o Ensino Médio completo, é mais eu trabalhei mais de 10 anos com carteira assinada, eu sempre me esforcei, daí minha mãe faleceu, daí teve esses problemas todo, daí me envolvi com umas pessoas que não tinha nada haver, daí vim preso. Daí pelo simples fato de eu ter vindo preso, agora por eu estar perto de uma pessoa que cometeu ou não cometeu o crime, pelo simples fato de eu ter já passagem, eu fiquei preso, está entendendo. Na verdade...” – Tu estás pela segunda vez na prisão? – “É a 3ª vez na verdade, essa eu não fiz nada, a outra eu fiz e fui absolvido, a outra vez eu caí com 2 armas, eu estava com um de menor pra cima e pra baixo. Na verdade os guris estavam armados, eu sabia que eles estavam armados, aí nós fomos presos. E aí o que que eu vou dizer, vou dizer que não sei né, daí eu fui absolvido, eu estava na minha condicional e tudo. E agora eu não fiz nada, e agora eu fiquei. Saiu a condenação de 5 anos e 6 meses. Só pra mostrar que a justiça é cega, né, por que da outra vez eu fiz eu caí com duas armas, 37 munição, fugindo da polícia e fui absolvido. E agora eu não tinha nada mesmo, tinha cinquenta coisas pra provar que eu não tinha nada, estava trabalhando tudo direitinho, mas o simples fato do meu endereço ser na favela aí eu fui preso. No bairro de Fátima. Se tu pegar duas pessoas que for presa com a mesma coisa e elas dizer assim ó: eu mora ali na favela tal e outro dizer que mora na beira mar. Esse que mora na beira mar sai. A justiça é assim, ela é cega na verdade. Não

é a toa que tu vai dá uma volta, tu vai chamar 1000 presos que tem aqui 10 não moram na beira mar, 80% mora na favela. Que nem morador da Chico Mendes aqui tem um monte, por que a polícia passa por ali vê um na rua, não esse aqui está preso, está com droga e pronto. Vai dizer que não. Ah moro na favela, - e no que que tu trabalha? Não trabalha, não estuda. O juiz já bota, por que a própria sociedade tem raiva, eles querem botar alguém pra dentro.

- Idade de ingresso na escola (fora da prisão) – *“ah eu entrei em 85na verdade né”* – tu nasceu em que ano? – *“nasci em 75, não então eu entrei mais cedo, eu entrei com 6 ou 7 anos. Eu me lembro de 85 por que foi a época que eu plantei uma árvore lá né, no Otília Cruz, lá onde que eu estudei. Olha só que ótimo, vão lá e vão desativar o Otília Cruz, o que que vai acontece são mais de 150 crianças que vão estar no crime. E cada escola destruir são três prisões que tem que construir, o estado tem que saber disso aí, sabia?”*

Observação: Nesse momento da entrevista ele perguntou meu nome e onde eu morava e por causa do meu bairro ele começou a fazer comentários com relação à violência – *“como ficou violento ali né – mas qual o lugar que não está? Eu entendo muito sobre violência...”* aqui eu fiz alguns comentários sobre violência – *“A violência na verdade, é o seguinte, eu estou, vou fazer 35 anos, eu estou desde os 11 anos de idade criado na rua. Então é o seguinte, eu vou falar bem a verdade, já que isso aí não vai sair pra lugar nenhum. Eu já trafiquei muito, está entendendo, eu conheço tudo o que é canto aqui da cidade, eu já vendi muita droga, já fui muito conhecido, então o que acontece, tu pode vender um monte de droga e tu pode parar. Tá parei de traficar, fiquei 2 anos sem traficar, montei uma oficina. Mas se um colega meu traficar perto de mim eu vou vim preso. Claro, que eu vou ter a mesma fama. A minha mãe morreu em 99, a minha mãe também era traficante. Eu fui preso em 2002 coma a fama que a minha mãe era a maior traficante dali, isso que ela já estava 3 anos morta. Está entendendo. Então a violência é o seguinte, se tu mexer com tráfico, se tu mexer com a mulher de alguém de está preso, se tu mexer com alguém, querer brigar com alguém vai ter violência de imediato. Por que as pessoas estão saturadas de violência, eu vou sair daqui e vou sair revoltado, um monte vai sair revoltado, por que eu fui preso sem nada. O que cara que tinha a droga que foi preso e foi solto. Então a justiça ela não tem uma dose legal. O que que acontece, é muito simples. Oh se a senhora vê o Élio Costa, não sei se vê, o Élio Costa, quando acontece algum crime ele já diz a causa é da droga. Ele não é um investigador, ele não sabe, ele não pode saber. Pode era por causa de uma briga de baile, tipo assim eu vim preso, a minha mulher me deixou, hoje eu sei que ela está com outro cara, a minha*

vontade é sair daqui e matar o cara, então quer dizer. Se acontecer de eu sair daqui e matar o cara, vai aparecer na mídia que é por causa do tráfico. Mas não é. É por que eu vim preso de graça, perdi a minha mulher, perdi a minha empresa, perdi o contato com os meus filhos. Eu vou perder a vontade de viver. Está entendendo. O que eles estão criando? Eles estão criando mais uma pessoa violenta na cidade. Eu sendo violento na cidade, eu tenho conhecimento com mais 5 ou 6 pessoas. O que vai acontecer? Vou fazer um grupo de pessoas que estão de acordo com o meu interesse, se eu tiver um dinheiro, vou atrás de um dinheiro, roubar, traficar, fazer qualquer coisa e já são 6 pessoas pra ir lá cometer um crime. Esse cara vai ter mais 6 pessoas. É onde vai se formar grupos de violência. Sempre vai ser assim, vai se formando grupos...” – Fiz alguns comentários sobre a violência como um fenômeno cíclico e que é papel ou responsabilidade das instituições a ruptura desse ciclo, interromper, romper.

“É um ciclo, é um ciclo e na realidade quem, eu fico pensando assim, Jackson, que quem se interessa por isso e que deveria ser interesse do poder público, dos governos de uma forma geral, formas e condições de interromper esse ciclo, assim, que tu tivesse um tratamento, que eu digo, uma forma de relacionamento contigo, o atendimento aqui dentro dos agentes ou no momento que tu sai, que favorecesse o rompimento desse ciclo, pra ti interromper esse ciclo e poder seguir numa outra lógica o funcionamento da tua vida. A grande, o grande complicador é que, não há interesse de dar condições pra interromper esse ciclo, nem pra quem trabalha, por que por exemplo, eu tenho a obrigação de como profissional, trabalho na área de educação, trabalho com educação na prisão, eu tenho que trabalhar com essa mentalidade de o meu trabalho tem que servir pra contribuir pra interromper esse ciclo. O que eu posso fazer dentro da área de educação. Mas o que acontece, eu sou vinculada a uma instituição pública, que se essa instituição não me permite ou não me dá as condições de trabalho, eu não consigo contribuir contigo pra interrupção desse ciclo e aí vai sendo mantido, mantido e aí é como tu diz, e aí assim, o que mais na verdade eu lamento, Jackson, é que as pessoas que estão dentro desse ciclo envolvidas, daí eu vou ser bem franca contigo, que eu acho que tu tens esclarecimento, como tu que está aqui cumprindo pena e já fosse envolvido no tráfico, nisso e naquilo, que vocês é que acabam pagando com a morte” – “*mas é isso todo mundo sabe*”. – vocês é que acabam pagando, o preço disso custa a vida de vocês e pessoas que entram nesse caminho, ou como vítima, de algum episódio de assalto, de violência ou seja lá o que for, que aí também são levadas junto, mas ... a chance, por exemplo, de eu morrer como vítima e de tu morrer como envolvido nesse ciclo, a tua chance de morrer é maior que a

minha, como vítima, “*umas cinco vezes*” digamos assim de estar passando na rua de carro e pegou uma bala perdida, ou fui tomada de refém e morrer. Acontece, mas essa chance pra eu perder a vida, pra mim é muito menor do que a tua de perder a vida. Por que pelo, por esse ciclo... “*há quantos anos tu estás aqui 10 anos? Mas tu chegava a ver o número de homicídio que dava aqui na ilha? Dava uns 4 ou 5 homicídio. Em 2001 começou a dar 10, 15 homicídios, 2002 deu 200 homicídios*”. Eu acompanhei um pouco isso de como foi assustador o crescimento das mortes e dessas mortes que não sai nas primeiras páginas de jornal, que é a morte de quem está praticando o assalto e é morto, os meninos, muitos adolescentes nas favelas e....

“*Ontem eu estava conversando com o rapaz ali do barraco e tipo assim deu 6 homicídios numa morte lá em Biguaçu com um conhecido meu, por causa de um cano d’água. Claro vai sair na imprensa que a causa é o tráfico. O cara foi lá cortou o cano d’água, discutiu com a mulher do cara, daí o cara – não é como é que tu vai discutir com a minha mulher, daí xingou o cara, daí os caras caíram na bala. Aí um matou o outro. Desses que um matou, já outros se envolveram por ser amigos. E aqui nos morros começou as guerras por que um cara deu uma vassorada na mulher do cara, aí é primo, tudo é parente, deu uns 200 homicídios nessa brincadeira. Se for levantar tudo assim, é por que ninguém vai querer pegar saber dos homicídios tudo. Tipo assim, vamos supor que deu 800 homicídios aqui na ilha, eu conhecia pra mais de 200 pessoas, se levantar os nomes tudo certinho eu digo onde mora tudo certinho, de repente sei quem matou e tudo, por que eu sempre estava envolvido com essas pessoas, a minha chance de morrer é grande, por que eu sei demais. Mas o que acontece, sai na mídia que é por causa do tráfico, pronto, abafou. Mas ninguém mais quer saber, está entendendo*”. – Essa indiferença com as histórias de vida de cada um, e aí falando assim daqui de dentro, da forma como vocês chegam aqui e são tratados aqui né. “*Pelo jeito, oh não tinha esse contêiner, já foi construído esse contêiner, não tem 10 anos, tem 7 anos. São Pedro de Alcântara tem 7 anos. Já fizeram outra cadeia nova em Barra Velha que é pra 72 presos. Já precisa de uma cadeia nova pra Itajaí. Tem 2500 mandatos em aberto. Está entendendo. Alguma coisa está errada. Não é só o tráfico de drogas. Pô eu venho pra cadeia. Tem uma menina nova. A menina não vai querer me acompanhar na cadeia. Ela vai me abandonar. Se ela me abandonar, ela vai arrumar outro cara. Eu vou ficar revoltado e vou querer matar esse cara. Não é só o tráfico de droga. Então eles tinham que aprender a fazer o seguinte. Eles não precisam dar a melhor cadeia pra pessoa puxar, mas tipo assim oh. Tá a pessoa fez o crime que cometeu, então paga. Daí vai o*

cara e me cai com 1 tonelada e 800 de maconha não fica preso. É revoltante pra pessoa puxar a cadeia. Ela vai sair cada vez mais revoltada. Tu chega aqui dentro esses agentes não tratam bem, eles não tratam, a comida. Hoje, da outra vez que estava aqui era pior, hoje é boa a comida. Está entendendo. Mas se tu não tiver um ânimo, tu não tiver assim, tu não sabe a tua data de sair, tu manda um memorando, não dá certo, tu manda uma coisa não dá certo. Tu vai se revoltando, tu não tens a visita, tu não tens a íntima. Tudo demorado. Eles não fazem as coisas assim pra te ajudar. Aqui, aqui ainda é bom, está entendendo, mas não é di jeito que era pra ser”

- Série de interrupção dos estudos (dentro e fora da prisão) - *“na rua até eu me formar no EM eu desisti. Eu sei que eu fiquei 9 anos sem estudar. Eu estudei direto daí eu parei, eu estudei de 82 a 86, né. Daí parei e comecei em 91 e depois parei mais 4 anos. Eu fiz de 1ª a 4ª série, daí parei, depois de 5ª a 8ª e parei denovo. Daí eu comecei a trabalhar na RBS e voltei a estudar. De 91 a 93 daí em 94 eu fui para o exército. Aí parei aí voltei em 96. Daí eu fui direto os 3 anos.*
- Motivos da interrupção escolar (dentro e fora da prisão)
- Estudou em outra unidade prisional – *“não”*

Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: carga horária diária e horário das aulas - *Aqui dentro então tu não estudou – “estudei, estudei 2 anos” – mas tu já entrou com o EM completo – “já, mas eu estudei pra..., eu concluí o EM em 2000 no Colégio Rosa Torres de Miranda. Estudei um pouquinho quando eu cheguei em 2008, 1 mês. E em 2009 o ano todo. Agora parece que eles vão deixar nós depois da metade do ano, estudar, né. Aqui as aulas eram todos os dia de manhã. Eu acho que era 2 horas de aula, né. De segunda a sexta.”*

B - Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos.... *“Na verdade é o seguinte: como na minha família já vem de 2 gerações sem estudo, e dessas todas duas gerações nós nunca tivemos nada, a nossa casa sempre foi de madeira, passamos muita necessidade, então eu espero que o estudo seja algo que deixe minha filha muito feliz e ela possa ter um bom serviço e ela possa saber também que é muito difícil pra conseguir as coisa sem estudo”* – Nesse tempo que tu parou de

estudar e voltou, o que te fazia voltar a estudar? - *“o simples fato de eu ter conseguido trabalho né, daí eu consegui trabalho, na época em 91 eu fiz um curso de office boy e daí comecei a trabalhar na RBS. Então como na minha família ninguém tinha arrumado um serviço em lugar nenhum, nem meus avós, nem meus tios. Nunca tiveram serviço de nada, sempre fizeram serviço assim de capinar quintal, faxineira, minha mãe trabalhou uma vez na Reunidas daí saiu, meu tio trabalhou uma vez no banco e saiu. Então minha família nunca foi assim de... , era pescador, e serviços assim, nunca serviço de carteira assinada. Então eu me senti o máximo trabalhando na RBS. E como era uma empresa bem vista aqui no estado, e assim não, vou estudar, quero crescer tal. E logo em seguida completei 18 anos e fui pra exército. Daí do exercito servi, saí, quando saí era pra se apresentar na RBS em 30 dias eu me apresentei com 60 dias parece. Daí a empresa tinha fechado aqui também era a fundação Maurício Sirovski Sobrinho, só teve sede em Porto Alegre daí eu perdi o emprego, eles botaram pra rua. É mas foi coisa natural, eles já iam... Daí comecei a fazer curso de informática, fiz outros cursos de relações humanas, trabalhei com vender relógio, sempre trabalhei na verdade.*

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto... *“ para um adulto ele serve... pra muitas pessoas que eu converso aqui dentro, ele não serve pra nada, por que a pessoa, tem pessoas que são tapadas, que nem aquele cavalo de carroça, né. Pra outras pessoas ele serve muito né. E pelo simples fato de tu estudar, tu sabe lidar com uma pessoa, tu sabe chegar num coisa..., tu sabes se expressar. É fácil pra ti conquistar uma mulher, é fácil pra ti não ser enrolado nas coisas né.”*
- na sua vida, antes de vir para a prisão,
- na sua vida dentro da prisão – Bem tu já estudou antes , tu já tinhas o EM antes de vir pra prisão. Aqui dentro Jackson, no dia a dia da prisão, o fato de tu já ter o EM, mas também o fato de que tu quis ir pra escola, mesmo já tendo o EM. Que significado teve isso pra ti aqui, no dia a dia da prisão, teve algum: *“aqui eu estando preso e indo pra aula eu me sentia na rua, me fazia bem, me faz dormir bem, me faz sonhar que eu tenho chance de estar na sociedade e lutar pra nunca mais estar aqui dentro. Na verdade o estudo aqui dentro é uma forma de beneficiar muitas pessoas. Bem que não há interesse do governo e de ninguém que a pessoa saia daqui e trabalhe por que, a pessoa estando nesse ciclo de estar vindo pra cadeia, vai estar empregando várias pessoas”.*
- e na sua vida fora da prisão (quando sair) - tu que ti relaciona com outras pessoas que estudam aqui, que não tinham estudo (tu tens) mas tem outras que não. Como é que tu vê

isso assim, tu achas que elas estudarem aqui dentro, traz algum benefício pro momento que elas saírem? “ *Na verdade é o seguinte: eu moro com um rapaz que já passou no vestibular, ele fez 4 vestibulares e passou em 3. Ele é um rapaz que vive estudando, eu estudo também um pouco. Eu leio bastante, mas pelo simples fato de não estar contente com minha prisão, de ser um ato assim que eu não aceito, me conforta estar estudando e a oportunidade de ter algo pra ler, beneficia muito. E muitas pessoas que estão aqui presa gostariam de estudar, mas elas gostariam de pelo menos a primeira coisa que a pessoa que está aqui dentro gostaria mais mesmo é de ter respeito, ser tratado como ser humano, por que na verdade tu estando preso, qualquer pessoa que está presa ela se sente meio bicho. E se soltar a pessoa assim sem um trabalho psicológico e sem um tratamento bom é soltar um tigre no meio do centro da cidade. Está entendendo, um elefante num ataque de fúria. A pessoa vai estar revoltada. E alguém paga por isso.*”

- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... “*Se a gente parar pra analisar o termo técnico, tipo assim, aqui é 2 horas de aula. Na rua são 4 horas. Claro que na rua vai ser 4 horas de aula. Só que as 2 horas de aula que estão sendo dadas aqui, são 2 horas que se a pessoa parar pra pensar, a pessoa deu 2 horas, a pessoa virou as costas e saiu. Mas para aquela pessoa que pegou as 2 horas de aula, ela vai ficar na cabeça dela o dia todo até amanhã. Então não são as 2 horas de aula, são milhares de informação em pequeno tempo de... assim como eu posso te explicar. Vamos dizer assim, a pessoa aprende mais. É como se fosse um computador assim, a pessoa vai guardar cem livros num computador. Tipo assim a pessoa que está lá fora vai decorar cem livros por que está numa escola. Eu aqui vou decorar esses cem livros em 1 hora, a pessoa vai demorar uns 20 dias , vamos supor. Então o tempo aqui pra nó ele é muito longo, ele é muito longo, muito longo mesmo, 1 minuto na rua..., 15 minutos tu espera por um ônibus, 15 minutos aqui tu faz muita coisa. Se é uma coisa boa que tu está de bom humor, tu estas sendo bem tratado, tu tens a tua visita, tu tens a tua família, as pessoas aqui estão te tratando como ser humano. Então o seguinte tu vai estudar a história, tu vai ter todo o material para um vestibular pra ti estudar. A pessoa na rua vai ter 3 meses pra estudar, tu aqui em 15 dias tu vai aprende o que essa pessoa levou e meses. Acho que fica mais compactada, ou não sei se a pessoa fica mais limitada. A minha curiosidade, eu fico assim pensando, assim oh. Uma pessoa que é cega, ela é cega. Eu tenho um vizinho que é cego, eu lembro que ele sabia pegar o ônibus e sabia chegar em casa. Pô mais a gente enxerga, pô a gente pega o ônibus há 18 anos, o mesmo ônibus, e de vez em quando eu*

tinha que olhar 5 ou 6 vezes onde que eu vou parar e cara era cego e parava certinho no ponto. Pô alguma coisa está errado, é que ele analisou o trajeto todo, eu nunca parei pra pensar nisso. Ele sabia que o Bairro de Fátima vem do Centro, a primeira esquerda que pega tem dois quebra molas, depois dos dois quebra mola é casa dele. Está entendendo. Então é assim, tem coisas que não tem como explicar. O estudo aqui dentro e o estudo fora não tem como dizer qual que é melhor. Tipo assim 2 horas aqui dentro vai render uns 6 meses na rua, depende a matéria que for dada. Tipo assim eu vi um vídeo de química sobre a vida, vi outro de história, então ficou muito gravada as datas, então se me perguntar qualquer coisa sobre aquele vídeo eu vou me lembrar certinho e uma pessoa que estuda o ano todo não vai se lembrar, por que eu me lembro, na hora que passou, o que eu estava fazendo, onde eu estava, na rua a pessoa já não vai saber. A pessoa diz assim, ah, não me lembro nem do que eu comi ontem, mas eu me lembro que hoje eu comi lingüiça, que ontem eu comi almôndega, e que a noite foi chinelão, que a gente diz aqui, eu sei o cardápio todo da semana. Então a pessoa fica assim acho que mais concentrada, não sei. Não sei como explicar na verdade.

Entrevista – Marcelo – Fechado – 9

1. Dados pessoais
 - Idade: 36 anos
 - Estado civil: união estável
 - Estrutura familiar: nº de filhos – 1 filho de 9 anos
 - Origem étnica: (autodeclaração) - branco

2. Dados Institucionais
 - Recebe visitas: de quem? – sim da esposa
 - Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário? – trabalha na malharia de 2ª a 6ª no horário das 13:30 as 17:30

3. Dados escolares
 - Escolaridade dos pais - Pai e Mãe tem o Ensino Médio incompleto
 - Irmãos – tem 2 irmãos: a irmã tem curso superior e o irmão tem Ensino Médio completo esposa –
 - filho – está estudando na 3ª ou 4ª série
 - Idade de ingresso na escola (fora da prisão) – 7 anos
 - Série de interrupção dos estudos (dentro e fora da prisão) – estudou até 15 ou 16 anos – 2º ano do Ensino Médio
 - Motivos da interrupção escolar (dentro e fora da prisão) - rebeldia
 - Estudou em outra unidade prisional – “eu cheguei a dar aula lá em Tijucas, inclusive eu dei aula pra professora Tânia que era agente prisional, de matemática. Lá eu estudava e dava aula, por que a minha cadeia desde... sempre que eu puxo cadeia eu sempre tiro na leitura. Por que eu não consigo... eu fico depressivo se eu ficar um dia sem ler, só vendo televisão. Me dá uma coisa ruim, não sei se isso é bom ou ruim, mas eu fico mal pra caramba. Eu tenho que estar sempre lendo, sempre... alguma coisa, biologia, matemática, física. Um jornal, uma revista.”
 - Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: carga horária diária e horário das aulas – entrou na escola em agosto de 2009, estudou durante 6 meses. As aulas eram de 2ª a 6ª no período da manhã.

Ele já tem o Ensino Médio completo, freqüentava a escola para fazer o vestibular final de 2009.

Informação - No ano de 2010 a direção e Chefe de Segurança não autorizou os estudante que já tem o E. M. completo a ingressarem na Escola, mesmo que houvesse vagas disponíveis.

Marcelo – “ eu acho uma incoerência sem tamanho, não sei”.

Eu – que curso que tu passou no vestibular – “eu passei no vestibular pra Engenharia Química, pra Engenharia Mecânica, pra Física bacharelado, pra Química e agora por último Sistema de Informação. No tempo que estou aqui, eu passei para Física e pra sistema de Informação. Lá fora inclusive eu comecei a cursar e tudo. Eu estudei na FURB em Blumenau, estudei na UNIVALI em Itajaí, estudei aqui na Universidade Federal daqui, estudei na Universidade Federal de Campo Grande em MS. Eu sou... eu vivo as margens das faculdades, como diz o outro...”

“por que hoje em dia também é, muita coisa que tem acesso lá fora, é internet, é show, é grupo de relacionamento que está ligado a internet. Então as vezes fica mais interessante pra eles discutir e conversar alguma coisa entre eles, do que... Eu acho também que a escola peca, assim de não mostrar a importância, as vezes a escola não se dá a importância mesmo. Não sei, eu posso estar falando besteira, mas isso é o que eu penso.”

B - Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos.... – “Muito importante, né. É importantíssimo, por que se a pessoa quiser evoluir e pra não depender da sorte. Eu acho que eu acredito que o único jeito que a pessoa tem de evoluir é na educação, se formando. A minha concepção é essa. Fundamental pra evolução do ser humano.”
- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto... – “ também, a mesma situação.”
- na sua vida, antes de vir para a prisão (antes de tu vir pra cá, já era mais ou menos isso que tu pensavas sobre educação) – “era. Sempre foi, sempre... passando essa fase ali da

rebeldia, eu sempre, eu sempre tive a certeza que a educação é primordial na formação do ser humano.”

- na sua vida dentro da prisão (aqui dentro, Marcelo, o fato de tu ter tido acesso a educação, de ter chegado a curso superior, e tal... e aí depois tu veio cumprir pena. O que tu me diz sobre assim, a questão da educação aqui dentro, na prisão. No dia a dia da prisão, na rotina da prisão, naquilo que vocês vivenciam - “é importante, ela é, de novo, fundamental pra pessoa né, se ela busca melhorar ou busca um algo a mais, entender coisas que ela não entendia antes. E aqui devido ao tempo que nós temos assim ocioso, eu acho que é o momento certo pra pessoa parar e buscar alguma coisa na educação, na informação.”

Eu – Tu assim do que tu observa dos outros, das pessoas assim, teus colegas, das outras pessoas daqui, assim pessoas que tem pouca escolaridade, por exemplo. Tu consegue me dizer alguma coisa assim, se tu percebe, eles indo a escola, isso muda alguma coisa..., melhora... – “dentro da massa carcerária, assim da massa carcerária, a gente vê que, a gente diferencia bem, quem estuda e quem não estuda. Por que a maioria das vezes o pessoal que estuda, é um pessoal mais manero... não estou defendendo, não é isso. É um pessoal que não pensa em se envolver em rebelião, em briga... É um pessoal que se puder sempre amenizar, ameniza, entendeu. Que busca sempre trabalhar, não quer... Eu mandei um memorando - ó eu quero trabalhar, que eu to legal, não quero pegar muito pátio, eu gosto mais de ficar no meu cantinho. Não quero... E as vezes a gente é envolvido. Pode estar no lugar na hora errada, no dia errado e aí a gente é levado há um monte de coisa que tu nem está de acordo, mas como a maioria decidiu.”

- e na sua vida fora da prisão (quando sair) -
- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... – “eu vou dizer pra senhora o seguinte, professora: aqui no nosso país a gente não valoriza, a gente, a sociedade não valoriza a educação. Não é valorizado. A gente já vê pelo salário dos professores, até do jeito que o professor é encarado. Na prisão menos ainda, entendeu. Tipo infelizmente os agentes prisionais, funcionários da casa, eles já fazem de tudo, pra quando levar a gente, que é pra gente desistir logo, depois da 2ª ou 3ª aula. O tipo de geral que eles dão na gente, o que eles falam. O jeito que eles tratam a gente, entendeu. Então é algo assim que... é um trabalho bonito, eu acho bacana, alguns profissionais de fora vim dá aula aqui pra nós, entendeu. Só que eu acho que ao mesmo tempo, é muito desvalorizado. Em termos de aluno, do reeducando, eu acho que também é essencial pra quem quer, pra

quem quer ... crescer como pessoa. É eu acho que é o que realmente a pessoa... A pessoa que quer se reeducar realmente ela tem duas coisas a fazer: uma é estudar e a outra que eu acho que é paralelo é o curso técnico ou um trabalho. Aprender um ofício, né. Por que as vezes eles dizem – ah eu não vou..., eu vou largar o crime, eu não quero mais o crime. Então, mais o que que eu vou fazer?! Vou trabalhar lavando carro? Vou trabalhar com quê, né. Tem que ter uma..., aprender um ofício. Nem que seja de eletricista, de pedreiro, de carpinteiro, seja qualquer coisa, mas aprender alguma coisinha. Eu acho que aí, junto com a educação. Por que a educação é importante no seguinte termo assim ó. A pessoa quando estuda ela vai ler uma coisa, ela vai poder analisar. Até que ponto aquilo ali é verdade ou não é. Ela escuta uma notícia na televisão, ela vai poder analisar – não isso aí não tem muito fundamento, isso aí eu sei que não ... Até em termos de opção, entendeu. As vem alguém me convidar pra fazer alguma coisa ilícita, né. Eu digo não... mas eu estou... agora eu estou fazendo faculdade, eu estou estudando, as coisas estão indo tão bem pra mim que não é válido, não vale a pena.

Meus comentários: nesse dia os agentes trouxeram as 3 pessoas para a entrevista, juntas. Enquanto eu conversava com um os outros dois ficavam, próximo de uma janela, conversando. A conversa não atrapalhou por que a sala era grande, porém eu fiquei um pouco ansiosa de fazer eles esperarem um pelo outro.

O Marcelo se demonstrou uma pessoa esclarecida, me pediu a cópia do trabalho quando esse estiver pronto e também uma coleção de livros de matemática do EM - do professor. Ele disse que gostaria de se manter atualizado quanto ao conteúdo de matemática.

Entrevista – Rafael Marssona

1. Dados pessoais

- Idade: 26
- Estado civil: solteiro
- Estrutura familiar: nº de filhos - não
- Origem étnica: (autodeclaração) - branco

2. Dados Institucionais

- Total da pena em anos: quanto tempo já cumpriu ou falta cumprir?
- Recebe visitas: de quem? “familiares – pai, mãe e irmãos – família mora em Chapecó”
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário? “trabalhou na costura e na malharia – agora costura bola no cubículo”

3. Dados escolares

- Escolaridade: “mãe – terminou o EF, pai – não sei dizer por que eu morei com a minha mãe desde os 6 anos de idade (acha que o pai fez o primário), irmãos: eu tenho 4 irmãos, mas que convive comigo são duas – a mais nova de 17 anos está freqüentando a faculdade, a outra tem 28 anos e tem o EF completo, mas eu não sei se tem o Ensino Médio.”
- Idade de ingresso na escola (fora da prisão) – eu acho que foi até mais novo desde que eu comecei a ir pro colégio, eu era mais novo ainda, eu fui pra creche com uns 4 anos.
- Série de interrupção dos estudos (dentro e fora da prisão) – eu desisti com 14 anos na 8ª série, quando eu concluí o EF.
- Motivos da interrupção escolar (fora da prisão) – “na realidade cabeça fraca, mente fraca né. Quando eu completei a minha 8ª série eu já não morava mais com a minha mãe. Daí eu desisti pra freqüentar a balada, festas e acabei não indo mais na aula né.”
- Estudou em outra unidade prisional – “eu vim transferido da Penitenciária de Chapecó e lá eu estudei. Lá eu estava na realidade revisando a 8ª série, o EF no caso”.
- Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: carga horária diária e horário das aulas – “aqui vai para o segunda ano esse ano agora.” Começou em 2009 no início do ano e continua matriculado em 2010. Estuda no período da manhã, 2 horas por dia, de segunda a sexta, na Ensino Médio.

B - Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos.... “Importante. Pra ter um futuro, pra ser alguém hoje em dia. Se a pessoa não tiver estudo é passado pra trás né. Isso daí a pessoa vê até no dia de hoje né. O que que eu posso dizer... o estudo pra uma criança... Bom pra dizer bem a verdade as crianças ultimamente já nasce e com 4 ou 5 anos já estão evoluídas, perto de antigamente, hoje elas evoluem bem melhor né, elas já tem um aprendizado um pouquinho melhor né. Então acho que aperfeiçoando esse aprendizado deles, eles vão se tornar alguém interessante na vida pra mais tarde não estar aí passando o que a gente está passando aí né.”
- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto... “ Para um adulto... no caso pode ser tipo pra mim ou pra qualquer um outro que tá lá na rua...pra mim está me ajudando. Tira vários pensamentos ruim que a pessoa tem na cabeça. Daí o cara vai ali e estuda e daí tem o que fazer, daí o cara fica lendo, está aprendendo um pouco mais né. Aprimorando. E o seguinte né. O cara poder ter um futuro e não pensar em voltar pra cá de novo, futuramente. Sem o estudo não consegue emprego nem pra catar lixo hoje em dia.” – quando tu estavas lá fora tu teve alguma dificuldade de conseguir trabalho pela falta de estudo? – “Na realidade eu não era muito fã de serviço, não”. – diretamente até tu não sentiu falta? – “Por que eu não corri atrás né. Mas se fosse correr acho que iria passar por dificuldade sim. Senti, por que isso daí eu vejo, por que a minha mãe precisou completar o EF pra poder trabalhar dentro de um frigorífico.” – A tua mãe então fez o EF depois de adulta? – “Depois de adulta. Ela fez até a 4ª série parou e para trabalhar no frigorífico ela se obrigou a terminar o EF dela se não ela não conseguia a vaga no frigorífico.”
- na sua vida, antes de vir para a prisão,
- na sua vida dentro da prisão - “ajuda bastante até pra pessoas se defender dos próprios agentes na realidade né. Se o cara saber um pouquinho de alguma coisa ele já não vem pisando por cima do cara né. Não vai passando por cima igual a um trator velho né. Pra mim ou eu particularmente estou estudando por que quero levar lá fora adiante ainda. Largar mão dessa vida aí, por que essa vida aí não leva ninguém a nada né. Ou é aqui ou

é cemitério né. Então daí a pessoa fica tranqüila. Eu saio esse ano ano ainda então eu quero continuar estudando, mesmo eu indo para o semi aberto, falta pouco tempo pra eu terminar o EM, falta poucas matérias. A partir que eu terminar eu vou ver se consigo passar no vestibular, alguma coisa assim, pra conseguir uma vaga na faculdade.” – Aqui na escola tu já entrou no EM? – “Sim no EM” – Lá em Chapecó tu revisou o EF e aqui tu já foi direto pro Médio. Tu já concluiu alguma disciplina? – “Já. Concluí 4 disciplinas e umas pela metade, a maioria delas... não terminei de completar todas elas por que eu peguei não bem no começo das aulas, por isso eu não lembro ao certo o mês ali. Foi acho que na metade do ano, daí não deu tempo de terminar, de concluir todas as matérias, se não eu tinha me esforçado pra concluir todas”.

- e na sua vida fora da prisão (quando sair) – “Acho que a discriminação vai ser um pouco menor né. Tipo só o fato do cara, da pessoa ser um ex-presidiário, sem estudo. Então ex-presidiário sem estudo não sabe fazer nada, vai arrumar serviço aonde? Lugar nenhum. Então pelo menos o estudo já é uma meia parte andada né. Meio caminha andado. Aí a pessoa é só correr atrás né. Ajuda muito.”
- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... “É totalmente diferente né. Por que lá fora todo dia tu está aprendendo a mesma matéria. Que nem hoje tu pega a matemática e amanhã tu vai ver a matemática também. E é 4 horas, se eu não me engano. Aqui já é reduzido, é 2 horas. Então a pessoa tem que se esforçar um pouco mais aqui na realidade, do que lá fora pra estudar né. Uma aula pega a semana inteira e só vai ter aula na outra semana, a mesma matéria e são só 2 horas. Então se você só se interessar em estudar quando você estiver fora do barraco, lá no colégio e não quando estiver no cubículo, se vai chegar lá na outra semana você não vai saber nada. Daí é totalmente diferente nesses aspectos né. Lá tem mais oportunidade, de a pessoa aprender um pouco melhor, a pesquisar algumas coisas, a pessoa já vai aprendendo melhor. Aqui já não, aqui a pessoa já fica meio parada por que tem um monte de barreira pra ultrapassar, pra poder dar aula pra nós também né. Se a pessoa vê a situação dos dois lados né.” – e sobre a relação com os professores e como eles trabalham os conteúdos, como tu vê isso? – “Eu vejo como um excelente trabalho que a pessoa só não aprende se não tiver interesse né. A explicação que eles estão dando é ótima né. A pessoa aprende bem, aprende fácil, não dificultam a vida do aluno, no caso. Só acho que deveria ter mais um pouco de oportunidade aqui dentro para as pessoas né. Para todo mundo que queira estudar, que tenha vontade de estudar. Eles deviam, não sei isso daí é entre eles mesmo aí. No caso

eles podiam dar uma oportunidade pra quem está interessado em estudar. E se não tiver interesse em estudar não precisa ir lá.” – e como é que tu vê isso assim, que tem muita gente que tem interesse e está fora e não consegue ir? – “Tem bastante. Na nossa sala nós éramos em 12 ou 13 alunos ano passado, uma coisa assim, hoje só somos em 3 ou 4. E os outros não estão indo por falta de oportunidade, não por que não querem. Por falta de oportunidade mesmo. Teve gente que se formou aí dentro no Ensino Fundamental e esta aí ainda querendo estudar mas está sem oportunidade de freqüentar as aulas.”

Entrevista – Rosangela

1. Dados pessoais

- Idade: 20 anos
- Estado civil: solteira
- Estrutura familiar: nº de filhos – 1 filho de 7 anos que está com a mãe em Chapecó
- Origem étnica: (autodeclaração) - morena

2. Dados Institucionais

- Recebe visitas: das irmãs, da mãe e do filho
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário – Trabalha na Oficina Pet Shop – faz laços para cachorros, no horário das 8:30 – 11:30 e das 13:30 – 17:30, de segunda a sexta feira.

3. Dados escolares

- Escolaridade dos pais – pai é analfabeto e mãe fez até a 4ª série - EF

Escolaridade do filho – frequenta a 1ª série do EF

Escolaridade dos irmãos - são 4 irmãos: 1 homem(22 anos) - fez EF completo e 3 mulheres – 2 (de 26 e 25 anos) estudaram até a 8ª série do EF e 1 de 17 anos parou na 5ª série do EF.

Obs. Atualmente nenhum dos irmãos estão estudando.

- Idade de ingresso na escola (fora da prisão): 6 ou 7 anos
- Série de interrupção dos estudos (fora da prisão): frequentou a escola até a 5ª série com 13 anos parou
- Motivos da interrupção escolar (fora da prisão): gravidez
- Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: começou em 2009 no segundo semestre. Iniciou no EF e atualmente já frequenta algumas disciplinas do EM

Obs. Para concluir o EF falta as disciplinas de CIE, PORT e ART, no médio está cursando as disciplinas de MAT, GEO, HIS, ESP.

- Carga horária diária e horário das aulas: as aulas funcionam de segunda a sexta feira, tem disciplinas que ocorrem no período da manhã e outras no período da tarde – é possível conciliar o trabalho na oficina com a participação nas aulas.

B - Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos....”É eu acho importante né, por que eu mesma com o meu filho, eu quero sair daqui e ser bem rígida com ele nos estudos. Por que é importante, arrumar emprego, que eu sei que o estudo, sem o estudo, não, não se vai a lugar nenhum, eu tou vendo por mim própria, então eu quero ser bem rígida, eu acho bastante importante.”
- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto... “ eu acho que nunca é tarde pra aprender né, como uma criança tá aprendendo um adulto pode aprender também, isso que eu acho.
- na sua vida, antes de vir para a prisão – “antes eu até ia estudar antes de vim presa, eu já tinha ido no colégio falar com o diretor, só estava esperando uma vaga, que não tinha começado ainda o EJA eu acho, que não tinha começado ainda, daí antes de começar as aulas eu fui presa, mas eu pensava em voltar a estudar. Eu até onde eu morava em Palhoça, eu estudei até metade daí eu parei, daí eu fui morar no Morro do Avaí, mas eu pensava sim em estudar.” *Tu parou na 5ª série quando tu engravidou e aí depois tu voltou um tempinho pra EJA:* – “voltei fiz até a metade e parei denovo.” *E aí o que ti fez parar assim depois nessa metade aí:* - “eu parei por que eu saí de onde eu estava e aí eu fui morar em outro lugar, daí até tinha perto , mas não tinha começado ainda, ia começar no caso em agosto, eu vim presa bem em agosto.”
- na sua vida dentro da prisão – *Aqui dentro assim no teu dia-a-dia, tu acha que estudar ou freqüentar a escola e estar envolvida com a educação muda alguma coisa ou não muda, te ajuda em alguma coisa ou não, como é que tu vê isso aqui dentro nesse momento.*

“Me ajuda bastante, uma que eu tou aprendendo bastante coisa né, continuando a aprender e outra que me ajuda em remição essas coisas, então assim é mais fácil pra mim sair né.”

Vocês tem remição – “nós temos remição estudando, trabalhando, eu acho bem importante, está me ajudando né de alguma forma.”

Assim fora da remição tem alguma outra coisa que tu achas que te auxilia, a questão da escola, do estudo: - “é ajuda por que assim eu saindo eu posso continuar né, eu já vou tá bem mais adiantada, sendo que lá na rua eu não ia tá tão adiantada assim né,

daí eu tou achando bastante importante, tá me ajudando bastante, eu pretendo continuar lá na rua.”

Tu sabes como que faz pra continuar lá na rua: - “é já o pessoal já me informou.”

Por que tu acha que é importante depois que tu sair daqui continuar a estudar lá: - “por que sim, pra gente arrumar um emprego melhor, por que a gente saindo daqui a gente não tem muitas oportunidades, agora tá tendo mais, mas já ajuda mais né, pra arrumar um emprego melhor. Sem estudo, tem que ter estudo né pra conseguir.

Tu sentiu alguma dificuldade de conseguir um emprego antes de vir pra prisão, por exemplo, pela falta de estudo: - “Oh! Bastante! Por que eu nunca tive um emprego de carteira assinada né. Já fiz faxina né, essas coisas assim, mas carteira assinada eu nunca tive, nenhum emprego fixo assim sabe”.

E tua acha que é pelo fato de ter pouco estudo:- “É bem difícil né, tem que ter um curso, pelo menos, um curso de informática, alguma coisa e isso eu não tenho nada ainda né. Daí eu acho bem difícil.”

- e na sua vida fora da prisão (quando sair) -
- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... – “eu acho bem diferente né, por que lá fora a gente tem todo o estudo bem mais rígido, aqui é mais rápido, mas eu tou gostando muito do estudo daqui. Tou, eles ensinam bem eu gosto do estudo deles.

Por que lá fora tu achavas mais rígido: - “eu acho que é por causa de muita matéria, não digo rígido, por que eles passam muita matéria sabe, quadro e prova essas coisas... e aqui não, aqui eles dão exercício, é nota de participação, daí eu acho bem melhor. Matemática mesmo eu nunca fui boa em matemática né, eu tou gostando bastante da professora qua tá dando aula de matemática.”

O tempo de aula tu acha que é suficiente assim, dá pra vocês conciliar trabalho e estudo: - “dá, que nem assim as vezes é das 8 e meia as 10 horas, pra mim é um tempinho bom. No horário da aula a gente sai da fábrica e vai para a aula, é liberado pra poder estudar. As aulas acontecem as vezes de manhã e as vezes a tarde.”

Meus comentários/ impressões:

Rosângela é uma menina magra de estatura baixa, negra e com aparência tímida e recatada.

Ela falava pouco, eu fazia comentários e questionamentos pra conseguir ouvir um pouco mais a sua fala, as suas idéias durante a entrevista.

Seus comentários eram curtos, diretos e objetivos a cerca do tema e a entrevista foi rápida.

Ela me pareceu à vontade, porém tímida...

Foi com ela a primeira entrevista que fiz.

Entrevista – Roseli – Presídio Feminino - 8

1. Dados pessoais

- Idade: 45 anos – nasceu em SP
- Estado civil: união estável
- Estrutura familiar: nº de filhos – 2 filhos (22 anos e 27 anos) o de 27 anos mora no Rio de Janeiro e o de 22 mora aqui
- Origem étnica: (autodeclaração) - branca

2. Dados Institucionais

- Total da pena em anos: quanto tempo já cumpriu ou falta cumprir?
- Recebe visitas: de quem? ‘Tinha visita da mina mãe, do meu irmão, do meu filho e esporadicamente dos meus irmãos. É por que eles são de São Paulo também não dava pra vir toda hora.’
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário? – “no tempo que estava aqui trabalhei na farmácia, eu era regalia da farmácia. Os 3 anos e meio na farmácia. Geralmente as 8 horas quando abre aqui, quando começa. O horário da farmácia não tem hora pra terminar, né. Por que as 3 horas da manhã se alguém passa mal você tem que atender, mas as 6 horas (18) a porta dali é fechada e aí a gente atende só emergência. Das 8h as 18h e depois as emergências.”

3. Dados escolares

- Escolaridade dos pais, irmãos, esposa/esposo e filhos – “a minha mãe tem a 4ª série, né, primário e o meu pai eu não sei por que eu não fui criada com ele. Os irmãos todos eles pararam no fundamental, menos 1 que se formou, o caçula. Ele terminou o superior e os outros ficaram no fundamental, sem terminar. Tenho 5 irmãos. Hoje não tem nenhum estudando.

O meu esposo é economista, ele é formado em curso superior mas é no exterior, ele é macedônio e ele é formado na Macedônia.”

Eu perguntei – Roseli ele teve muita influencia pra ti estudar? – “não, não que ele dissesse pra mim não estudar né. Ele gostaria que eu estudasse, né. Mas a iniciativa foi 100% minha.

O filho mais velho está, falta só o TCC também pra se formar em jornalismo e o mais novo está no Médio. Eles são bem atrasados assim por a gente morou 3 anos na Austrália, eles não estudaram lá. Por que a gente não conseguia visto”.

- Idade de ingresso na escola (fora da prisão) – “entrei na escola com 6 anos”.
- Série de interrupção dos estudos (dentro e fora da prisão) – “Parei de estudar com 15 anos, eu parei na sexta série. Eu rodei 3 anos seguido por falta. Por isso que eu parei.
- Motivos da interrupção escolar (dentro e fora da prisão) - “Não foi assim ó, eu trabalhava e estudava. Aí eu era obrigada a estudar a noite. Que estuda a noite, não estuda a não ser que você já tenha a sua personalidade formada, né. Tem sempre alguém que vai pro shopping, que vai pra bar, pra lá e pra cá e tu vai junto. E eu assistia, eu matava aula no meu colégio pra assistir aula no supletivo onde estudavam todos os meus amigos. Então eu perdia por faltas mas eu passava nas notas. Entendesse!? E aí aos 16 anos eu me casei. E aí eu parei de estudar, engravidei e parei de estudar. Quando o meu filho nasceu eu tentei voltar. Só que eu fui fazer uma escola regular, a tarde. E uma média de uma molecada danada, eu já casada com filho não me adaptei mais. Aí parei de novo. É foi tudo meio junto, eu já tinha parado de estudar uns meses antes, né. Mais aí depois eu acabei casando, daí começou o filho, começa a vida começa a ser difícil voltar né. Mas eu nunca deixei de ler, desde de criança a minha paixão sempre foi a leitura. Desde assim ó... O primeiro presente que eu me lembro que eu pedi pra minha mãe foi uma coleção de livros.”

Eu perguntei – O que tu atribui esse interesse por leitura? - “extremamente pessoal, ninguém da minha família lê. Eu ensinei a minha mãe a lê, agora depois que ela é uma senhora já, ela sempre lê um livro, dois livros por mês, **mas somente eu lia na minha casa** (ênfase), ninguém mais. Nem os meus irmãos, nem os meus tios, ninguém do meu relacionamento lia. Era uma paixão minha. Eu aprendi a ler sozinha, de tanto pegar num gibizinho, histórias de fábulas, aí eu fui juntando as coisas e aprendi a ler sozinha. Nos intervalos eu brincava de escolinha, sempre... Eu tinha tudo pra, pra voltar a estudar. Eu adorava estudar, adorava. Sempre gostei de estudar. Não eu não tinha nenhuma motivação (meu“externa”), era por conta própria mesmo.”

- Estudou em outra unidade prisional – “não, essa foi a minha primeira vez que fui presa. Cumpri toda a minha pena aqui, só estudei aqui.”
- Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: carga horária diária e horário das aulas – “É assim ó, de 1ª a 4ª série, como eu não queria correr atrás de

documentação em São Paulo, por que aqui da cadeia era difícil, eu fiz uma prova de nivelamento com a professora Roza em 2008. É na verdade eu fiz tudo em 1 ano e meio, o fundamental e o médio e o vestibular e aconteceu tudo em 1 ano e meio. Foi tudo bem rápido. Eu fiz a prova de nivelamento. E aí depois eu devorei tudo o que tinha aqui, eu estudava pelas apostilas, fazia as provas e tive muito apoio dos professores. O pessoal do CESUSC, inclusive me ajudaram bastante com literatura, apostilas do Energia etc e tal e eu. Eles vem aqui (o pessoal do CESUSC) tem uma biblioteca que eles alimentam, né. E aí na época de vestibular eles também vem pra ver quem é que vai fazer ou não vai e aí eles fornecem matéria né, apostilas usadas, essas coisas dos alunos, né, mas eles trazem. Eu acho que é trabalho voluntário, não tenho certeza. Eu fiz o vestibular da Federal mesmo, né. Mas só que eles dão esse apoio. E os professores, a professora Graça, o professor Cristiano, como a professora de biologia que uma das matérias que me sustentou no vestibular foi biologia. Que ajudava bastante também. E teve uma, uma confiança dos professores para comigo. Por que eu dizia pra eles, eu quero, me dá já 4 ou 5 provas de uma vez, eu vou estudar no alojamento. Preencho as provas e eu estou dizendo pra vocês que eu vou fazer o vestibular e que eu vou passar. Pode me dar, pode me dar. E nunca tinha acontecido. Eles tinham até certo receio de procederem dessa forma. Então aí eu estudava as apostilas, subia fazia 3, 4 ou 5 provas, quantas provas eram possíveis, né. E eu tenho um grande problema de memória, então eu tenho que estudar e fazer a prova rápido, por que se não, inclusive aqui dentro, você fica com a tua memória, a tua noção de tempo e de espaço comprometida. Então tinha que ser uma coisa muito rápida e eles me apoiaram bastante. Foi bem legal mesmo. A professora Graça, principalmente. Eu estou fazendo Letras Italiano, mas eu tive nota pra passar em qualquer coisa menos Medicina e Direito. Eu atingi nota pra passar no que eu quisesse. Eu tirei 12 de redação. A minha prova de Português eu tirei 9.75, 8 e pouco na de Biologia, as exatas é que me derrubaram um pouco (risos), mas eu fui muito bem colocada...”passou em Letras”... passei em Letras por que eu quero, por que italiano é uma coisa que eu gosto, mas se eu quisesse, engenharia eu passei em todas. E eu entrei pelas cotas da escola pública né, mas nem precisava. Meu advogado disse que eu acendi um isqueiro no fundo do mar (risos). Por que fizeram um alarde com isso que eu não entendia. Meu Deus por que estão fazendo..né. Agora que estou freqüentando as aulas, é que eu entendi, por que a minha dificuldades vem agora. Né, por que, obviamente tem muita gente de retorno, as pessoas mais jovens que não interromperam os estudos. Então principalmente na questão de informática, né, eu estou tendo que me esforçar mais que os outros. Mas hoje eu já dei

uma aula de literatura lá. Uma matéria que eu estava bem perdida, eu acabei me saindo bem. Eu estou começando a pegar segurança, eu estava muito insegura.

É eu fui fazer o que eu gostava, eu goste de ler né. Eu quero me especializar em tradução. A Universidade de Santa Catarina tem o único curso de pós-graduação em tradução, da América Latina, né. E o professor já me... A coisa mais difícil na Universidade Federal, você sabe, é alguém querer te orientar. E no meu caso é o contrário. Né, por causa de toda essa história, os professores querem me orientar. É então eu tenho essa vantagem, aí.

Eu – “Que bom, isso aí está junto com acender um isqueiro no fundo do mar, por que aquilo que é adverso assim pra outras pessoas que tiveram uma outra trajetória de vida, pra ti hoje é uma coisa que favorece, né.” – Roseli - Favoreceu é verdade. É o bom de entrar jovem é que você pode ficar.... vai equalizando... tem uma menina de 17 anos na minha sala que faz duas universidades, faz a UNISUL e a Federal.

Eu – “ o bom de entrar jovem é isso tem esse tempo, mas eu acho que a vantagem de entrar madura é que tu direciona as coisas” - Roseli – é eu já sei exatamente o que eu quero fazer, né, é claro”

Eu – “É isso te dá um ganho na maturidade, te dá um ganho, de que eles ainda vão patinar um tempo assim, pra se encontrar”.

B - Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos.... –Eu – o valor, o significado, o sentido da educação na vida de uma criança - “Pois então, eu acho assim ó. Eu acho que eu vim parar na cadeia por que eu não estudei. Isso é ponto. E 90% aqui está na mesma situação, hoje em dia no sistema prisional, principalmente aqui em SC, a grande maioria dos detentos, eles tem problema social, eles não são vadios. E eles tem problemas social por que eles não estudaram. Eu na minha casa estudava, não tinha privilégio, era obrigação. Os meus filhos vão estudar, vão se formar nem que seja com 100 anos, é uma obrigação. Igual os meus sobrinhos também já estão fazendo a mesma coisa. Por que sem educação você não vai a lugar nenhum. Não adianta. Claro a educação é a base do teu futuro. Eu me lembro bem na 5ª série a professora disse pra mim um dia assim – Rose ou você vai ser a 1ª presidente mulher desse país ou vais acabar na cadeia. Por que eu tinha uma energia, uma muito, muito

grande, eu aos 13 anos, não sei se era 1977 ou 1978, a gente estava no finalzinho de ditadura, eu era extremamente engajada, aos 13 anos de idade. Sabe eu era fascinada por esse tipo de coisa, eu fazia encenação de Vidas Secas, naquela época né, a gente tinha um grêmio que funcionava muito bem. Se tinha uma coisa que funcionava na época da ditadura, era a Escola. Meu Deus e a escola, o professor era de 1ª qualidade, era uma coisa fantástica. E agora eu estou vendo isso na Universidade se refletindo na Itália também. Agora eu estou começando a entender que na época do fascismo lá, era a mesma coisa. Na ditadura 90% dos italianos foram alfabetizados. Então eu não sei qual é o paradoxo aí que tem né. Por que era bom eles manterem a gente na ignorância né, mas não eles escolarizavam bem as pessoas. Então eu acho que se eu tivesse, inclusive aos 9 anos de idade me perguntaram o que eu queria fazer, e eu disse eu queria ser engenheira genética. E por que? Ah pra descobrir a cura do câncer. Só que acontece que em 1970 e lá bolinha, nem se falava em engenharia genética, em cura do câncer e nada disso. Eu não sei de onde é que eu tirava essas coisas, entendeu, era uma coisa meio a frente do meu tempo. Então eu acho que eu estagnei a minha vida e aconteceu tudo o que aconteceu comigo, por que eu parei de estudar. Eu devia ter... os meus pais, a minha mãe, o meu padrasto, eles deviam ter insistido quando eu tinha 15 anos. Eles deviam ter insistido, ter me forçado mesmo, a estudar, né. Eu acho que esse é o papel dos pais em relação as criança. É isso que você está me perguntando, não tem opção, tem que estudar e deu. As vezes os meus filhos diziam assim – mamãe eu tirei uma nota boa, não vou ganhar um presente – Não. A comida que eu pus na mesa também foi boa ninguém me deu premio. Eu fiz a minha obrigação e vocês estão fazendo a obrigação de vocês, né. Menos de 8,5 pra mim não é nota. Daí é sacanagem, o cara te sacaneou, por aí. E assim foi a minha vida toda. Por que eu não queria que eles passassem o que eu passei, né. Eu consegui me sobressair em mercado de trabalho... mas eu nunca consegui galgar. Eu cheguei a ser demitida de uma empresa de publicidade por que, apesar de eu ser capaz, eu estava tirando a vaga de uma menina que tinha acabado de se formar. Eu achava que isso era extremamente injusto, por que se eu dava conta do recado, pra quê que eu tinha que dar a minha vaga pra ela. Mas hoje eu entendo, coitada da guria ela tinha mais é que ficar trabalhando mesmo. Infelizmente tem né, tem esse preconceito, a gente precisa né. Nem todo mundo nasceu Lula, né. Então é isso que eu acho. Eu tinha uma energia muito grande, eu tinha muito de mim pra doar que não foi aproveitado e quando você não aproveita pro bom, você aproveita pro ruim. E foi o que eu fiz, de alguma forma eu

queria ser grande em alguma coisa, né. Aí não deu pra lado certo, deu pro lado errado. Fazer o quê (risos) .

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto... “Então assim, quanto ao sistema prisional, o que eu acho é que não devia se dar a opção pro detento estudar. Devia ser obrigatório. Devia fazer parte da pena. De alguma forma tem que se impor. O que acontece é que as pessoas não tem incentivo pra estudar, né. Você já está preso, já te tiraram tudo, muita gente não tem visita, não tem sacola, nem tem comida, cheia de problema, pensando lá fora em filho, mãe, etc e tal, não tem nem cabeça pra estudar. Aí arrumar essa força e ter esse equilíbrio pra ir sozinho pra escola, é muito difícil. Então primeiro eu acho que devia ser obrigatório e segundo não um obrigatório ruim, um obrigatório gostoso, uma premiação, alguma coisa que acontecesse pra que levasse essa população carcerária pra dentro da escola. Por que se eles estudarem, eles não vão voltar pra cadeia, te garanto, não vão voltar. Agora se não estuda e sai daqui com a mesmo base que entrou, vai voltar, né. É isso que os governantes tinham que ter em mente. A escola dentro do presídio, Meu Deus é tudo! Como que há uma recuperação do ser humano que já está enjaulado, né. É completamente anti-natural, se você não acrescenta nada na vida dele.

Eu – “a característica da prisão em si, a característica física, estrutural ela não é recuperadora. Mas enfim ela tem essa característica e aí se dentro dessa característica, tu não fornecer certos instrumentos, certos subsídios pra interromper esse ciclo vicioso – que ele foi me falando da escolarização do pai, da mãe, dos irmãos e aí ele atribui muito a isso também. É um ciclo e aí assim se eu não conseguir romper esse ciclo pra mudar a história dos meus filhos?! Reproduz...E aí é o que é responsabilidade do poder público, através das instituições e do que as instituições oferecem dentro delas, seriam essas condições pra interromper o ciclo. (o ciclo da marginalidade) aqui eu contei a ela um pouco da história do Roberto da Silva que foi meu professor.

Roseli – pelo que eu sei é a primeira vez que alguém passa no vestibular e faz a faculdade aqui, no presídio feminino. No masculino jê teve, teve outras pessoas.

Eu – contei sobre os dois alunos que passaram no vestibular e freqüentaram geografia e filosofia.

- na sua vida, antes de vir para a prisão – “Era o mesmo, só que eu tinha uma preguiça infernal de voltar a estudar. Né, eu tinha uma vida já definida, uma situação econômica definida. Então não me fazia falta para o dia a dia. E eu sou um pouco auto didata, os

trabalhos do meu filho que fazia jornalismo, as vezes eu não sabia por que, mas eu tinha feeling. Eu lia os textos e falava - Rafa, eu acho que essa vírgula está errada, acho que esse ponto não está legal, troca essa palavra por essa. E ele falava, ah mãe você com a 5ª série fica enchendo a minha paciência. E eu falava – filho faz como a mãe está falando e aí ele não me contava e fazia. Quando ele voltava ele falava – pô mãe minha professora corrigiu e era assim mesmo como você tinha dito. Então eu tinha já essa, né. Eu estava sempre fuçando alguma coisa, né. Mas além da leitura tem outra, eu viajei, eu conheci metade da Europa, eu conheci os Estados Unidos, eu morei fora. Então eu tenho uma bagagem de vida boa, eu tenho uma base cultural boa. Fora que eu sou interessada né. Então se você vai lendo, o meu professor de Italiano agora tinha certeza que eu conhecia a Itália. Por que eu descrevo certos detalhes, mas eu nunca estive na Itália. Ele fala como é que você sabe disso?! Eu digo, primeiro por que eu leio, eu vejo filmes, a minha família é de descendência italiana, meu marido já morou lá. Eu me interessei pela cultura e por aprender as coisas. Mas estudar, estudar, eu tinha preguiça de ir.”

- na sua vida dentro da prisão – “É eu conciliava o meu horário escolar com a minha regalia da farmácia e estudava depois que eu ia pro alojamento, né. Foi assim, na verdade eu pensei comigo, o tempo vai passar de qualquer jeito, eu peguei 26 anos. O primeiro ano eu não estudei, por que eu não gostei do professor de geografia, eu discuti com ele sobre a origem da palavra geografia, é que ele dizia pra mim que vinha do latim e eu dizia pra ele que vinha do grego e aí toda aquela história do grego pro latim e etc e tal. E aí eu não gostei - pô esse professor não sabe nem a origem da palavra, eu não vou estudar com ele. Bem esse tipo assim, não quero estudar né, qualquer desculpa. Aí não estudei o ano todo, isso foi em 2006. Aí em 2007 eu falei tá, vou estudar. Só que também não ia direto. Em 2008 eu conheci o professor Cristiano e falei pra ele, olha eu vou estudar, por que vai chegar a hora do meu semi aberto e eu não vou ficar trancada aqui o dia inteiro de semi aberto, eu quero sair e o meu objetivo é passar no vestibular. Então eu vou estudar. Agora eu quero estudar e aí eu comecei a estudar. Aí no dia a dia não tinha assim tanta consequência, a não ser quando assim os agentes prisionais, o chefe de segurança todo mundo incentivam a gente a ir pra escola. Né, aí se a médica estava aqui eu acabava dando uma assistência pra ela. Eu não ia, mas depois eu pegava com alguém que tinha ido a matéria. E assim ia indo né. Então eu fui estudar pra não ficar trancada aqui mais tempo, né. Mas implicações no dia a dia não tinha implicações. Inclusive a biblioteca de final de semana, quando eu estava estudando para o vestibular, os agentes deixavam eu subir e estudar sozinha lá na sala. Por que no alojamento ninguém conseguia, muita gente

falando, televisão, rádio, aí eles deixavam eu ficar lá estudando, entendeu. Constantemente eu ficava lá em cima sozinha. Eu passei grande parte da minha pena lá naquela sala de aula. Essa é que é a verdade. Ou na sala de aula ou na farmácia. E pra trabalhar na farmácia o que eu fiz. Eu comecei a pegar toda a literatura de medicina que me caia na mão, e comecei a ler, lia bula, lia défi(?), lia livro de anatomia, li tudo o que você pode imaginar pra poder dizer pra pessoa o que é que ela tinha né. Aí então eu aprendi um monte de coisa também de medicina, por causa dessa regalia. Ainda por cima, hoje eu faço um mini diagnóstico assim vamos dizer (risos). Aprendi na prática.

- e na sua vida fora da prisão (quando sair)
- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... “é assim ó, o meu filho fez CEJA, né. O que eu acho que na verdade dentro da prisão você tem mais atenção, por que o professor já te mima, te trata de uma forma diferente. Você já está fragilizado, já está precisando, então ele te dá mais..., eu não digo que ele ti facilita, mas ele presta mais atenção em ti. Né, ele faz um papel social muito importante, isso facilita o seu estudo. Né, o meu filho ele tinha que ir ao EJA, pegava as apostilas dissecava sozinho e tirava uma duvida ou outro quando tinha e já fazia a prova. Aqui não, apesar de ser de apostila a gente estava num acompanhamento de dia a dia com o professor, né. Eles davam realmente uma aula sobre aquela apostila, você não tem que entender aquilo sozinho. Então acho que você é mais mimado dentro do sistema prisional, isso te facilita. Talvez por isso eu tenha conseguido absorver as exatas por exemplo, que é a minha grande dificuldade, de uma maneira melhor aqui, do que em escolas que eu frequentei na rua. O professor mais acessível, mais preocupado, é mais preocupado, mais atencioso, né. Você vai fazer uma prova, se você tem uma dúvida o cara não te vira as costas, ele te ajuda. Ele passa os pontos da apostila, ponto a ponto, mesmo, te explicando direitinho, olha isso é isso, isso é aquilo. Volta se você está com dificuldade e também tem a questão do nível né. Eu estou na apostila 5, você está na 1, outro na 10, então ainda por cima ele tem que se desdobrar, coitado, na sala de aula, pra ficar indo e voltando. É muito difícil uma classe nivelada aqui dentro, né. Geralmente é, nossa! É bem degrau mesmo, bem escadinha. Eu me senti mais aconchegada aqui. Teve professor que veio me dar aula de sábado. Por livre e espontânea vontade, né. Pra dar uma força no vestibular, eles vinham

pra cá de sábado. Que nem o professor de matemática ele me ensinava física, a professora de biologia me ensinava matemática. Né, então eles estão mais abertos, eu acho. Né, há uma... eles estão...Eles se multiplicam. Isso é bem legal. E fora não. Fora é aquela história. Se você quer estudar, estuda. Se não quer estudar, problema teu. Aqui não é tanto problema teu, é problema de um monte de gente. Né. Se uma pessoa não vai, a outra, pô não faz isso, vamos lá, o que você vai ficar fazendo aqui, vai ficar perdendo tempo. O professor (pede), por favor, não sai! Não sai! Então você é tratado como criança dentro do presídio. Essa é que é a real. Você está sendo comandado o tempo todo, você volta, a tua mente volta e você é... você fica um pouco criança denovo. E criança não desobedece muito, por que se não ela leva castigo... aquela história toda. Então você acaba transferindo isso pra sala de aula também. Eu acho que está dentro do presídio tem mais subsídios pra estudar do que quem está fora. Tem mais oportunidade, tem mais tempo, tem mais tudo. Né. Eu não preciso me preocupar se eu tenho caderno, se eu tenho lápis, se eu tenho borracha. Tudo vai me vir na mão. Alguém vai me trazer. Alguém vai me trazer livro, alguém vai me mandar um professor. Eu não tenho que me preocupar com nada. Fora que eu não tenho conta. Eu como, bebo e eu durmo aqui dentro. Eu não tenho que me preocupar com absolutamente nenhum outro aspecto da vida. Não estou dizendo que a cadeia é boa, por que tem todo um lado negro, né. Mas eu estou dizendo que pra estudar tem, tem essas vantagens. A desvantagem é, como você está em constante pressão a tua memória não funciona muito bem. Né, de todo mundo aqui, é meio falha. Isso te traz um pouco de dificuldade, pra, pro aprendizado. Talvez você aprenda mais lentamente do que o cara que está com a mente fresca, na rua, né. Mas ainda assim, eu acho que é menos adverso. Pelo menos é..., eu estou falando da experiência deste presídio e desta escola que é, da minha experiência, que é o que eu conheço.

- Meus Comentários: a entrevista com a Roseli aconteceu na 3ª tentativa e no horário da noite, depois das 19 horas quando ela retornou da UFSC (aula) para o presídio. A entrevista aconteceu no pátio de visitas, uma sala coberta mas sem portas. Tinha um certo barulho, considerando que havia movimento de funcionários no entorno desse espaço.

A nossa conversa foi longa, e ao término da entrevista ela ainda ia fazer uma “chapinha” no cabelo de uma funcionária. Esse é um trabalho que ela faz como bico pra ter uma renda extra.

Ela conversa com desenvoltura, tem um vocabulário amplo e diversificado e esclarecido. Comunica-se muito bem.

Minhas idéias – Mesa redonda com a Roseli, o Ivan, o Luciano, o Pedro, o Vilmar, o Neri.

Entrevista – Viviane - 3

1. Dados pessoais

- Idade: 24 anos – nasceu em 04/05/1985
- Estado civil: solteira
- Estrutura familiar: não tem filhos
- Origem étnica: (autodeclaração) - branca

2. Dados Institucionais

- Recebe visitas: da mãe, do pai e da irmã
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário – trabalha na Regalia há 7 meses – recolhe o lixo e recebe e seleciona as verduras - horário do trabalho das 6:30 – 18:30 - de segunda a sexta feira.

Obs. O horário de trabalho é compatível com o horário das aulas, ou seja, é possível realizar as duas tarefas tranquilamente.

3. Dados escolares

- Escolaridade dos pais – analfabetos – a mãe estudou até a 3ª série EF (lê um pouquinho) e o pai estudou até a 2ª série EF(só sabe assinar o nome).

Escolaridade dos irmãos - tem 4 irmãos: 2 mulheres – a de 11 anos está estudando e a de 19 anos parou na 6ª série EF e 2 homens – o de 16 anos não sabe ler, parou de estudar na 3ª série EF, o outro é pequeno não está em idade escolar.

- Idade de ingresso na escola (fora da prisão): 9 anos
- Série de interrupção dos estudos (fora da prisão): frequentou a escola até a 4ª série e depois começou a desistir
- Motivos da interrupção escolar (fora da prisão): envolvimento com amigos, festinhas, uso de drogas, reprovação, gazeava de aula e etc
- Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: já está há mais de 2 anos na escola, começou com a Profª Rosa no nivelamento, concluiu a 4ª série e agora frequenta o EF de 5ª - 8ª série. Foi presa pela 4ª vez e entrou e desistiu muitas vezes da aula dentro do Presídio Feminino.

- Carga horária diária e horário das aulas: as aulas funcionam de segunda a sexta feira, tem disciplinas que ocorrem no período da manhã e outras no período da tarde – é possível conciliar o trabalho na oficina com a participação nas aulas.

Obs. Ela não tinha certeza sobre a sua idade, o que ela lembrava era a data do aniversário, mas estava em dúvida sobre ter 25 ou 26 anos

Chegou no presídio no dia 21 de outubro de 2007

Começou a estudar por interesse próprio “não adianta eles mandar a gente pra aula se a gente não quer”.

“inclusive pra mim, eu estou achando melhor os professores desse ano, com aula, explicação e não só as provas com os módulos, eu acho que todo mundo que está na aula está achando melhor, inclusive as meninas também falam que esse ano tá bem melhor antes não tinha professora de artes, esse ano tem. É difícil alguém faltar na aula dela. A professora é bem criativa, eu gostei dela.”

B - Entrevista

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos....

“ eu acho importante, por que se não tivesse aula seria um monte de analfabeto, eu acho bem importante a aula, por que que nem meu pai eles não tiveram estudo e hoje eles são analfabetos e eles se arrepende, eles se arrependem bastante, até a minha mãe diz que se ela pudesse voltar o tempo e estudar né, ela voltaria, por que as vezes ela quer sair e quer ler um negócio e não consegue, aí ela precisa ficar perguntando para os outros, quer escrever uma carta não dá, tem que ficar pedindo para os outros, daí é ruim né. Então eu acho importante o estudo. *E tu achas que a melhor época pra estudar é quando é criança* – É o certo é botar quando é pequeno né, mas também tem bastante gente que desiste e depois continua, por que né, vê um monte de gente indo pra aula e a pessoa vai ficando pra trás né e tem uma hora que dá vontade. Que nem eu comecei a ficar pra traz e aqui dentro começou a me dar vontade, me da vontade. Eu passei a evoluir bastante aqui dentro com as aulas.

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto...

– “também é importante, bem importante. Eu acho que se eu não fosse estudar, eu não saberia ler, por que antes quando eu desisti da escola eu não sabia ler muito bem, eu estava tendo dificuldade pra ler livro, agora não, agora eu já sei ler bem rápido e entender mais”. *Então até para ti ler e escrever melhor tu começou aqui* – “Com certeza, antes eu comia letra e tudo, agora não, agora eu consigo escrever direitinho”

- na sua vida, antes de vir para a prisão...

– “antes eu não dava bola, só agora que eu peguei bastante cadeia né, daí eu já conhecia a professora Rosa, por que toda vez que eu caía eu estudava com ela aqui, é daí ela foi me incentivando pra mim voltar a estudar, daí eu fui começando a gostar, e agora eu estou gostando mais agora.” *Dessa última vez é que tu pegou pra valer pra estudar* – “peguei pra valer é, estou gostando mais ainda agora, está mais fácil, dá pra gente entender melhor”.

- na sua vida dentro da prisão...

– “ aqui dentro me ajuda bastante por que é uma ocupação, é uma ocupação a mais, passa o dia mais rápido, quando tu vê tu vai pra aula, quando tu vê tu já está saindo, passa o dia bem rápido. E é bom por que a gente fica aprendendo, ocupando a cabeça, ocupando a cabeça com coisa que vale a pena.” *Tu tens o hábito de ler, quando tu vai na escola tu traz alguma coisa, quando é fim de semana tu estuda alguma coisa* – “ na verdade eu estudo mais lá na sala de aula, mas quando tem exercício de espanhol né, eu faço tudo. Daí tem vez que não dá tempo de terminar lá, daí a gente traz os deveres pra fazer aqui. Daí tem vez também que eu pego livro pra ler, depois que eu comecei a ler livros eu comecei a ler melhor, eu pego os livros ali da escola, as vezes eles trazem alguns livros legais também pra nós.

- e na sua vida fora da prisão (quando sair) –

“ Ah eu acho que vai ter um grande significado, por que, ultimamente no serviço eles pedem diploma, pelo menos o 2º grau, o 3º grau, o 1º grau. Então pra mim isso daí já vai me ajudar, por que eu quero ver se arrumo um emprego né, e esse diploma já vai me ajudar bastante, ainda mais que tu és presidiária, então tem que saber, eu sou obrigada, mais é por que eu quero mais terminar esse estudo por causa disso, eu sou ex-presidiária, não é qualquer lugar que eles vão dar emprego, ainda mais se tu não tiver o diploma. Então daí fica difícil”. *Antes de tu vir para a prisão tu sentiu alguma dificuldade pra conseguir um emprego por causa do estudo* – “não é por que, agora, agora é que vai caindo a ficha da gente, que a gente fica por fora da bagunça, das festas, das drogas, de tudo, que a gente vai caindo a ficha, que a gente precisa disso. Antes eu não dava bola, antes eu gostava de festa, não tava nem aí pra família, nem pra nada, eu queria é bagunça.

- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão...

– “ eu achei essa escola melhor que a de fora, mais interessante, eles explicam mais. Por que quando é a escola de fora eles faziam muita bagunça dentro da sala de aula, que é adolescente, daí querem fazer bagunça, quase não presta atenção. E agora aqui na cadeia não, aqui na cadeia todo mundo fica em silêncio, todo mundo presta atenção. Daí é bem melhor, eu acho bem melhor essa escola, é tão boa que eu consegui passar, que estou conseguindo ir pra frente. E lá na rua eu quase não prestava atenção por que era muita bagunça, daí um amiguinho já gazeava, tu já ia atrás dele. Aqui não, aqui não tem como tu gazear, né. Tu vai ali, tu fica ali daí o professor explica e fica todo mundo em silêncio, por que a maioria que vai está todo mundo interessado, a maioria está interessado em terminar aquilo ali. É bem bom e também eles dão remição né, é uma coisa melhor pra nós, quando eles mandam o nosso papel pro juiz né. Se o juiz pede o nosso comportamento, daí ele vê que nós estamos estudando, trabalhando né. Tem a remição pelo trabalho e tem a remição pela escola. Também é um comportamento a mais, facilita pra nós irmos embora mais rápido. O principal objetivo é o estudo, eu acho mais importante ele saber que nós estamos estudando do que trabalhando. Eu acho bem mais importante, por que é uma coisa que eles estão ensinado pra nós, aqui não nós estamos trabalhando, é como se fosse um trabalho normal, e ali não nós estamos estudando por que nós estamos interessada a progredir na vida, pra frente, o serviço é normal, o serviço tu trabalha, todo dia a mesma coisa, não aprende nada, agora a escola tu aprende, tu vai pra frente, se bobear tu te forma aqui dentro, tudo, vai de ti né. Tem presa aqui dentro que está fazendo faculdade. Começou aqui e está fazendo faculdade, começou na 4ª série, fez o fundamental, fez o médio e agora está saindo pra estudar na faculdade. Isso que eu acho importante, mais importante que ficar trabalhando.” - *O caso dela foi um incentivo bem grande pra vocês....* – “foi e ela também dá bastante força pra nós estudar, ela também é regalia, ela está no meu alojamento.”

Entrevista – Viviane - 3

1. Dados pessoais

- Idade: 24 anos – nasceu em 04/05/1985
- Estado civil: solteira
- Estrutura familiar: não tem filhos
- Origem étnica: (autodeclaração) - branca

2. Dados Institucionais

- Recebe visitas: da mãe, do pai e da irmã
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário – trabalha na Regalia há 7 meses – recolhe o lixo e recebe e seleciona as verduras - horário do trabalho das 6:30 – 18:30 - de segunda a sexta feira.

Obs. O horário de trabalho é compatível com o horário das aulas, ou seja, é possível realizar as duas tarefas tranquilamente.

3. Dados escolares

- Escolaridade dos pais – analfabetos – a mãe estudou até a 3ª série EF (lê um pouquinho) e o pai estudou até a 2ª série EF(só sabe assinar o nome).

Escolaridade dos irmãos - tem 4 irmãos: 2 mulheres – a de 11 anos está estudando e a de 19 anos parou na 6ª série EF e 2 homens – o de 16 anos não sabe ler, parou de estudar na 3ª série EF, o outro é pequeno não está em idade escolar.

- Idade de ingresso na escola (fora da prisão): 9 anos
- Série de interrupção dos estudos (fora da prisão): frequentou a escola até a 4ª série e depois começou a desistir
- Motivos da interrupção escolar (fora da prisão): envolvimento com amigos, festinhas, uso de drogas, reprovação, gazeava de aula e etc
- Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: já está há mais de 2 anos na escola, começou com a Profª Rosa no nivelamento, concluiu a 4ª série e agora frequenta o EF de 5ª - 8ª série. Foi presa pela 4ª vez e entrou e desistiu muitas vezes da aula dentro do Presídio Feminino.

- Carga horária diária e horário das aulas: as aulas funcionam de segunda a sexta feira, tem disciplinas que ocorrem no período da manhã e outras no período da tarde – é possível conciliar o trabalho na oficina com a participação nas aulas.

Obs. Ela não tinha certeza sobre a sua idade, o que ela lembrava era a data do aniversário, mas estava em dúvida sobre ter 25 ou 26 anos

Chegou no presídio no dia 21 de outubro de 2007

Começou a estudar por interesse próprio “não adianta eles mandar a gente pra aula se a gente não quer”.

“inclusive pra mim, eu estou achando melhor os professores desse ano, com aula, explicação e não só as provas com os módulos, eu acho que todo mundo que está na aula está achando melhor, inclusive as meninas também falam que esse ano tá bem melhor antes não tinha professora de artes, esse ano tem. É difícil alguém faltar na aula dela. A professora é bem criativa, eu gostei dela.

B - Entrevista

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos....

“ eu acho importante, por que se não tivesse aula seria um monte de analfabeto, eu acho bem importante a aula, por que que nem meu pai eles não tiveram estudo e hoje eles são analfabetos e eles se arrepende, eles se arrependem bastante, até a minha mãe diz que se ela pudesse voltar o tempo e estudar né, ela voltaria, por que as vezes ela quer sair e quer ler um negócio e não consegue, aí ela precisa ficar perguntando para os outros, quer escrever uma carta não dá, tem que ficar pedindo para os outros, daí é ruim né. Então eu acho importante o estudo. *E tu achas que a melhor época pra estudar é quando é criança* – É o certo é botar quando é pequeno né, mas também tem bastante gente que desiste e depois continua, por que né, vê um monte de gente indo pra aula e a pessoa vai ficando pra trás né e tem uma hora que dá vontade. Que nem eu comecei a ficar pra traz e aqui dentro começou a me dar vontade, me da vontade. Eu passei a evoluir bastante aqui dentro com as aulas.

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto... – “também é importante, bem importante. Eu acho que se eu não fosse estudar, eu não saberia ler, por

que antes quando eu desisti da escola eu não sabia ler muito bem, eu estava tendo dificuldade pra ler livro, agora não, agora eu já sei ler bem rápido e entender mais”.

Então até para ti ler e escrever melhor tu começou aqui – “Com certeza, antes eu comia letra e tudo, agora não, agora eu consigo escrever direitinho”

- na sua vida, antes de vir para a prisão... – “antes eu não dava bola, só agora que eu peguei bastante cadeia né, daí eu já conhecia a professora Rosa, por que toda vez que eu caía eu estudava com ela aqui, é daí ela foi me incentivando pra mim voltar a estudar, daí eu fui começando a gostar, e agora eu estou gostando mais agora.” *Dessa última vez é que tu pegou pra valer pra estudar* – “peguei pra valer é, estou gostando mais ainda agora, está mais fácil, dá pra gente entender melhor”.
- na sua vida dentro da prisão... – “ aqui dentro me ajuda bastante por que é uma ocupação, é uma ocupação a mais, passa o dia mais rápido, quando tu vê tu vai pra aula, quando tu vê tu já está saindo, passa o dia bem rápido. E é bom por que a gente fica aprendendo, ocupando a cabeça, ocupando a cabeça com coisa que vale a pena.” *Tu tens o hábito de ler, quando tu vai na escola tu traz alguma coisa, quando é fim de semana tu estuda alguma coisa* – “ na verdade eu estudo mais lá na sala de aula, mas quando tem exercício de espanhol né, eu faço tudo. Daí tem vez que não dá tempo de terminar lá, daí a gente traz os deveres pra fazer aqui. Daí tem vez também que eu pego livro pra ler, depois que eu comecei a ler livros eu comecei a ler melhor, eu pego os livros ali da escola, as vezes eles trazem alguns livros legais também pra nós.
- e na sua vida fora da prisão (quando sair) – “ Ah eu acho que vai ter um grande significado, por que, ultimamente no serviço eles pedem diploma, pelo menos o 2º grau, o 3º grau, o 1º grau. Então pra mim isso daí já vai me ajudar, por que eu quero ver se arrumo um emprego né, e esse diploma já vai me ajudar bastante, ainda mais que tu és presidiária, então tem que saber, eu sou obrigada, mais é por que eu quero mais terminar esse estudo por causa disso, eu sou ex-presidiária, não é qualquer lugar que eles vão dar emprego, ainda mais se tu não tiver o diploma. Então daí fica difícil”. *Antes de tu vir para a prisão tu sentiu alguma dificuldade pra conseguir um emprego por causa do estudo* – “não é por que, agora, agora é que vai caindo a ficha da gente, que a gente fica por fora da bagunça, das festas, das drogas, de tudo, que a gente vai caindo a ficha, que a gente precisa disso. Antes eu não dava bola, antes eu gostava de festa, não tava nem aí pra família, nem pra nada, eu queria é bagunça.

- Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... – “ eu achei essa escola melhor que a de fora, mais interessante, eles explicam mais. Por que quando é a escola de fora eles faziam muita bagunça dentro da sala de aula, que é adolescente, daí querem fazer bagunça, quase não presta atenção. E agora aqui na cadeia não, aqui na cadeia todo mundo fica em silencio, todo mundo presta atenção. Daí é bem melhor, eu acho bem melhor essa escola, é tão boa que eu consegui passar, que estou conseguindo ir pra frente. E lá na rua eu quase não prestava atenção por que era muita bagunça, daí um amiguinho já gazeava, tu já ia atrás dele. Aqui não, aqui não tem como tu gazear, né. Tu vai ali, tu fica ali daí o professor explica e fica todo mundo em silêncio, por que a maioria que vai está todo mundo interessado, a maioria está interessado em terminar aquilo ali. É bem bom e também eles dão remição né, é uma coisa melhor pra nós, quando eles mandam o nosso papel pro juiz né. Se o juiz pede o nosso comportamento, daí ele vê que nós estamos estudando, trabalhando né. Tem a remição pelo trabalho e tem a remição pela escola. Também é um comportamento a mais, facilita pra nós irmos embora mais rápido. O principal objetivo é o estudo, eu acho mais importante ele saber que nós estamos estudando do que trabalhando. Eu acho bem mais importante, por que é uma coisa que eles estão ensinado pra nós, aqui não nós estamos trabalhando, é como se fosse um trabalho normal, e ali não nós estamos estudando por que nós estamos interessada a progredir na vida, pra frente, o serviço é normal, o serviço tu trabalha, todo dia a mesma coisa, não aprende nada, agora a escola tu aprende, tu vai pra frente, se bobear tu te forma aqui dentro, tudo, vai de ti né. Tem presa aqui dentro que está fazendo faculdade. Começou aqui e está fazendo faculdade, começou na 4ª série, fez o fundamental, fez o médio e agora está saindo pra estudar na faculdade. Isso que eu acho importante, mais importante que ficar trabalhando.” - *O caso dela foi um incentivo bem grande pra vocês....* – “foi e ela também dá bastante força pra nós estudar, ela também é regalia, ela está no meu alojamento.”

Entrevista – Pedro Volmir Ferreira - egresso

1. Dados pessoais

- Idade: 36 anos
- Estado civil: separado
- Estrutura familiar: nº de filhos – 2 filhos: menino de 16 anos que estuda na 7ª série e menina de 15 anos que estuda na 8ª série
- Origem étnica: (autodeclaração) – moreno/pardo

2. Dados Institucionais

- Recebe visitas: de quem? Quando estava cumprindo pena recebia visita da companheira, dos filhos e de 1 irmão
- Exerce trabalho remunerado: qual o tipo de atividade? qual a carga horária diária e qual o horário? – hoje trabalha na construção civil - parte imobiliária – de 2ª a sábado – é autônomo

3. Dados escolares

- Escolaridade dos pais – mãe tem 53 anos estudou até a 4ª série e hoje está fazendo EJA
 - tem 4 irmãos: um de 30 anos tem o EF incompleto, de 26 anos com EM concluído, de 34 anos é analfabeto – nunca foi na escola e uma irmã de 22 anos com EF incompleto
 - filhos: dados acima
- Idade de ingresso na escola (fora da prisão) – 7 anos
- Série de interrupção dos estudos (fora da prisão) – completou a 4ª série e parou
- Motivos da interrupção escolar (fora da prisão) – separação dos pais, mudaram de cidade e por causa das más companhias desistiu – tentou continuar muitas vezes – inclusive a mãe era merendeira da escola
- Estudou em outra unidade prisional – sim começou a estudar na Penitenciária de Chapecó em 1998
- Há quanto tempo está matriculado na Escola da Penitenciária: carga horária diária e horário das aulas – começou em 1999, concluiu o EF, concluiu o EM e fez 2 vestibulares enquanto ainda estava na prisão. Depois que saiu não tentou mais o vestibular.

Obs. “Se um dia surgir uma oportunidade pra eu voltar, uma bolsa, uma ajuda no aluguel, uma cesta básica, eu volto mesmo, me jogo de cabeça...” “...nesse momento não adianta eu começar e não ter condições de continuar...”

Levantamento de Dados Subjetivos - Entrevistas

- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de uma criança, na vida de seus filhos...*”eu acho que assim, que pra explicar um pouquinho melhor pra não ficar muito complicado: quando a gente vai montar uma empresa a gente vai precisar de um logotipo, então eu acho que o estudo pra criança é isso, é um logotipo, a personalidade vai ser aquela né, a educação vai ser aquilo ali dele, aquilo ali que formar ele. Então é o logotipo de uma pessoa, a personalidade de uma pessoa. O estudo é o que vai determinar como ele vai ser. Pra mim é isso aí, se tiver mais conteúdo assim pra dizer, é **tudo** sabe, o futuro dele vai ser aquilo ali uma personalidade com o estudo né, com educação **de qualidade né**, que a gente busca, luta, como eu estou ainda lutando por causa disso, pra que nossos filhos tenha também uma qualidade de estudo como antigamente a gente também tinha, aí hoje é em poucos lugares, bem poucos, mas nada que nós não podemos fazer também né.*
- Como você percebe o estudo, a escola, a educação na vida de um adulto... *“Assim eu também posso falar da minha mãe também né. E eu agora também vou falar que eu também dei a minha cabeçada né. Eu acho que resgatou, resgatou aquela pessoa, aquele Pedro que a madrinha gostava de estar bajulando, os amiguinhos gostavam de estar em roda e também tinha certos méritos dentro da escola que a gente nunca faltava por causa disso. Por causa de uma professora que te dava um bom estudo, por que tu sabia que aquilo que ela estava falando, a gente via na prova né, a gente via que quando estudava a gente se dava bem na prova e quando não estudava não se dava bem. Então depois com a cabeça um pouco mais feita a gente começa a botar o pingão no “i” direitinho né. Não esquece de fazer o pingão no “i” só com a prova né. E é isso aí né, depois de adulto, é claro né. É um resgate. É um resgate da personalidade boa da pessoa. É um resgate mesmo da educação dela. Da educação da pessoa, do querer o bem pro mundo.*
- na sua vida, antes de vir para a prisão ...*”Uma chatice, eu achava que era uma chatice mesmo. Ir lá pra dentro de uma sala de aula e estar com monte de baderneiro, uma professora que tenta, tenta explicar e você não está ali pra aquilo, então acaba mesmo*

*extrapolando por que está fazendo uma coisa contra a vontade. Então extrapola mesmo e cada vez fica pior. E era isso que eu pensava eu tinha a escola como um **um local de trabalho da minha mãe**. A escola não tinha muito...*

- na sua vida dentro da prisão – em que ano que tu foi preso lá em Chapecó: “foi em 97” aí depois tu começou a estudar em 98 e assim enquanto tu estavas cumprindo pena qual o significado/valor da educação no dia-a-dia da prisão: “*Eu quero falar a respeito da Dona Janete, uma professora que eu tive lá em Chapecó, ela era professora de Língua Portuguesa e Geografia e dava aula também de datilografia. A dona Janete fez eu perceber o porquê da escola, me resgatou na verdade. O por que que a pessoa vai na escola ou vai num curso pra né, pegar a noção das coisas, então você está de fora é uma coisa, quando você entra pra dentro, quando você começa a perceber a coisa, quando você começa a entender direito a coisa na teoria, ou que uma coisa é a prática né, então isso começou a me trazer de volta assim, com aqueles valores, aquela coisa assim, até que por eu ser meio radical, acho que é por causa disso mesmo, então me trazer de volta aquela, de saber no pé da letra, de saber o conteúdo por extenso, por tudo né. Então ali trocou minha, o meu modo de pensar também né, foi trocando já né e aí só que com a escola/ professora depois me iluminou também né, que daí eu fiz esse curso de datilografia, naquele tempo não tinha computador daí um curso de secretário junto. Então fazia uns esquemas lá, que é um quebra-cabeça pra quem está de fora. Mas fazia um esquema que a gente estudando via as coisas se encaixando, que era uma facilidade, quando tu estavas de fora parecia ruim, mas entrava pra dentro tu se apaixonava. Então eu comecei a me apaixonar pela coisa. – E aí no dia-a-dia da prisão isso já trouxe um significado pra ti – “Isso ao invés de eu ficar na janela jogando conversa fora na janela com pessoal que estava no pátio, fumando cigarro, ou isso ou aquilo, eu ia pra cima da “jega” como eles falam, na caminha e ficava no meu estudo, ficava conhecendo o mundo da educação né, conhecendo mais, conhecendo um pouquinho e vendo esse outro lado que né, de estar dentro do estudo mesmo. Pra quem está fora não percebe, mas depois que coloca o pé pra dentro com certeza a maioria vai se apaixonar, a maioria se apaixona mesmo. Os filhotes mesmo até pra pegar um livro é ruim, por que não tem aquele costume pra pegar o livro pra estudar, pra estudar não, pra conhecer o livro, pra conhecer uma história, pra viajar, mas assim eu fico lutando com isso, por que eu sei que amanhã depois se eu botar uns 3 ou 4 livros pra eles de guêla abaixo, aos pouquinhos eles vão começar eles por conta mesmo pra saber da história então, e aí é onde começa tudo né, é saber aquela linha – entrar pra dentro... estudar, educação...”*

- e na sua vida fora da prisão (quando sair) – depois que tu saiu, que significado a educação o estudo teve pra ti, no teu dia-a-dia: *“Não me ajudou nada aqui fora sabe, na parte assim de no caso de eu ter um trabalho né, no caso pra trabalho não me ajudou. Agora por outro lado é o ponto inicial do meu caráter, da minha personalidade. Eu estava envolvido, estava dentro mesmo da coisa, meio injuriado também, família, perdi tudo né, então aquilo agravou né, agravou legal e quando eu descobri que a escola me tirava disso, me ocupava, me tirava lá de dentro, acho que foi a escola junto com meus filhos que foi o ponto de começo assim pra eu não querer mais saber,.....algumas palavras eu não entendi mas o estudo foi o meu ponto inicial da virada, essa virada de cabeça mesmo que eu tive lá dentro.*

Quais as semelhanças e diferenças que você percebe na escola que funciona dentro de uma prisão e numa escola que funciona fora da prisão... *“Isso, eu lembro bem sim, tinha conteúdo, tinha matéria que a gente buscava, revirava os livros, a gente procurava uma matéria que gente precisava estar por dentro, fazer uma pesquisa, né pra se aprofundar, pra querer estudar aquilo, se aprofundar um pouco mais e nós procurava essa biblioteca e não encontrava né, isso, essa era uma grande diferença lá dentro, lá da escola de fora pra essa de dentro. Por que tipo o vestibular, o vestibular vem da rua, ele vem lá de fora, então não é uma coisa que , ele esteja no alcance pra todos ali, é mérito ou ajuda de família ou outra coisa pra ti conseguir um conteúdo inteiro né. Então é isso, ele é vamos dizer desfalcado ali dentro. E aí tem aquela parte de você também muitas vezes querer ir pra escola e não poder por estar né, abaixo da no caso ter que se sujeitar ao desacato deles ali, certas regras, não é nem regras na verdade, é a vontade de pessoas que não tinham nem. É isso lá não, a escola tu queria um conteúdo a professora mesmo te liberava vai lá na biblioteca que você tem, e hoje melhor ainda por computador. Então é isso, eu acho que é assim. Por outro lado ali dentro tive problemas ali com professores, mas foi problemas que de um dia pro outro já está resolvido. E na rua não tinha isso. O conteúdo, mas é. E a maioria dos professores que vem aqui, eles traziam também um conteúdo, que ajudava, que auxiliava mesmo você, então eles traziam carinho, a maioria trazia carinho, né. Traziam um pouquinho de afeto ali pra dentro da escolaridade, traziam o gosto pela escola pra passar pra gente ali que tinha pouco, que era trancado. Que daí vamos botar na balança da nossa professora de português que eu tive um problema uma vez com ela, mas por outro lado não, ela trouxe tipo seminário, quem colocou nós a apresentar seminário foi ela. E aquilo ali meu Deus pra mim foi mesmo de,*

não sei se eu, eu tenho que fazer isso, eu não vou né me, acho que não tenho, por estar bastante vamos dizer assim, vegetando, eu não era capaz, eu achei que não era capaz, depois que eu consegui concluir ele pra apresentar, antes de apresentar eu já estava seguro, é de apresentar o seminário lá. Então se eu for botar na balança dá elas por elas. Por outro lado trouxe pra mim uma grande coisa, que eu sou capaz também de certas coisa que eu achava que não era. Principalmente os professores ali dentro, tem professor que nós somos amigos até hoje. Então eu vou botar que a pessoa que vem ali dentro mesmo, que o professor que vem ali eu acho que tem um pouquinho mais de amor a camisa. Do que o professor ali fora também, por que é triste né. Eu já pedi ajuda pra tirar os meus filhotes de uma escola que eu via que não tinha conteúdo, era muito conselho de classe e isso não é legal. A diferença eu acho que é por aí, tá mais no caráter do professor mesmo né. Acho que a maioria que vem aqui também já vem com um propósito né, não só como é que se diz, o conhecimento, mas o amor a camisa. Eu me lembro que tinha uma professora que tinha um problema, eu não me lembro bem qual era a disciplina, ela era toda Pink, então 2 ou 3 vezes que ela veio ali dentro ela trouxe esse problema, mas abriu né, daí a gente viu ela diferente e ela abriu.